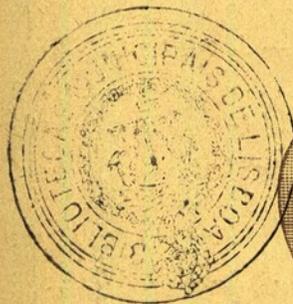


1 a 6
COMPRAS
ABR. 1902

SERÕES



REVISTA MENSAL
ILLUSTRADA

SUMMARIO

A CERAMICA DE RAPHAEL BORDALLO.— DE LISBOA A MOÇAMBIQUE.— UMA ENTREVISTA NO BOSQUE — MARTYRES.— OS JARDINS DE LISBOA — DANSONS!... — MAL DE HERANÇA.— CURIOSA CONFISSÃO D'UM REI— O DIA DAS SÉSTAS — PONTOS FRACOS DA TERRA — VARIEDADES

VOL. II

ABRIL — 1902

NUM. 11

Administração: 7, Calçada do Cabra, Lisboa

Preço 200 réis

SUMMARIO

	Pag
A CERAMICA DE RAPHAEL BORDALLO. — <i>Por</i> ABEL BOTELHO. — <i>Com</i> 13 gravuras, reproducções de photographias.....	259
DE LISBOA A MOÇAMBIQUE. — <i>Por</i> ANTONIO ENNES. — 2. ^a PARTE — <i>Capitulo I.</i> — QUELIMANE, O PORTO, A CIDADE, A NATUREZA. — <i>Com</i> 4 gravuras, reproducções de photographias.....	270
UMA ENTREVISTA NO BOSQUE. — IDYLLIO PRIMAVERIL. — <i>Versos por</i> PEDRO VIDOEIRA. — <i>Com</i> 1 illustração.....	277
MARTYRES. — EPISODIO DA PERSEGUIÇÃO DE DIOCLECIANO. — <i>Por</i> T. LINO D'ASSUMPCÃO. — <i>Capitulo X</i> — O JULGAMENTO. — <i>Capitulo XI</i> — A TORTURA — <i>Com</i> 2 gravuras, copia de photographias.....	279
OS JARDINS DE LISBOA. — <i>Com</i> 11 illustrações.....	285
DANSONS!... — PAS-DE-QUATRE — <i>Por</i> M. JULIA LOUREIRO DE MACEDO.....	291
MAL DE HERANÇA. — ROMANCE. — <i>Segundo</i> HALL-CAINE. — <i>Com</i> 5 illustrações.....	293
Retrato de senhora — <i>Quadro de</i> J. MALHÔA.....	301
A volta da romaria. — <i>Quadro de</i> J. MALHÔA.....	302
CURIOSA CONFISSÃO D'UM REI. — MYSTERIOS DA HISTORIA. — <i>Com</i> 5 illustrações.....	303
O DIA DAS SÉSTAS. — <i>Com</i> 3 gravuras, copias de photographias.....	313
PONTOS FRACOS DA TERRA. — <i>Com</i> 3 gravuras, copias de photographias.....	315
VARIEDADES. — MEMENTO ENCYCLOPEDICO. — PHOTOGRAPHIA PRATICA. — PA-CIENCIAS. — PROBLEMAS.....	XXXIII

49 GRAVURAS

AVISO. — N'esta administração e nas nossas agencias vendem-se pelo preço de 400 réis capas em percalina, propriedade dos SERÕES, segundo a lei, destinadas ao 1 volume da Revista. Pela encadernação, de que tambem se encarregam, acresce mais 100 réis.

Chama-se a attenção dos compradores para a proveniencia das capas, devidamente marcada, afim de as distinguir de imitações grosseiras que tem apparecido no mercado.

CONDIÇÕES D'ASSIGNATURA

Os senhores assignantes de **Lisboa** e do **Porto** podem satisfazer o preço do numero no acto da entrega ou pagar serie adiantada de 12 numeros, tendo n'este caso a redução do preço a **2\$200 réis**, o que equivale a receber *gratuitamente* um numero da serie.

Os senhores assignantes de qualquer outra terra do paiz, ilhas e possessões portuguezas, poderão inscrever-se (pagamento adiantado) por :

Series de {	3 numeros	600
	6 numeros	1\$200
	12 numeros	2\$200

Para o **Brazil** e paizes da **União postal**, por :

Serie de 12 numeros (moeda portugueza) 3\$000

remettendo á administração dos **SERÕES**, em Lisboa, Calçada do Cabra, 7, a respectiva importancia *directamente*.

O diminuto preço d'esta revista não supporta o encargo de cobrança pelo correio

M. A. BRANCO & C.^A

PAPELARIA PROGRESSO

LISBOA — 151, RUA DO OURO, 155

OFFICINAS A VAPOR: *Rua do Crucifixo, 60 a 66*

Gravura heraldica e commercial — Carimbos de borra-
cha. — Typographia e lithographia. — Bilhetes de visita.

TABACARIA MARQUES

RUA DO OURO, 152

SEMPRE NOVIDADES!

Bolsas para tabaco e dinheiro.
Cigarreiras e Charuteiras, de cabedal e metal.
Bilheteiras e Carteiras, ultimos modelos.
Cachimbos d'ambar, espuma e raiz.
Boquilhas, legitimo ambar amarello e preto.
Boquilhas hygienicas Marques, com deposito
para nicotina.

Revistas navaes, militares, theatraes e modas

Obras litterarias e romanticas



LOPES, LOURENÇO & C.^{TA}

Proprietarios da CASA AMIEIRO

Confecções
para
homem
e
senhoras

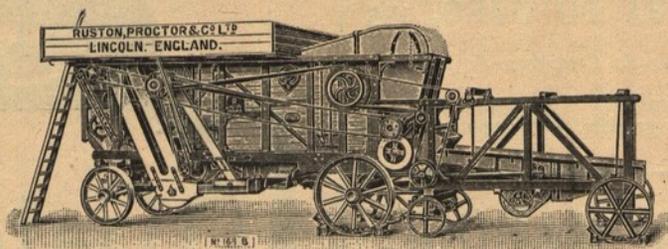


Sortimento
completo
de
tecidos
de
novidade

45, Rua Ivens, 47, 1.^o

Debulhadoras e Locomoveis

RUSTON, PROCTOR & C.^o, L.^{TD}



Agente geral em Portugal e colonias

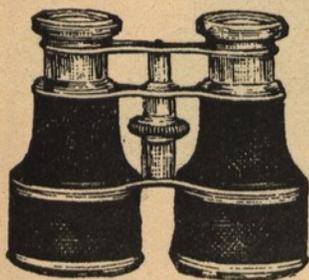
CARLOS CORRÊA DA SILVA

Rua Serpa Pinto, 24 — LISBOA

J. J. RIBEIRO & C.^A

INSTRUMENTOS DE OPTICA E CIRURGIA
TOPOGRAPHIA, ASTRONOMIA, ETC.

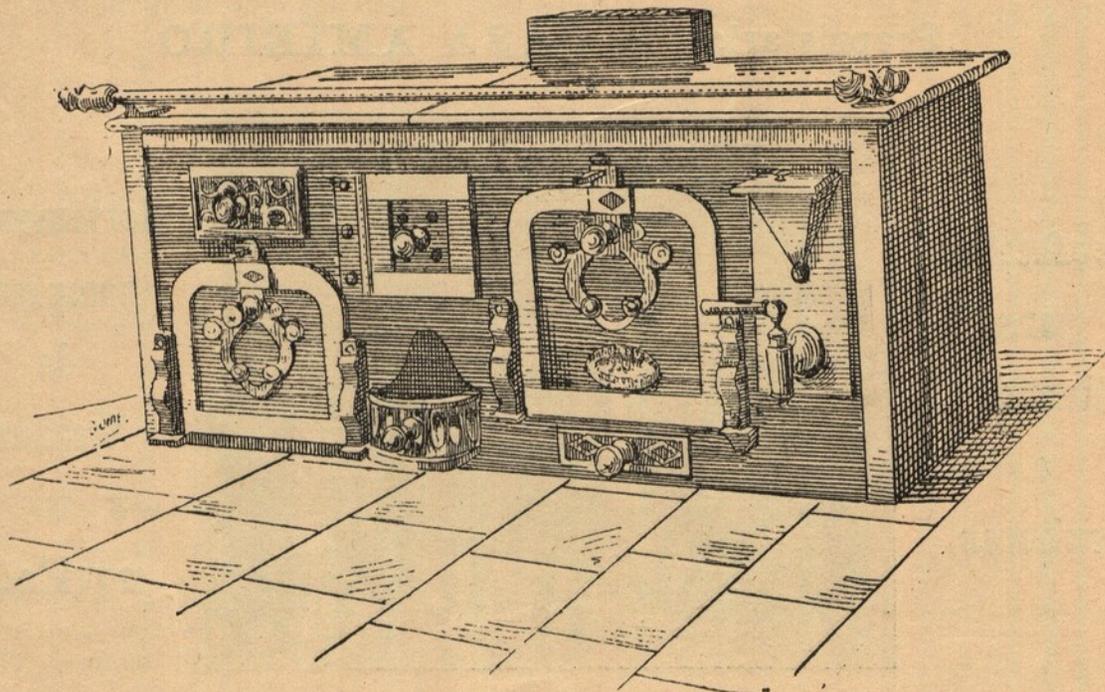
Grande sortimento de machinas e accessorios para photographia
OBJECTIVAS DOS MAIS AFAMADOS FABRICANTES



222, RUA AUREA, 226
LISBOA

MANUFACTURAS DE FERRO, COBRE E BRONZE

MANUEL PATRONE



Balanças diversas. Grande fornecimento de accessorios para luz de incandescencia e candieiros para gaz

RUA DE S. PAULO, 109



RAPHAEL BORDALLO PINHEIRO NO SEU «ATELIER», NAS CALDAS DA RAINHA



ASPECTO DA FABRICA DAS CALDAS DA RAINHA

A Ceramica de Raphael Bordallo

A O ENCETAR este artigo, a primeira coisa que me occorre é a extraordinaria impressão produzida em Lisboa pela primeira exposição de faianças artisticas, realisada por iniciativa de Raphael Bordallo Pinheiro, vae para dezeseis annos, nas salas da redacção do *Commercio de Portugal*, na rua Ivens.

Nunca entre nós tanto se elevou a admiração e o carinhoso enlevo por esse singular e portentoso artista. Nunca o seu prestigio foi maior, nunca mais avassalladora e empolgante correu mundo a sua fama. Era uma nova manifestação, tão intensa quanto imprevisada, do seu genio irrequieto, da sua insaciavel febre de producção. Conhecido e apreciado então quasi exclusivamente pela sua torrentuosa *verve* caricatural, quando este nosso admiravel demolidor pelo lapis annunciou uma exposição de faianças, toda a gente imaginou que iam os achar-nos em presença d'uma nova modalidade, d'uma variante na exteriorisação da sua ideosyncrasia esthetica, — a qual seria a applicação da caricatura á olaria.

E lá havia, com effeito, n'essa primeira exposição, já agora celebre nos annaes da evolução artistica em Portugal, impresso espontaneamente o exaggero caricatural, na curva, gibbando demasiada, d'um ou outro vaso, na flagrante exhibição de varios typos das ruas. Mas a nota predominante era a de uma séria e valente tentativa de renovação da industria decorativa dos barros no nosso paiz. Afinavam-se as velhas formulas, improvisavam-se, tendo por base as linhas tradicionaes do passado, maravilhosos *motivos* novos de decoração, e tudo isto dava, de envolta com o estonteamento produzido por uma tão galopante profusão de coisas novas, a mais intensa e empolgadora impressão de inédito, um grande assombro envaidecido, o que quer que fôsse de surprehendentemente bello, entornando em nossas almas deslumbradas uma claridade que seria impossivel descrever.

Foi exactamente no mez de março, a 2, que essa primeira exposição se realisou, nas duas salas já consagradas ao culto da arte pelo sympathico *Grupo do Leão*. E foi ali que, pela primeira vez deante do grande publico,

o genial commentador da nossa sociedade pelo grotesco se amostrou modelador. E modelador exímio, retratando a Natureza e a Vida dentro das mais escrupulosas formulas de verdade.

Tres caracteres resaltaram logo bem salientes d'esta primeira phase na obra ceramica de Raphael Bordallo: a perfeição dos processos technicos, a pureza e elegancia das fórmãs, a tradição e o afinamento dos typos nacionaes. O esmalte, o polimento, o vidro eram em geral d'uma firmeza e transparencia arabe, limpísimos, finos, impeccaveis; as côres, algumas d'uma novidade encantadora, e todas d'uma variedade luxuriante, eram por igual sadias e valentes, já mantendo por toda a superficie do artefacto a mesma egualdade de tom inalteravel, sem um grão, sem uma mancha, já escorrendo deliciosamente, n'um dôce esbatido, dos bórdos para o fundo dos pratos, das amplas bocças das talhas para a sua base retincta, — como se, em vez d'uns processos elementares de cosedura, este principiante dispozesse já dos fornos com temperaturas graduadas por andares, e outros meios scientificos de progresso, que assignalam hoje a superioridade, a fama universal, por exemplo, dos grês artisticos de Dammouse e dos *fabrile glass* do americano Tiffany.

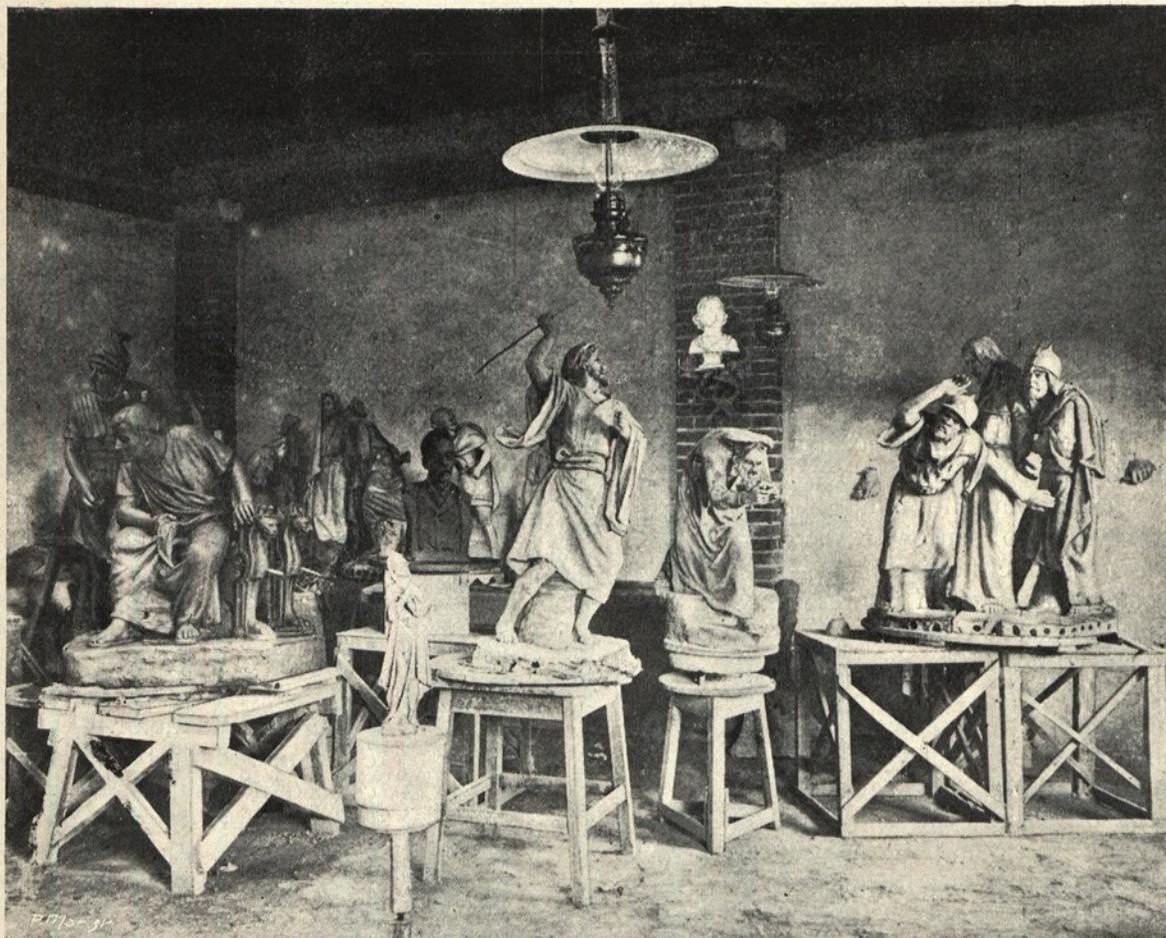
O certo foi que Raphael Bordallo, n'essa sua primeira exposição, attingiu de salto, e procedendo apenas de instincto, guiado pelo

videntismo empirico do seu genio, effeitos perfeitamente comparaveis aos dos mais dextros manejaadores do genero, lá fóra. E se perguntarem á minha memoria, que d'esse dia feliz conserva impressão indelevel, quaes modelos preferiria em incio de tanta preciosidade, ella n'uma commovida hesitação não saberia que responder. Mas recordo-me muito bem que me fascinaram de preferencia uns esplendidos jarrões alongados, ligeiramente conicos, da côr *mâte* do barro natural, bellos a mais não poder ser na sua frescura arrogante, na sua curva purissima, e tendo a franca nudez guarnecida a um lado apenas por um enorme pé de gyrasol, vidrado e com as côres naturaes, dando o proprio vigor do esmalte a illusão de que essa gorda haste escorria humida de seiva, emquanto ao alto as pétalas, fulvas como um diadema, pendiam divididas em parte, resequidas da aragem, mordidas do sol. Outras peças havia ainda, maiores, como uma immensa talha verdene-gra, de bôjo pantagruelico, com algas marinhas torcendo-se-lhe voluptuosas no flanco, e no mais audacioso da curva, suspensa languidamente, em alto relêvo, uma grande flôr de magnolia, nostalgica das alturas, as pétalas muito perfeitas, o ar soffredor. E a variedade, a riqueza, a superabundancia, a vivacidade, o brilho dos esmaltes e das côres eram surprehendentes; havia de tudo, desde os verdes e vermelhos mais rudimentares até a



DUAS JARRAS ORNAMENTAES

(Da collecção do Ex.^{mo} Sr. José Relvas)



ALGUMAS FIGURAS E GRUPOS PARA AS CAPELLAS DO BUSSACO

gamma difficil dos rôxos, até a um esmalte admiravel, côr de cereja, vivissimo e scintillante como uma lacca do Japão, que formava um pequeno centro para flôres, e que uma cercadura de folhinhas miudas de parra, d'um verde tenro, abraçava maviosamente.

Vinha depois a deslumbrante miscellanea, o magnificante arsenal dos objectos fabricados com utensilios de uso domestico: os abanos *porte-lettres*, as bilhas, os picheis alemtejanos, as *suspensões* feitas de alcôfas e abanos, os pratos com rêdes de pesca, os cinzeiros de buzios e conchas, os castiçaes de canna rachada que um reptil atravessa, as rãs, os cavallos marinhos, as cebolas, os feijões, os sapos. Toda a nossa historia intima exteriorisada pelo barro, com uma exuberancia de phantasia e uma justeza de fôrma e côr como não ha memoria em nenhum outro paiz do mundo. Nem os etruscos fôram mais exactos, nem os japonezes mais imaginosos. Nunca ahi nenhum dos seus artistas teve tão intensa e vibrantemente suggestionada a sua *vis* creadora, como Raphael Bordallo, pelo sentimento nacional.

Comtudo, para quem conhecia um pouco

mais intimamente o grande caricaturista, esta nova feição da sua actividade assombrosa não constituiu uma surpresa. A sua mania, a sua paixão de modelador vinha de lóngo, quasi da sua primitiva adolescencia, — dos 14 annos. Como todas as organizações arriegadamente artisticas, a linha simples, a côr não o satisfiziam; faltava-lhe o volume á completa realisacão do seu sonho plastico. Queria apprehender e fixar a Verdade por todas as suas faces, em todos os seus aspectos, para que a exteriorisacão fôsse mais perfeita. Desde os primeiros annos da meninice que sonhára com a Academia de Bellas Artes, porém afastára-o sempre meticulosamente d'esse caminho o pae, que, embora artista de merito, da arte quasi não colhêra senão dissabores e intrigas.

Destinava elle o pequeno á carreira juridica, e para isso o trazia matriculado, a estudar preparatorios, no Lyceu das Mercarias. Porém, um primo e futuro cunhado de Raphael, a quem este revelára a sua indomavel vocacão artistica, e em especial, áquelle tempo, a paixão pelo theatro, levou-o uma noite a assistir a um ensaio, ao chamado *Theatro*

Garrett, na travessa do Forno, aos Anjos. O teu dar-lhe brevemente um papel. Nem haveria para elle melhor recompensa... Achavam-lhe um bello typo para actor, no genero do Santos *pitôrra*. A vivacidade do gesto, a graça natural, a têz de canella, o cabello revoltado, os olhos profundos promettiam com effeito todo o *décor* physico indispensavel para um grande e glorioso dominador da scena.

E Raphael, com uma ingenua febre de predestinado, preparou-se para a sua bem amada profissão. Nunca mais foi ao Lyceu, nunca mais abriu um livro; e ao mesmo tempo matriculava-se nas aulas da escola dramatica, que acabava de ser fundada, sôb a direcção de Duarte de Sá. Queria ser fatalmente, indispensavelmente actor.—Quem é que não tem a borbulha do comico no seu passado?... Ou um papel de galan, ou um livro de versos, é o sarampo intellectual de nós todos. Isto não falha.

Mas acudiu-lhe o pae a tempo, com remedio certo, a este perigoso ataque de bretoeja scenica. Arranjou-lhe um emprego na secretaria da camara dos pares, a 25\$000 réis por mez. Passava-se isto em 1863. E tão depressa se vê com aquelle dinheiro deante de si, já não mais quér o nosso Raphael saber de arte dramatica, de pastas, nem de ornatos. Cura simples e alegremente, como moço entusiasta e sadío que era, de divertir-se e gosar. Ainda assim, seguiu com interesse os cursos nocturnos da Academia de Bellas Artes e o Curso superior de letras. A sua formidavel vocação artistica e a tendencia para o modelador lá ficavam, sopitadas, para romperem vinte e tres annos mais tarde, com toda essa deslumbrante riqueza, originalidade e exuberancia a que ha pouco me referi.

Entretanto, a miude o novel decorador interrompia a sua faina, para seguir em extasi os ensaios, todo pendurado do andaime, n'um alheamento embevecido. Quando terminou, a direcção nomeiou-o socio de merito e promet-

E foi assim como este tumultuario e genial artista, depois de haver ensaiado com resul-



O INFANTE D. HENRIQUE

tado a aguarella, depois de ter composto com um talento delicado e profundo essa admiravel collecção de satyras figuradas, *O calcanhar de Achilles*; e, a seguir, *O Binoculo*, a fulgurante *Lanterna Magica*, com Guilherme de Azevedo e Guerra Junqueiro, os *Theatros de Lisboa*, com Julio Cesar Machado, e um

sem numero de illustrações para jornaes, nacionaes e estrangeiros; tendo divagado annos pelo Brasil, e inaugurado, ao voltar, ainda com Guilherme de Azevedo e Mattos Moreira como socio capitalista, esse portento de espirito, de veia caustica e impressiva therapeutica social que foi o *Antonio Maria*; tendo passado bastante tempo a desbaratar por esta fórma, a mais prompta e facil, sem conta, pêso, nem medida, atabalhoadamente como os incorrigiveis perdularios, o torrenuoso veio da sua phantasia, as immarcesciveis fontes do seu genio, Raphael Bordallo regressou então, n'uma delirante exacerbação de enthusiasmo, aos seus sonhos de modelador, ás saudosas predilecções antigas, e isolado na thebaida ridente das Caldas, n'um puro viver de anacorêta, abstracto e feliz, vivendo só com os seus barros, as retortas, os pinceis e a chimica, conseguiu, a poder de imaginação, tenacidade e esforço maravilhhar-nos com essa portentosa alluvião de *motivos* decorativos, — crear positivamente um mundo novo.

E aqui cabe naturalmente perguntar por que razão foi que um tão celso e original artista, dispondo d'um temperamento tão independente e tão pessoal, tão ávido de inédito, ancioso por attingir as mais altas culminações estheticas, se deu a escolher um material infimo e grosseiro, qual é o barro, para

n'elle fixar os rasgos da sua imaginação e as sarabandas ideaes do seu espirito? .. Pois a porcelana, por exemplo, não seria mais ductil, mais nobre? Não se prestaria melhor aos caprichos de visionação do seu engenho?

Raphael Bordallo Pinheiro bem sabia que não. Indubitavelmente a porcelana é a rainha

da ceramica, mas os seus melhores artefactos só se obtêm sacrificando em certo modo a espontaneidade. Tem de ser tratada com delicadezas e carinhos que não se compadecem com o nervoso *élan* da improvisação. A porcelana, com a suavidade das fórmas, a finura das suas pastas, a sua transparencia e esplendida alvura, requer um tratamento classico, é o instrumento de trabalho dos temperamentos methodicos, pautados, comendo a frio. O grés, não; esse tem as colorações intensas, tem os asperos e vigorosos resaltos, é por excellencia a argamassa dos grandes innovadores. Afeiçõa-se n'um prompto e retêm com escrupulosa justêza o toque instantaneo que o artista lhe imprimiu n'um illuminado instante de inspiração.

Sôb este ponto de vista, a plasticidade das argillas é inexcedivel. Já o barro de que se serviam os oleiros gregos lhes permittia encurvarem graciosamente, com uma simples dedada, as maravilhosas ansas das

suas cupas e vasos, dando-lhes n'um relance essas lindas e atticas fórmas, ainda hoje e sempre imperecivelmente bellas. Mas se quizermos fazer coisa analoga em porcelana, havemos de executar primeiro o molde em gesso, e na fastidiosa passagem d'uma para outra substancia lá se vae o melhor do encanto das linhas, devido á improvisação.

Nada, pois, como o barro para a fixação

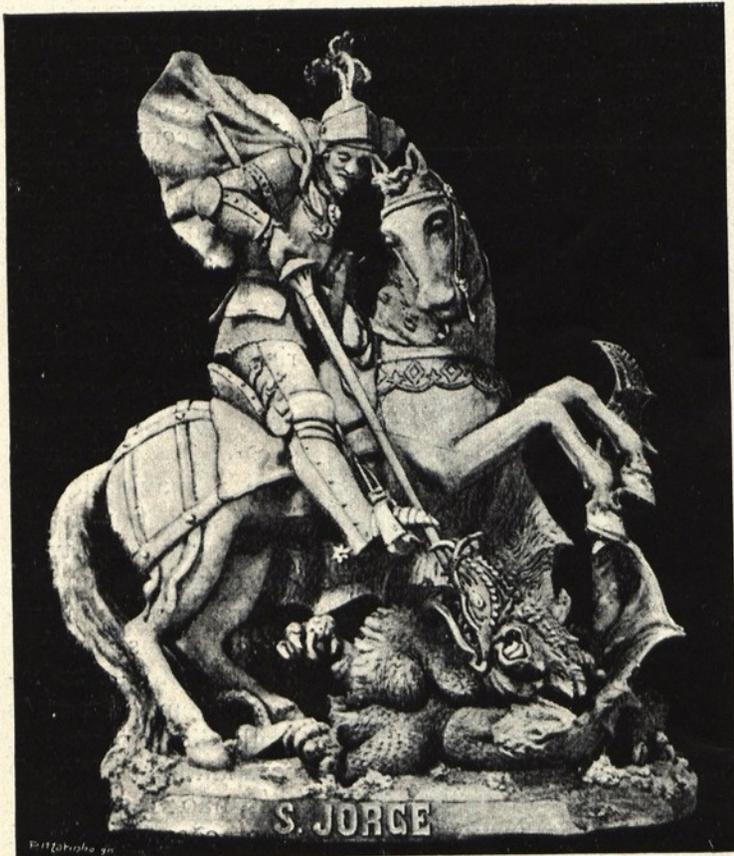


A JARRA MANUELINA

(Do Paço Real das Necessidades)

da idéa plastica de momento. E' imprimil-a e ficou. E nem mesmo de ordinario lhe amol-

guez, que este dispõe d'uma phantasia mais larga, mais complicada e exuberante. Mas eu acho em Raphael Bordallo Pinheiro mais convergencia de caracteres ainda e maior somma de factores de aproximação com esse outro extraordinario e impetuoso artista que é Joseph Chéret.



O S. JORGE

(Da collecção do Ex.^{mo} Sr. J. O'Neill)

lece o vigor das arestas a temperatura, que para o barro não precisa ser tão elevada como na cosedura dos kaolinos, a que ella reserva por vezes bem desagradaveis surpresas. E tanto o barro se considera ser o mineral por excellencia consagrado á modelação mais intensa e mais vivida, mais intimamente cingida á Natureza, que até no seu symbolismo sagrado a Biblia, ao celebrar a criação do homem, é um pedaço de barro que põe nas mãos do Creador.

N'um magnifico artigo, composto com raro esmero litterario e publicado pelo sr. José de Figueiredo na *Revista Moderna*, vejo o nosso Raphael Bordallo comparado vantajosamente, como ceramista, ao insigne modelador e decorador francez que é Lachenal. A aproximação é verdadeira em muitos pontos. Ha com effeito n'estes dois requintados temperamentos artisticos analogias bem flagrantes, na sua predilecção pelo exacto surprehender da vida, na agudeza potente da retina, na delicadeza e no vigor, na maneira tão pessoal de colorir e de modelar. Com a differença, ainda assim, em vantagem do artista portu-

guez, que este dispõe d'uma phantasia mais larga, mais complicada e exuberante. Mas eu acho em Raphael Bordallo Pinheiro mais convergencia de caracteres ainda e maior somma de factores de aproximação com esse outro extraordinario e impetuoso artista que é Joseph Chéret.

Este admiravel compositor ornamental, tão notavel como modesto, fez-se tambem fóra da influencia dos governos e das escolas, extrahindo o principal segredo da sua força, da intuição, e bebendo á farta n'essa eterna fonte do Bello, que intimamente se adivinha, e que, fugindo a todas as regras, não ha meio de aprender. E' tambem, como o nosso Bordallo, homem de pouco mais de cincoenta annos. E, igualmente como este, foi já depois de 1886 que Joseph Chéret evidenciou, na exposição do Campo de Marte, a ultima e definitiva feição do seu talento, deslumbrando toda a gente e indicando com a segurança d'um precursor, ao desnorteamento de então dos artistas seus contemporaneos, qual o assoalhado caminho para a anciada Terra da Promissão.

Chéret nunca se dedicou especialmente á fabricaçào industrial de porcelanas, bronzes ou faianças; a sua nervosa especialisação de trabalho não passa dos desenhos, da modelaçào dos barros. Masahi é que eu encontro o maior parallelismo de aptidào com o artista portuguez, — a mesma simultancidade afogueante de caracteres, tanto no fogoso impeto do processo, como na quasi justeza do momento em que ambos rompêram a accender sobre o trivialismo inerte dos contemporaneos o seu largo sôpro revolucionario. Ainda assim, o nosso appareceu primeiro.

Tendo recebido de Bonnat apenas o *quantum satis* de educação academica para lhe conduzir a mão sem enleiar a phantasia, Chéret denota na grande maioria das suas composições uma arte toda de instincto. As suas taças, as suas amphoras, jarrões e cupas festôam-se de animaes, de figuras vivas: mulheres mythologicas, amorinhos brincões e tenros *babies*, arrebatados todos em attitudes que dão a perfeita illusào do movimento, tocados de sacudidos fremitos, d'esse estretecimento de carne palpitante, como, desde

as poderosas nymphas pagãs de Clodion, ainda nada de comparavel tinha tornado a apparecer.

Pois é exactamente e de preferencia esta allucinação ardente de verdade, o segredo da dedada impressiva, da curva, da aresta denunciando n'um bem surprehendido instante a Vida, que na obra ceramica de Bordallo mais me surprehende e seduz. Com a differença tambem agora que, emquanto Chéret se tem limitado quasi á figura, á composição de grupos soberbos de espontaneidade e arrogancia, — mulheres e faunos que n'uma luxuria selvagem espolinham pela luz bojante das curvas os contornos diabolicos das suas fórmãs, — Raphael Bordallo, pelo contrario, abrange no *élan* vehemente do seu poder evocador a creação inteira: toda a sorte de animaes e de plantas, a graça alada das flôres e a petulancia minuscula dos insectos, o musgo embricado das algas e das conchas os

seu genio, para nos offerecer depois, em mol-des que palpitam, a exteriorisação inquieta do seu sonho.

Sôb este ponto de vista, comparados com os melhores productos das Caldas, chegam a parecer-me falhos de phantasia os admiraveis grés modernos de Dammouse, Glatigny e Michel Cazin. Raphael Bordallo determinou n'este ramo da industria uma revolução analogã á operada por Meissen nos Saxes. E os seus *motivos* decorativos, embora lembrem em alguns pontos a corrente esthetica mais recente seguida tambem em Sèvres, nada



UMA FLOREIRA * — Da collecção de Madame Anna von Moser v. Kaufmann, de Stuttgart

nacarados ninhos, tudo elle afeiçôa e domina e amolda á tyrannia empolgante do academicos que hoje ali realizam, em *biscuit*,

* Esta floreira, ainda recentemente acabada, foi encommenda do sr. Eduardo de Moser para offerecer a sua prima Anna von Moser por occasião do seu casamento com Eduard von Kaufmann, tenente do regimento de uhlanos do rei Carlos I de Wurtemberg.

Fremiet, — um verdadeiro iniciador em materia decorativa, — Leonard e Gardet, seguindo a traça gloriosa de Paul Dubois, Delaplanche, Houssin, Charpentier e Oudry.

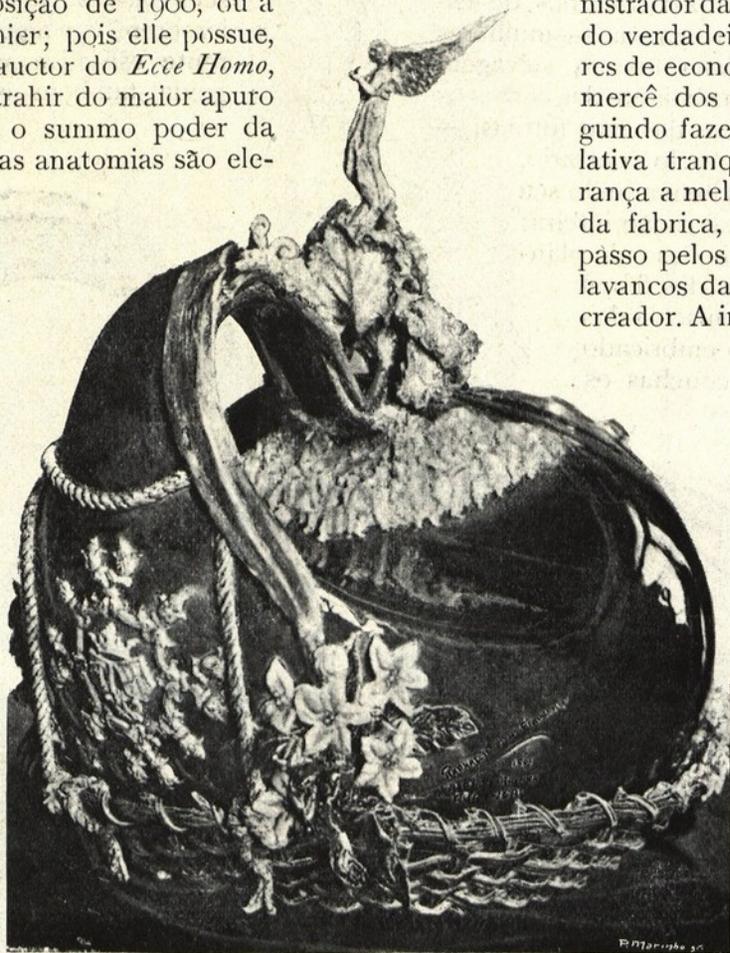
Mas se remonto particularmente á escultura e admiro esses extranhos grupos para as capellas do Bussaco, a minha admiração sóbe ainda de ponto, e eu tenho que comparar Bordallo, com todas as suas quebras de unidade e incoherencias, a Guillot, o celebre auctor do *Friso do Trabalho*, na porta monumental da Exposição de 1900, ou a Constantin Meunier; pois elle possui, como o titanico auctor do *Ecce Homo*, este dom de extrahir do maior apuro da simplicidade o summo poder da expressão; as suas anatomias são elementares como as formas primitivas; participam, na sua mesma sóbria e dura plastica, do que quer que seja da rígida densidade da propria Força.

A historia da fundação e conservação da fabrica de faianças de Raphael Bordallo Pinheiro nas Caldas da Rainha é toda ella cortada de accidentes, de movimentados episodios, e desenrola-se n'uma alternancia irritante de crises de

desalento e alvoradas de esperança, cuja summaria descripção nos levaria um volume. De tudo porém tem sabido triumphar o denodado artista, armado d'esta inabalavel tenacidade e confiança que é apanagio dos temperamentos feitos para dominar. Luctando estoicamente com a deficiencia do *meio*, quasi sempre com pocos recursos, atravez de mil difficuldades e contratempos, Raphael Bordallo lá vae entretanto conseguindo manter em laboração, embora discreta, a sua fabrica, se não com resultado compensador para elle, ao menos para lustre e honra da arte nacional.

E justo será lembrar que n'esse difficil tor-

neio de vicissitudes alguns raros collaboradores tem o artista encontrado, cuja inexcedivel dedicação e provadissima lealdade muito effizantemente vão contribuindo para amparar-lhe os esmorecimentos e facilitar-lhe a improba canceira da tarefa. Tal o nome de Augusto José Baptista, o indefesso companheiro de tantos annos, um habilissimo cooperador e um provado amigo, em quem Raphael Bordallo deposita confiança plena; tal Gonzaga Gomes, o honestissimo administrador da fabrica, executando verdadeiros jogos malabares de economia e tino pratico, mercê dos quaes vae conseguindo fazer singrar com relativa tranquillidade e segurança a melindrosa instituição da fabrica, sacudida a cada passo pelos desordenados solavancos da phantasia do seu creador. A influencia, hoje de-



OUTRO ASPECTO DA FLOREIRA

terminada pelos processos renovadores de Bordallo na olaria portugueza, é bem manifesta. Já depois da sua fabrica das Caldas se fundaram, proxivamente com a mesma orientação artistica, as conhecidas fabricas de faianças modernas em Alcantara, Coimbra e Aveiro; e muitos habeis artifices que na fabrica de Raphael se crearam, que ahí haviam feito a aprendizagem e recebido a impagavel lição do mestre, debandaram depois e hoje espalham o benefico exemplo da sua iniciação por varias outras fabricas, não só nas Caldas mesmo, como no resto do paiz.

Mas nem só transfugas ha felizmente que registrar nos annaes da celebre fabrica das Caldas da Rainha. Alguns leaes e devotados cooperadores ali se conservam, inseparaveis de Bordallo, e de razão considerados *filhos da fabrica*, para onde entraram creanças e á qual votam o mais grato e entranhado amor. Francisco Elias e José Carlos dos Santos merecem bem este epitheto carinhoso. O primeiro é

um exímio formista; o segundo tem principalmente a seu cargo as *emballages*, mistér que exerce com tamanha perfeição que tem hoje a fortuna de fazer chegar ao seu destino, sem uma arranhadura, sem uma fenda, os objectos mais delicados. E ambos são inseparáveis da fabrica e dedicadíssimos pelo seu mestre, ao qual, refractarios ao desalento, têm inalteravelmente sempre acompanhado nos mais angustiosos momentos da sua labuta artística. — E têm sido tantos!

Raphael Bordallo, como ceramista e modelador, creou uma estilisação puramente sua. A sua exuberancia de meridional impelle-o febrilmente, de continuo, a vencer dificuldades. A impetuosidade da seiva creadora torna-o excessivo. D'ahi, pelo que respeita á *quantidade* de arte a empregar, lhe succede por vezes cahir em demasias de ornamentação, n'uma especie de gongorismo

plastico; e, pelo que se refere ao *volume* do artefacto a produzir, seduzem-n'ò por igual tentações de megalomano, de productor de coisas grandes. Foi esta a genese da lindissima e imponente talha *manuelina*, que hoje se conserva no Paço das Necessidades; e foi a origem tambem da soberba jarra Beethoven, es-

sa nunca assaz celebrada peça ceramica, porque é um dos mais completos e felizes exemplares que se conhecem, realizados por mão do homem, da opulencia ligada á harmonia attica do conjuncto.

Mas d'esta celebre jarra só as peripecias da construcção, só a sua modelação, cosedura, transporte, etc., constituiram uma odysseia de dificuldades e amarguras, por vêzes comica, e em todo o caso capaz de fazer desalentar o mais esforçado. Primeiro eram as duvidas dos extranhos, dos mesmos operarios, sobre a probabilidade de se aguentar de pé, em cru, uma peça de barro de tão avantajadas proporções; depois sustentava-se que o forno

seria incapaz de a coser; obtido este milagre, era agora o transporte que se tornaria impossivel de alcançar, para uma bisarma tão complicada e formidavel. Afinal, nós todos vimos aqui essa maravilla, intacta, no theatro *D. Amelia*, e integra e completa ella lá chegou ao Brasil, onde hoje se ostenta no palacio da presidencia do Rio de Janeiro.

Queria citar aqui, só de nome que fôsse, os principaes artefactos, as primeiras entre as modelares composições ceramicas de Raphael Bordallo Pinheiro, tão assombrosas pela exuberancia de phantasia como pelo maravilhoso poder da realisação. Mas aonde iria essa lista parar...? Ainda assim, recordarei apenas aquelles exemplares de que

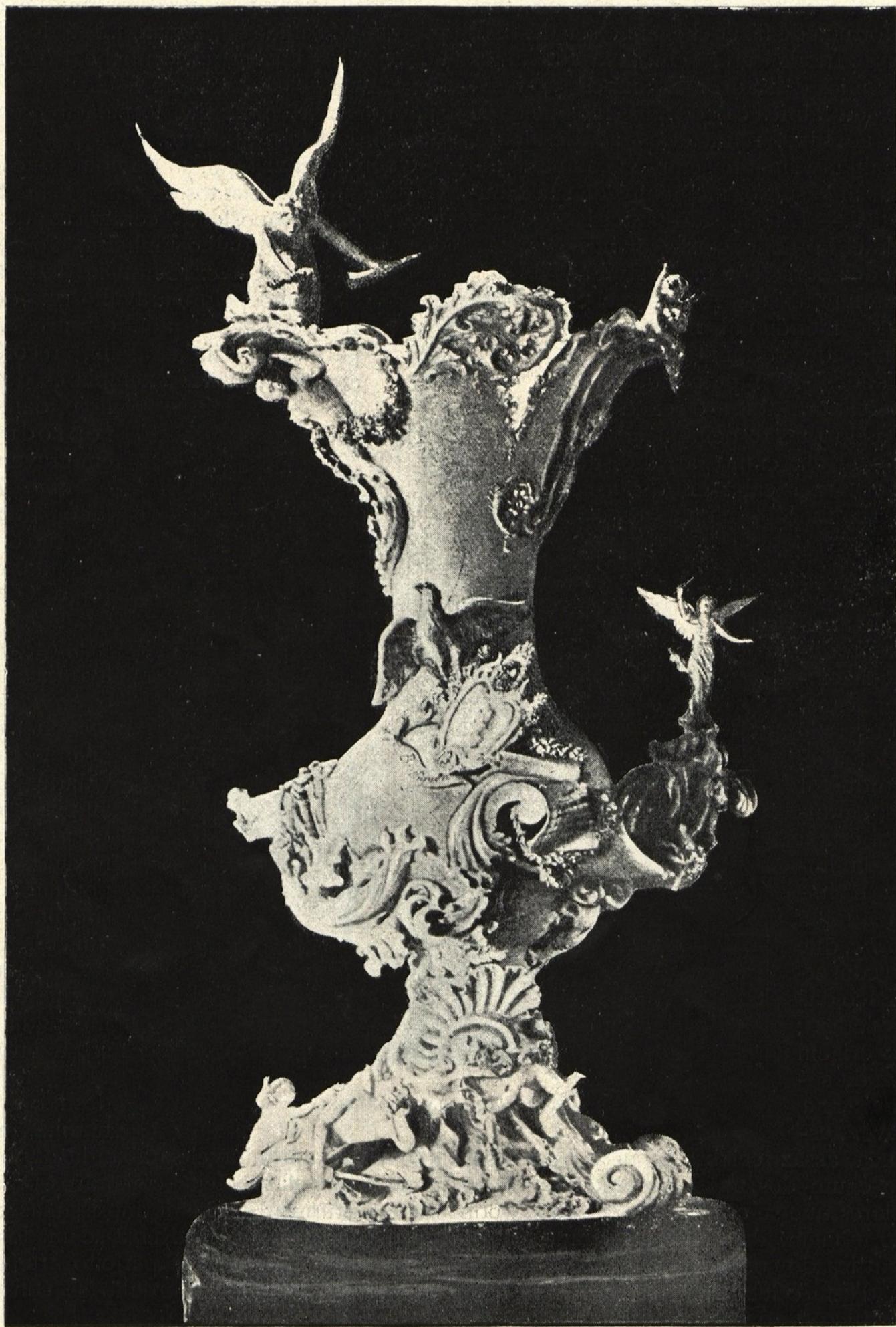
hoje damos a reproducção em gravura: tal o *São Jorge*, feito para a decoração da sala de jantar do sr. Jorge O'Neill; a delicada divisa allegorica da livraria Gomes; o *Santo Antonio*, tão cheio de mimo e suavidade, feliz ampliação da estatueta do mesmo santo popular; essa singular jarriinha, especie de *gourde*, ultimamente encomendada pelo sr. Eduardo Moser, com destino á Allemanha, e em



OUTRA FACE DA FLOREIRA

que ha uma admiravel sarabanda das nossas danças populares, feita com raros primores de miniaturista; e duas formosissimas jarras, propriedade do sr. José Relvas, e um dos mais perfeitos, senão o mais perfeito artefacto a que ainda Raphael Bordallo se conseguiu elevar.

Com effeito, da pureza da linha, da elegancia da forma, da sobriedade classica da ornamentação póde só pelo exame da gravura ajuizar bem o leitor; mas não póde aquilatar o extraordinario brilho, a translucidez, a egualdade do vidrado, — que é só a duas côes, branco e verde, — e não obstante eu acho, pela impeccabilidade, pela harmonia e a flui-



A JARRA «BEETHOVEN» — Actualmente no palacio da presidencia no Rio de Janeiro

dez dos tons, perfeitamente e só comparavel a esses transcendentos esmaltes, que ora saltam como metaes, ora têm escorrencias de

philtros de sonho, e de que só em todo o mundo Rockwood foi o inventor e tem o segredo.



GRUPO DE PEÇAS DE PHANTASIA

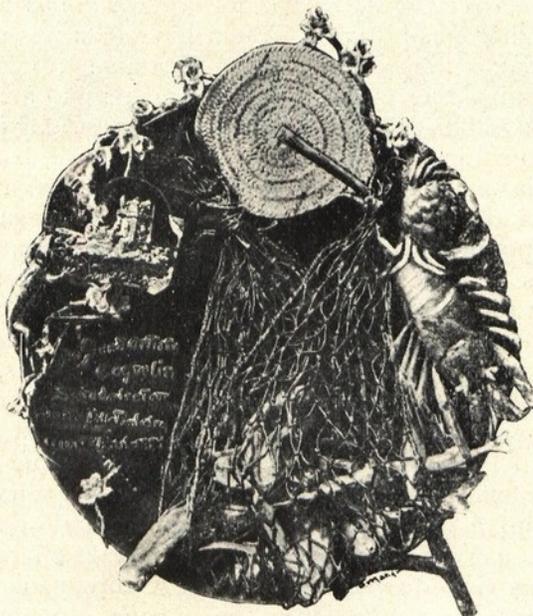
Escrevi muito e estou convencido de que não consegui dar nem uma pallida notula do que tenha sido, na sua superior integração artistica, a formidavel obra ceramica de Raphael Bordallo Pinheiro. Quando muito, deixaria assente esta impressão, — que o seu genio effervescente e inquieto procurou instinctivamente as faianças e os barros, como instrumentos de objectivação, porque são estes os materiaes que mais admiravelmente se adaptam a todas as phantasias e improvisações d'um artista.

Desde então, feita a escolha, sobre a pasta malleavel das argillas e dos grés o seu atropello de ideas tem sido incessante. Este infatigavel e nervoso artista, impotente para

sofrear a impaciencia escachoante do seu genio, procede por arrancos, sacrifica tudo á celeridade da producção. A sua obra é uma vertigem. E por esse motivo, e ainda pela fraca resistencia e imperfeição substancial da materia-prima que emprega, é dolorosamente certo que a maior parte das suas obras virão a ter uma duração material ephemera, não obstante o cunho immorredoiro que lhe imprime este Phidias do extravagante, um dos mais admiraveis e completos commentadores plasticos da Vida!

Mas o seu caracter, a sua tradição já se não perdem. Ficarão eternos, como uma das affirmações mais legitimamente gloriosas do genio nacional.

ABEL BOTELHO.



UM PRATO ORNAMENTAL

De Lisboa a Moçambique

POR ANTONIO ENNES

SEGUNDA PARTE

CAPITULO I

Quelimane — O porto — A cidade — A natureza

NA viagem de Moçambique a Quelimane gastam os paquetes 36 a 48 horas, conforme a velocidade das machinas, as correntes, o estado do mar. A costa é quasi sempre baixa e arborizada, e vae fugindo para sudoeste. Borda-a uma enfiada de ilhas espaçadas, que entre as suas rochas coralliticas e as praias do continente deixam passagem para navios de pouco porte; mas a navegação faz-se quasi sempre por fóra d'ellas. As quatro mais septentrionaes, a começar em Mafamede, compõem o grupo chamado de *Angoche*; prolongam-se com ellas as *Primeiras*, uma das quaes ainda hoje se denomina do *Fogo*, porque n'ella se accendiam d'antes fogareus que serviam de pharões ás náus da India. São desertas. Algumas parecem corôas de arcia esteril; outras são pequenos parques em que as casuarinas deixam passar a luz por entre as agulhas verdes das suas esbeltas copas pyramidaes. Com as ilhas defrontam para baixo do rio de Angoche, os territorios collectivamente chamados de Moma, refractarios á civilização, e a Maganja da Costa, muito tempo accusada de acolher nas boccas dos seus rios pangaios escravistas; depois principiam a estender-se, cortadas e separadas por veios d'agua, as orlas maritimas de antigos *prazos da corôa*, primeiro o Licungo, sensivel aos exemplos da rebeldia dos maganjas, depois o rico Macuse, servido por um dos melhores rios da provincia, por ultimo o Angoaze e o Tangalane, visinhos de Quelimane. Em toda essa linha costeira são raros os palmares que se avistam do oceano; quando elles principiam a apparecer sobre as franjas brancas de rebentação e os debruns amarellos de areia, sabe o piloto que está perto do rio dos Bons Signaes.

A barra d'este rio, que teve Vasco da Gama por padrinho de baptismo, é assignalada por uma caprichosa marca natural, um grupo isolado de coqueiros que, visto do mar a distancia, toma a forma geral d'um *gallo*. Hoje,

quando se distingue o gallo famoso, não tarda a perceber-se tambem uma boia, fundeada a cêrca de 6 milhas da costa, que avisa os navegantes de que cahirão sobre o banco enorme, que até ali se alonga, se não acertarem o rumo por um páu de bandeira que se enxerga lá ao longe, n'uma ponta de terra arborizada. Apesar das balizas, a passagem por cima do estirado banco, nem por onde é possível, está isenta de riscos. O canal é tão estreito que uma forte guinada pode causar um encalhe, tão pouco profundo que não é navegavel, para navios de alto bordo, em todas as alturas das marés. A's vezes espera-se durante horas que a agua suba. Passa-se com a sonda na mão. Os gajeiros vão entoando: *quatro braças, trez e meia, trez, duas braças*, e os passageiros, attentos ás cantilenas, suspendem a respiração. D'um e outro lado as vagas arrastam diante de si rolos de espuma com laivos amarellos de areia. Se ha forte ondulação, o navio estaca por instantes n'uma arfagem soffrendo um estremeção violento, rangem-lhe as madeiras, tinem metaes, a machina solta uns resfolegos afflictivos, desequilibram-se tripulantes, quebram-se louças na camara: não foi nada, foi o navio que bateu no fundo. Alguns mofinos batem a cada volta do helice, batem até o motor estacar. N'outros passos apenas se sente a quilha arrastar-se na areia com trepidações suaves; mais commumente ainda, não se sente nada porque sobra e está mansa a agua. Transporta outra boia, tem passado o perigo; os marujos já mudaram de cantilena para annunciarem tres braças, quatro, cinco, e o commandante encostou-se á varanda da ponte, deitando o bonet para traz e enxugando o suor da testa. Vae-se direito á terra, onde se veem casas espalhadas entre arvoredo silvestre, sobrepujado por um mastro de signaes e lanternins de pharoes; é a ponta de Tangalane. A' direita, na ponta de Olinda procura-se o *gallo*, e não se acredita que a ave fosse

aquelle ramallete de cinco ou seis palmeiras, que enfeita alem o areal. A poucas amarras da terra, muda-se a prôa, contorna-se Tangalane, navega-se encostado a uma riba coberta de matto, e ahi, pois que já se entrou o rio, procura-se naturalmente com a vista a famosa capital da Zambezia, mas só se descobre mangal, agua barrenta e corôas de areias, por entre as quaes voga alguma almadia tripulada por negros semi-nús. Quelimane fica ainda a 12 milhas pelo rio dentro.

A bombordo, por dentro da ponta de Olinda, accumularam as correntes imperiosas do rio um vasto banco, chamado dos *cavallos-marinhos*, por ter sido em tempo logar predilecto d'esses pachydermes; em frente, um macisso de verdura escura, que ainda se não percebe que é um ilheu, só deixa estreito passo entre o seu contorno e a margem esquerda do rio: corta-se, pois, para a margem direita seguindo um canal que d'antes era indicado por marcas levantadas em terra, e a que hoje servem de balisas pequenas boias, como barris, visíveis umas das outras. Essas boias aconselham o mareante a encostar-se para a terra, onde a curto

trecho a correnteza do mangal é interrompida por grupos de palmeiras, cujos troncos deixam a vista descobrir lá dentro uma habitação de estylo europeu, pompeando entre palhotas; é ali Quelimane do Sul, logar celebrizado pelos mosquitos que, segundo se diz, ali mataram uma preta com o filho. Este episodio depressa discorre, e o mangal cerrado volta a guarnecer ambas as margens, separadas então por mais de milha e meia de aguas

grossas e lodosas, a que nenhum reflexo de ceu azul é capaz de tirar a côr de barro escuro. Se está baixa a maré, apparece o tortuoso raizame do mangue a romper de banquetas ne-



QUELIMANE — GRUPO TIRADO NO JARDIM DO PALACIO DO GOVERNADOR

João d'Azevedo Coutinho — Gorjão de Moura (governador) — Raul Machado — Antonio Ennes — Jayme Leotte — Henrique Costa (administrador do praso Angoape) — Barros (secretario do governo de Quelimane).

gras de lama; se as aguas vão altas, afogam a folhagem baixa do mangal e alastram-se por terra dentro, empoçando-se nas depressões. Por largo espaço não se distinguem vestigios de vida humana nas bordas do rio; quando muito apparecerá alguma casquinha varada no leito d'um *mucurro* aberto no matto, mostrar-se-ha algum pescador preto mettido n'agua até aos joelhos. Fartam-se os olhos de mangal e de lodo! Avistar, da parte de

dentro do ilhéu, alguma cabeça de hypopótamo a surgir do lodo líquido, parece uma interessante aventura, no meio do enfado d'aquelle percurso de hora e meia. De ordinario, o sol abraza. No toldo branco do navio começam de negrejar uns moscardos, maiores de que as mais alentadas varejeiras, a que chamam moscas de *cavallo marinho*; é livrar das suas ferroadas, que fazem sangrar! Caminha-se, caminha-se lentamente, se a corrente é da vasante, e parece que o rio fecha adiante da prôa as suas alas de mungue; finalmente divisam-se côres de edificios entre rendilhados de vegetações, dobra-se uma ponta quasi a roçar por ella, e surge-se diante da villa de Quelimane, que espreita para o porto detraz do arvoredado variegado da margem esquerda.

O rio dos *Bons-Signaes* tem-se facilitado muito á navegação nos ultimos annos. Quando Bordallo escreveu o seu *Ensaio estatístico*, em 1859, ainda se entrava n'elle guiado só por signaes naturaes, auxiliados pelo pau de bandeira de Tangalane e pelo seu pedestal *caiado*; não havia balizagem, nem havia illuminação. Em 1891 já estas faltas estavam remediadas por um systema completo de balizagem formado por boias e marcas terrestres, e em Tangalane luzia um pharol; mas só com a luz do dia se podia entrar ou sair, e como os navios de alto bordo tambem precisavam de certa altura de agua para transpôrem o banco, succedia-lhes perderem quasi vinte e quatro horas a esperar, fundeados ou pairando, por uma enchente diurna. Cuidou-se, pois, de illuminar a barra e o rio, segundo um plano estudado pelo tenente Leotte Rego, então commandante do *Auxiliar*. O antigo pharol, que estava quasi a cahir ao mar, que de continuo vae comendo a costa, foi substituido por outro, montado n'uma torre de ferro, cujo raio luminoso alcance e exceda a boia da orla exterior do banco; e desde essa boia até ao fundeadouro assignalou-se o canal navegavel por meio de combinações de luzes accesas em terra. Finda que seja esta benemerita obra, Quelimane ficará sendo, depois de Moçambique, o porto de mais facil accesso em toda a provincia, porque os baixos que lhe guarnecem a entrada só ás escuras ou debaixo de tempo são realmente temerosos para o piloto prudente e experimentado. Tempos houve, é certo, em que tiveram fama tenebrosa; não havia anno em que se não cravasse e desfizesse n'elles algum navio de vela. Mas os naufragios não eram, em muitos casos, senão lucrativas transacções com o seguro. Modernamente, apesar de se terem activado as communicacões maritimas com a capital de Zambezia, Tangalane, a sua atalaya, ainda

não viu sinistro algum, a não ser o encalhe d'um cruzador inglez, devido á muita agua que demandava e a um equívoco do seu commando; ainda assim, a canhoneira *Liberal* salvou-o sem avarias grossas. Por mim, entrei e sahi quatorze vezes a barra, e só o *Euxéne* me pregou um susto, afocinhando tão rijamente no fundo que julguei que teria aberto as costuras. O proprio *Ibo*, da Mala Real Portugueza, que mesmo em préamar d'aguas vivas não encontrava debaixo da quilha espaço para fazer uma mesura, por lá andou annos, sempre a esmurrar a areia, sim, mas sem maior trabuzana. Com mar chão e boa maré podem ir a Quelimane até os navios do porte da *Rainha de Portugal* e da *Mindello*; se não vão, é só por medo das *responsabilidades*.

O fundeadouro é espaçoso, profundo e abrigado dos ventos, mas sujeito, como aliás todos os grandes rios de Africa Oriental, a correntes impetuosas. Descendo uma vez de Nhandôe no *Auxiliar*, o glorioso veterano teve de lançar ferro defronte de Chuabodembo meio kilometro a montante da villa á espera de que passasse um turbilhão de enchente, que a sua esfalfada machina não lograva vencer. Ha occasiões em que nenhuns braços de remadores possantes são capazes de levar barcos do caes ao portaló dos navios surtos a poucas amarras de distancia. Por isso é mais sensível a falta de uma ponte acostavel de carga e descarga. O porto é servido apenas por duas rampas de cantaria, a que as proprias embarcações de descarga nem sempre atracam a seu geito.

A villa não tem brasões nobiliarchicos como a cidade de Moçambique, mas favorece-a a natureza com as suas galas, e engrandece-a a Zambezia com os seus tributos.

Nasceu burguezmente, em 1544, para o mister obscuro de feitoria e tão obscura ficou até o fim do seculo que a *Ethiopia Oriental* nem foros lhe dá de povoação. «Da barra (de «Quelimane) para dentro — diz o livro — «obra de duas leguas, tem um ponto bem as- «sombreado de campo razo, no qual estão «umas casas, palmar e horta de um portu- «guez chamado Francisco Brochado... que «era capitão d'estes rios.»

E pouco mais. Fr. João dos Santos não entreviu os altos destinos futuros do lugar onde o Brochado assentára residencia. Nem admira! No seu tempo, o caminho da alta Zambezia para o mar fazia-se pelo Luabo, que elle dividia em Luabo Velho e Cuama Velha; o rio dos Bons-Signaes era pobre d'aguas, a par d'essas arterias. O dominicano considerava este ultimo como *um braço do Zambeze*, mas dizia: «Os portuguezes navegam sómente pelos dois principaes (braços):

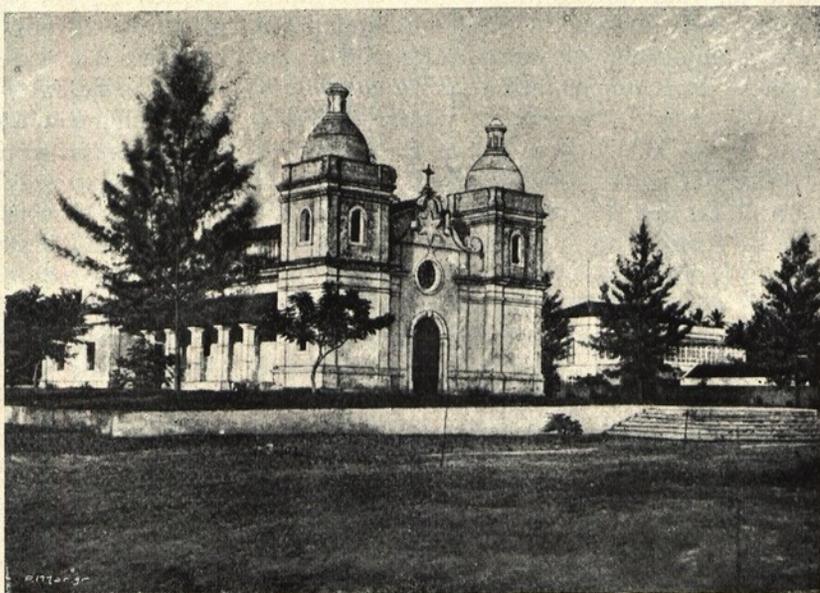
«pelo do Luabo podem navegar todo o anno, «porque tem muita agua e sempre é capaz de «navegação : o que não tem o de Quelimane, «por onde navegam sómente no inverno, por- «que no verão descobre muitas areias, e ma- «deiros, que estão cravados no fundo do rio, «onde perigam muito as embarcações». Nes- tas condições, Quelimane só podia ser porto d'uma limitada região desviada do Luabo, tanto mais que *cinco leguas* mais ao norte fazia-lhe concorrência o *Lorange*, com muita agua e excellente barra, e o bom do frade não era bastante sabedor em hydrographia para calcular com antecedencia de seculos as transformações por que os açoriamentos fariam passar o regimen do Zambeze e das suas boccas, transformações de que em parte adveiu a fortuna do rio dos Bons Signaes.

Essa fortuna não foi rapida. Só mais de dois seculos depois de fundada em 1763, é que a feitoria de Quelimane mereceu as honrarias de villa, com o nome de S. Martinho, e em 1859 ainda Bordallo fallava d'ella com mal disfarçado desdem: que nem tinha edificios publicos sufficientes, que era um pantano, que as feras iam desenterrar cadaveres ao seu cemiterio, que a abolição da escravatura prostrára-a em miserrima decadencia. Hoje, porem, é a povoação de toda a provincia que revela mais prosperidade, porque se fez a si propria, e não foi feita pela metropole, a poder de ouro enterrado na areia, como Lourenço Marques. E relativamente diminuto o quinhão que nos valores de Quelimane pertence ou foi devido ao Estado. Até se pode dizer ainda, como em 1859, que a povoação não tem os *edificios publicos necesarios*; e os que tem são modestos e em parte adquiridos a particulares. Não foi com os trabalhos n'ella emprehendidos que as obras publicas estafaram a munificencia metropolitana!

A residencia do governador do districto, situada na extremidade occidental da villa, recebe agradável apparencia do jardim, gradeado a ferro, que em perspectiva lhe decora a frontaria, baixa e humilde, com a ramada das casuarinas e os lançamentos dos rosaes; mas o seu unico pavimento terreo é inteira-

mente franciscano. As paredes nunca conheceram revestimento mais ornamental do que a brancura da cal, e o chão só para receber visitas despiu a crosta de argamassa cinzenta para se cobrir com um mosaico de ladrilho. O seu unico luxo é uma mobilia rendilhada da India, dispersa na vastidão da sala de apparatus, e o seu melhor regalo um grande quintal, pomar e horta, com talhões de hortaliças europeas bordadas por fileiras de ananazes, e pomares de laranjeiras fechados por paredes de mangueiras. N'esse terreno existe, feito de pedra e cal, um quadro comparativo do custo das obras publicas e particulares; compõem-n'o dois pequenos pombaes do mesmo molde, duas caixas assentes sobre columnellas de alvenaria, n'um dos quaes, se é verdadeira a fama, o governo gastou oitocentos mil réis, sendo o outro construido por um governador com nove mil réis de despeza!

A *residencia* faz angulo recto com um edificio, onde estão alojadas a secretaria e a repartição de fazenda, e que só tem larguezas no atrio, cujas amplas e altas arcadas enfiam a rua principal da villa. As obras publicas e telegrapho gosam accommodações espaçosas e limpas; mas a alfandega está apertada, longe do desembarcadouro e dos centros mercantis. Na parte mais oriental da povoação, na orla d'um vasto terreno e á beira do rio, construiu-se recentemente um corpo unico de muitos que deviam formar um quartel de dimensões collossaes; tem duas grandes



QUELIMANE — EGREJA PAROCHIAL

casernas arejadas e limpas, com os indispensaveis alojamentos accessorios, em que está á larga a exigua força do batalhão de caçadores n.º 2 que os serviços de destacamentos

e diligencias deixam concentrada. Defronte da residencia do governador, uns barracões, cobertos de zinco, levantados sobre a praia abrigam as officinas incipientes d'um improvisado arsenal, que por falta de organização e dotação pouco mais faz do que concertar botes e deitar pingos de solda em marmitas; e, posteriormente, fez-se uma arrecadação para material de guerra, com uma frontaria ameçada. De paiol de polvora de commercio serve uma casa de aluguer, isolada na margem do rio para os lados de Chuabodembo.

Egreja ha só uma, da invocação de Nossa Senhora do Livramento, interiormente pobre de architectura e atavios, e com a frontaria rematada por duas torres que semelham botijas.

É hospital? Em terra de tão apregoada insalubridade como é Quelimane, parece que os serviços hospitalares deveriam ter sido preferidos a todos pela sollicitude governativa; mas a dolorosa realidade é que a *enfermaria militar-civil* do districto estava ainda ha tres annos hospedada n'um casebre, tão contaminado de infecções morbigenas que peiorava os doentes e adoentava os sãos, ameaçando tambem acabar com os soffrimentos que armazenava desabando em cima dos pacientes. Foi necessario removel-a, mas não houve edificio que a recebesse senão um barracão assente quasi em cima dos lodos do rio, amoldado para guardar saccas de amendoim, e nunca para albergar enfermos, e é voz constante na villa que os infelizes transportados para aquelle inferno de dôres deixam á porta toda a esperanza de cura. Em tempos planeou-se construir enfermarias isoladas fóra da villa, entre o arvoredado, n'uma elevação de terreno, mas depois percebeu-se que as installações começadas só teriam capacidade para alojar insectos doentes, deitados em folhas de rosas. Foram postas de banda.

Não é, pois, aos edificios publicos que Quelimane deve a justa fama de ser a mais formosa povoação da provincia. Não teem que vêr; não merecem descripção; o visital-os não entretem uma hora. A principal decoraçãõ da villa não custou um ceitel aos cofres publicos, porque é a vegetação luxuriante em que está encrustada. Ha muitas povoações que metteram dentro de si parques e jardins; Quelimane, porem, é que se mettu toda n'uma matta tropical. E mettu-se n'ella sem a arrazar. Parece que foi abrindo ruas nos arvoredos, e que n'algumas deixou de pé as arvores alinhadas, que as podiam ensombrar e ornar. A's margens d'esses arruamentos não se fizeram previas limpezas de talhões destinados para construcções, antes cada constructor abriu clareira na vegetação para os ali-

cerces da sua casa. Excepto onde os habitantes se apinhoaram, as casas não se encostaram umas ás outras, ficaram separadas por entremeios de verdura, e, quando muito, a flora expontanea foi substituida, nos quintaes e jardins que as intervallam, por outra mais ornamental ou mais productiva. Tambem os predios se não abeiram, soffregos de chão, dos passeios de betume que debruam as ruas de areia solta, e os jardins que deixaram adeante de si são embellezados pela natureza ainda que os proprietarios os descurem. Vão que a casaria deixe desoccupado e o transito não calque, veste-se logo de matto viçoso; caminho pouco trilhado atapeta-se de herva e borda-se de sebes naturaes; por cima dos muros trasbordam as ramarias. Está-se no campo dentro de casa; voltando a esquina d'um macisso de edificios, entra-se n'uma selva. Nas proprias ruas mais centraes e de maior transito ha desenhos e sombras de parques. Todas teem, pelo menos, dois renques de arvores, e algumas, como a dos Mouros, não se contentara com menos de trez, correndo o terceiro ao longo do seu eixo central. A arborisação é principalmente feita com acacias, que a florescencia transforma em gigantes ramos de flores vermelhas, e tambem ha alamedas publicas de laranjeiras e bananeiras, que oferecem o fructo ao transeunte. Os palmares, esses estendem os toldos por cima de todo o povoado. A secretaria do governo abre para um terreiro, sempre arrelvado, guarnecido de coqueiros; por signal quando os côcos estão maduros devem os viandantes acautelarem as cabeças. A rua de S. Domingos, de muitos kilometros de extensão, é toda ella um largo a ceiro talhado n'uma floresta de palmeiras. Ha pouco tempo abriu-se em volta da villa uma desafogada avenida, chamada Gorjão de Moura, e os seus muros ficaram sendo alterosas ramadas sempre verdes. Da altura das nuvens não se deve perceber que Quelimane seja uma povoação, assim como do rio mal se daria por ella sem a presumpção d'alguns edificios que se quizeram mirar nas aguas turvas.

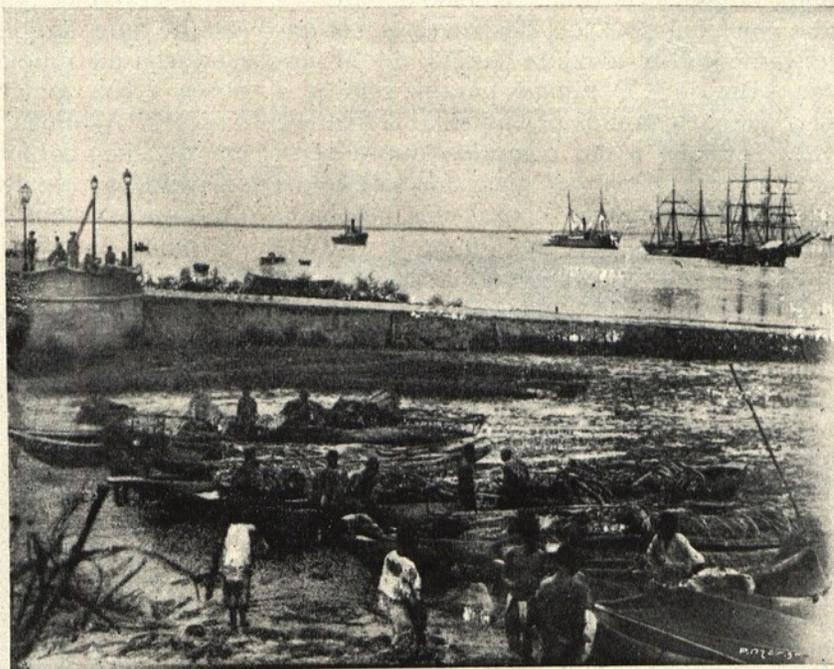
Estas exuberancias da flora provêem das mesmas causas que tornam a villa insalubre, e confirmam a opinião de que onde vivem bem as plantas vive mal o homem. Quelimane está á borda de pantanos, e se os seus fundadores lhe tivessem querido dar chão que não fosse paludoso, não a teriam fundado por não encontrarem onde. Não ha ali perto rios que se extravasem, mas o terreno é tão depremido que se empoça, mesmo em volta da villa e até dentro d'ella, não bastando para o enxugarem as muitas vallas, os *mocurros*, que atravessam o povoado e sobre as quaes

passam as ruas em pontes de madeira. Este remedio dos *mocurros* é tambem por si um achaque, e tem-se procurado sanal-o convertendo as vallas permeaveis e descobertas em canos cimentados e fechados; mas a obra completa é mais dispendiosa do que o municipio é rico. Nos paúes originam-se as duas pragas da terra, as febres e os mosquitos, e não ha logar do littoral habitado por europeus onde ellas sejam mais afflictivas; mas já o foram mais, e com isso se consolam os quelimanenses. Houve tempo em que no dia 1 de maio era uso os habitantes trocarem felicitações por ainda estarem vivos. Essa usança acabou, porem, com a attenuação dos perigos que a motivava. Alguns movimentos de terras que teem facilitado o

escoamento das aguas, a dilatação da área cultural nos arredores da villa, melhorias introduzidas no regimen dos habitantes, e porventura modificações climatericas de caracter generico, têm diminuido o movimento nosologico e, parallélamente debellado as mais grossas nuvens de mosquitos. Já não é heroidade viver em Quelimane, e brancos ha que ali têm vivido muitos annos com poucas biliosas. Por mim, antes me quero lá do que em Moçambique. O thermometro não marca temperaturas, sensivelmente inferiores, e o hygrometro denuncia maior humidade. São até frequentissimos os nevoeiros matinaes e os ceus toldados de vapores aquosos. Mas, devido talvez ás expirações oxygenadas da vegetação, o clima é menos debilitante, menos depressivo. Com exercicio frequente e alimentação sadia escapa-se por muito tempo d'ir adubar as vegetações feras, que parecem estar dizendo ao homem que é só d'ellas aquelle solo, que ainda conserva forças da idade geologica em que só ellas podiam aspirar a atmosphaera carbonica do globo.

Suspeito de que para a antiga insalubridade da terra deve ter contribuido o estylo preponderante das habitações. Diferençam-se essencialmente do systema de construcção adoptado em Moçambique, e toda a differença é contra ellas. Têm um só pavimento terreo, o que as obriga a inhalem as camadas

inferiores da atmosphaera, as que se impregnam das exhalações e dos detritos do solo, roçando-se por elle. Como especimens architectonicos são da mais pura e tosca simplicidade;



QUELIMANE — FUNDEADOURO DAS ALMADIAS NO CAES

de; a sua unica nota caracteristica consiste n'um alpendre, sobranceiro á porta da entrada e firmado em pilares ou columnas, o qual cobre o patim d'uma escada de dois ou tres degraus. Por dentro paredes caiadas, chão de tijolo ou argamassa mais frequentemente do que soalhos, tectos de vigas salientes; como cobertura, telha. D'este modesto typo vão-se destacando, porém, algumas edificações modernas, de dois pavimentos, com largos pateos interiores, salas decoradas, cantarias lavradas nas fachadas, como são, nomeadamente, o predio em que a casa Regis estabeleceu a sua feitoria, e a moradia do sr. Balthazar Farinha, que até n'uma cidade luxuosa faria vista. O seu proprietario é reliquia d'uma expedição militar contra o Bonga de Massangane; enriqueceu-se com o trabalho e contraiu perdoavel gosto pelas grandezas.

Nos dois extremos da villa estendem-se os bairros indigenas, compostos de palhotas, quadrangulares, mal feitas, ora arruadas ora dispersas por baixo de arvoredos e entre quintalejos de culturas cafreas. N'esses bairros, e nomeadamente no Saguer, por cada duas moradias ha, a bem dizer, uma venda de aguardente, *pombe* e outros venenos de máu sabor, formada por um barracão de colmo, com balcão ou meza de madeira branca e bancos feitos d'uma taboa por aplinar.

No conjuncto, o aspecto da villa é pintu-

resco, animadô e rico. Mórmente pinturesco. Ha sitios encantadores. A rua do Livramento, vista do atrio da secretaria do governo, merece ser pintada. No interior encontram-se episodios de floresta, como só a natureza sabe concebê-los e Zola descrevê-los. No entroncamento da avenida Gorjão de Moura com a rua de S. Domingos pára-se sem querer a alargar os olhos por aquellas alamedas: uma rectilinea e tão comprida que a perspectiva approxima as olas dos coqueiros marginaes, formando como uma abobada sombria cortada por uma fenda de azul luminoso; a outra curva, unindo ao longe as paredes arrendadas e recortadas de folhagem, de tão variado ornato que nem os dos velhos claustros gothicos. As combinações multiplas das casas e das palhotas com a vegetação compõem espontaneas phantasias artisticas que enriqueceriam um album de paisagens. Os arruamentos commerciaes, onde os baneanes e mouros enfileiraram as lojas, pendurando nos vãos das portas mostradores de diversos coloridos, têm uma physionomia caprichosa de basar oriental, accentuada por figuras amarellas de turbantes e cabaia encrusados nas soleiras e encostados aos humbraes. Pilhas de saccarias pejando os caes, formigueiros de carregadores negros

que passam agrupados com fardos e caixas, vastos estabelecimentos onde se entrevêm artefactos luxuosos da Europa e da Asia, grandes armazens coagulados de peças de tecidos, latarias e garrafões, deixam a impressão de que ha bem estar, riqueza e vicio n'aquella metropole de um paiz que tem imposto a sua opulencia a descuidosos dominadores. Algumas ruas, das vinte e tantas em que se alinharam as habitações, são tão solitarias que se cobrem d'herva; mas n'outras, que servem a centros populosos das cercanias, perpassam de continuo ranchadas de negros, falladores, ruidosos, em *pannos* mas com o tronco coberto por camisolas em homenagem aos regulamentos policiaes, e esses ranchos são ás vezes caravanas do longiquo interior, desfiadas a um de fundo pelos trilhos calcados, que trazem marfim do Mazingire e do alto Boror, amendoim do Mairel, copra do Macuse ou do Lycango. Horas depois encontra-se o gentio d'essas caravanas sentado na rua sobre os calcanhares, em semi-circulo deante de alguma casa commercial, ou disperso pelas quitandas dos *monhés* regateando com gestos energicos e vozes gutturaes, o preço dos algodões e conarias, ou agrupado nas tabernas dos arredores a emborrachar-se em honra da civilisação.

(Continúa).

NOTA DA R. — Esta segunda parte da notavel obra de observação e de estudo do nosso mallogrado e querido escriptor, não foi revista no original por Antonio Ennes, como fôra a primeira.



QUELIMANE -- RUA DE S DOMINGOS

UMA ENTREVISTA NO BOSQUE

IDYLLIO PRIMAVERIL



1

*Reina a quadra feliz da primavera
O dia está formoso,
E convida, em coxins de folhas de hera,
A horas de repouso.*

*No céu, de uma cerulea transparencia
Que tanto o olhar seduz,
Esparge o sol a rutila igniscencia
Do seu disco de luz.*

*Vae branda a viração, que mal se agita
N'um languidô tremor,
Pelo espesso arvoredado, que palpita,
Ha fremitos de amor.*

*Gorgeiam seus trinados incessantes
As aves pequeninas,
E entornam pela terra diamantes
As fontes crystallinas.*

*Evolam-se à compita os mil perfumes
Dos nardos e das rosas,
Pclos ares volitam em cardumes
As doidas mariposas.*

*O matiz das florinhas multicores
Alegra a paisagem,
Retouçam os rebanhos dos pastores
Na plácida pastagem.*

*Deslisam as ribeiras mansamente
Por entre verdes prados,
Espelhando nas aguas da corrente
As sebes e os vallados.*

*Por toda a parte existe um vago encanto
De calma sensação,
E a terra agradecida eleya um canto
Em honra á Creação.*

II

*Pela manhã aprasivel
D'este dia luminoso,
Entra n'um bosque frondoso
Discreta dama gentil;
Segue apressada, em mysterio,
E tão veloza na carreira,
Que no chão mal pôe ligeira
O seu pé breve e subtil.*

*E' loira como os trigaes,
Do lyrio tem a brancura,
E lembra na formosura
As Virgens de Raphael.
O seu busto gracioso,
As ondas do seu cabello,
Poderiam ser modelo
Do mais divino cinzel.*

*Os olhos, côr de saphyra,
São ninhos de seducções,
D'onde irrompem uns clarões
Iluminando-lhe o rosto.
Tem a bocca imperceptivel,
Tem o labio purpurino,
E fez-lhe a mão o Destino
Para beijar-se por gosto.*

*Cinge-lhe o corpo flexivel
Um levissimo vestido,
Que foi, parece, tecido
Por dedos de alguma fada.
O seu airoso chapéo
De abas largas á pastora,
Tornando-a mais seductora,
Mais a torna desejada.*

*As avesitas do bosque,
Os olhos n'ella fitando,
Ao seu trinar meigo e brando
Dão instantaneo remate.
E mudas todas se ficam,
Presas de extranha surpresa,
Perante aquella belleza
De tão subido quilate.*

*N'um sitio mais ensombrado,
Mais ridente de frescura,
Onde corre entre a verdura
De puras aguas um veio,
Repousa a dama afinal;
E, como ninguem a visse,
Com recatada meiguice
Um papel tira do seio.*

*Então, um melro atrevido,
Abrindo as azas ao sol,
Poisa ao pé de um rouxinol
E diz com ar expansivo:
— Temos obra, companheiro,
Creio andar moiro na costa,
Que dama assim tão bem posta
Não vinha aqui sem motivo.*

*— Vem talvez gosar as brisas
D'este dia tentador,
Nota o emplumado cantor
Que dos campos é delicia.
— Respondeste farrivamente,
Como grosseiro peru;
Vem, mas é a um «rendez-vous»,
Volve o melro com malicia.*

*— Tambem fôrmo egual suspeita,
Acode esperta andorinha,
Que ha pouco chegado tinha
De longinqua emigração;
Mulher linda tem amôres,
Tem-n'os esta, se quizer,
Pois eu nunca vi mulher
Que mais fale ao coração.*

*A seguir, pondera um tordo
N'um chilrar fino e singello:
— Reparem com que desvelo
Ella está lendo um papel.
— Aquillo é carta adorada,
Atalha um pisco innocente,
Em que o seu amor ausente
Faz juras de ser fiel.*

*Por seu turno, a toutinegra,
O bico abrindo, conclama:
— Vejam, vejam, como a dama
Cobre a tal carta de beijos!
— Ai! se eu podêra ser homem,
Geme um lascivo pardal,
N'aquella bocca ideal
Iria matar desejos.*

*Responde-lhe o pintasilgo,
N'um sonoro trilo agudo:
— Pobre amigo, que és em tudo
O retrato de teus paes!
— Aquelle mimo de graças,
Um pintarroxo acrescenta,
E' comida succulenta
Para papo de pardaes.*

*— Silencio, muito silencio!
Interrompe a cotovia,
Lá pisa a relva macia
Um elegante rapaz.
Lá se approxima da dama,
Com ancia aberta-lhe a mão;
E que alegre recepção
Que ao vel-o a dama lhe faz!*

*— Bonito! o melro assobia
Ao contemplar de uma olaia
Que a dama quasi desmaia
N'uma crise de prazer.
Amigos, como estaes tendo,
Bem sabeis que entre o bom tom
Costume antigo já é,
Alcunhar de «matinée»
Concerto de manhã dado.*

*— Attenção! trina sorrindo
O tentilhão jovial,
Uma idéa genial
Tive agora, o povo alado;
Bem sabeis que entre o bom tom
Costume antigo já é,
Alcunhar de «matinée»
Concerto de manhã dado.*

*Pois, muito bem, eu proponho
Que, deixando os nossos ninhos,
Em honra dos dois pombinhos
«Matinée» organisemos.
O rouxinol, cujo canto
E' das aves o mais bello,
Para tenor de cartello
Já nós á mão cá o temos.*

*Como «estrella», a toutinegra
De contralto servirá;
O soprano existe já
Na matinal cotovia.
Ha de o melro ser barytono,
E os companheiros restantes
Entrarão nos concertantes
A formar doce harmonia;*

*Para, enfim, a «matinée»
Ser falada e correr bem,
Afora os côros, tambem
Um maestro nos convinha.
Por isso, fecho a proposta
Com estas figuras mais:
Sejam os coros — pardaes,
Maestro — a esvelta andorinha.*

III

*Acercam-se, entretanto, os dois amantes
Saudando aquelle dia,
E palavras de affecto insinuantes
Repetem á porfia.*

*Quando os labios uniam docemente
N'um extasis de amor,
Resôa em torno d'elles de repente
Um hymno encantador.*

Abril, 1901.

PEDRO VIDOEIRA.





MARTYRES

EPISODIO DA PERSEGUIÇÃO DE DIOCLECIANO

CAPITULO X—O JULGAMENTO

A NOTICIA de que o imperador ia á basilica para julgar, elle proprio, o diacono, correu immediatamente em todas as dependencias do palacio — grande como uma pequena cidade — povoado por milhares de pessoas, e onde se concentravam em acção e exercicio todos os organismos necessarios á vida civil, familiar e militar dos cesares.

Attraidos, como rafeiros ao despejar dos restos mal esburgados, acudiram os clientes e invadiram as tres naves em que a sumptuosa basilica era dividida por bellas columnas do mais puro e ao mesmo tempo mais rico jonico attico. A gente do palacio, os dignitarios da côrte, os magistrados da cidade, todos se apressaram em occuparem as tribunas, que se abriam na parte superior dos intercolumnios, servindo de miradoiro para a grande nave central, onde formigava a gente de somenos, deitada a certa altura por uma balaustrada, que forma a corda do arco em que se arredonda a abside, grande espaço que constitue o pretorio, séde do tribunal. Com o ruido, movimento e a vozeria confusa, mas quasi ensurdecadora da multidão que enchia a basilica, contrastava o silencio e a solidão deste recinto, onde a luz já chegava diffusa e fraca. Sobre um estrado, servido por duas escadas de poucos degraus, uma mesa forrada com bancaes de panno vermelho, em que se viam bordados os retratos dos dois imperadores. Ao redor algumas cadeiras curues. O que mais concorria para dar aquella impressão de silencio, e ao mesmo tempo de respeito religioso, eram as estatuas de varios deuses do olympo greco-romano, alvejando immoveis no fundo dos nichos abertos nos intervallos das pilastras, subindo estas d'um envasamento continuo até encontrarem a cornija sobre que assentava o tecto da abside. Como estavam pouco illuminadas, tanto mais indecisos eram os contornos d'estas estatuas, e por isso mais impressionavam pelo

sentimento mysterioso que de si irradiavam. Sómente a figura da *Justiça*, no seu baixo pedestal, junto da balaustrada, ou barra do tribunal, e em frente da qual crepitava a chamma no tripé de ouro, se via banhada pela claridade intensa, que entra pela grande porta principal.

No meio do murmurio de mil sons, da agitação e commentarios do caso horrivel e sem precedentes, ouviu-se uma voz gritar:

— O tribunal!

E logo um apparitor descerrou as portas da barra, e os viadores, outros tantos officiaes do tribunal, formaram ao lado das escadas, emquanto os lictores abriam caminho, por entre a multidão, e se collocavam em semicirculo, ao fundo, no estrado judiciario.

Galero, seguido d'Asclepiades e dos seus intimos, atravessou, com passo lerdo, o auditorio, envolto na toga de purpura, mal correspondendo ás inclinações de uns, e aos gestos de quasi adoração que lhe tributavam os que se achavam mais sob o dominio da sua vista, sempre turva, e n'aquelle momento terrivel na sua inquietação.

Sacrificados alguns grãos d'incenso na chamma do tripé, reverenciados os idolos, o Cesar sentou-se, protegido por dois estandartes, onde elle e Diocleciano estavam retratados.

Asclepiades foi o primeiro a falar, dizendo para um dos viadores:

— Introduzi Romano.

— Está presente, disse um dos officiaes, depois de ter dado entrada a Romano, abrindo uma pequena porta por baixo do estrado pretoriense.

O diacono, socegado e tranquillo, aproximou-se da barra do tribunal, e apoz elle entrou Martha com o pequeno Barallah. Um dos apparitores offereceu-lhe a acerra do incenso, mas elle arredou-a com a mão.

— Porque não sacrificas? pergunta Galero. Não conheces as ordens do imperador?

— Conheço; mas sou christão!

— Ordena elle que se adorem e respeitem os deuses.

— Eu adoro um só Deus, que fez o ceu, a terra, o mar, e tudo quanto existe no ceu, na terra e no mar.

— Não sabes que existem muitos deuses?

— Nem o quero saber!

— Quem hade ser obedecido, temido, louvado, honrado se se recusar o culto aos deuses, e a adoração e a obediencia ao imperador?

— Deus poderoso, cuja omnipotencia se manifesta a toda a hora pelos mais as signalados prodigios!

Parece que esta resposta era esperada por Galero, porque, brilhando-lhe os olhos, atalhou com rapidez, pondo-se de pé, e dirigindo-se ao diacono com impetuosidade:

— Que prodigios queres maiores do que a chamma que brilhou ao redor dos cabellos de Servio, sem os queimar? Não pairou uma aguia sobre a cabeça de Tarquinio o Antigo, quando elle entrou em Roma? Não é prodigiosa a faca com que Nevio cortou uma pedra?

Imaginava Galero ter vencido Romano. Evidentemente este não teve réplica prompta, e já irrompiam os applausos de todos os lados do recinto, quando o diacono respondeu:

— E quem te diz que o espirito das trevas não tenha poder para obrar coisas que parecem sobrenaturaes? Mas os verdadeiros prodigios só Deus os permite.

— Jupiter!

— Pobre deus a quem uns põe asas, outros chifres, este o descreve como adúltero que passa as noites em conquistas facéis, aquelle o representa cruel para os outros deuses e injusto para os homens. Ora o ve-

mos provocando a desordem na sua propria familia, ora despojando seu pae do throno, e attentando contra os dias d'este. E' preciso ser doido para acreditar em tal deus. Se o encontrassemos vivo em o nosso caminho fugiríamos d'elle como d'um monstro...

Emquanto Romano falava, surgiam vozes de ira, clamores isolados de protesto, que foram engrossando, até se converterem numa tempestade de gritos pedindo a morte do sacrilego, do blasphemo. Galero, que tem fixado a vista em Martha, pergunta-lhe:

— E tu quem és? És sua mulher, ou irmã-concubina?

— O meu homem é Hesico; este é meu irmão em Christo.

Então Galero, acabando por perder a compostura, que era de uso nos tribunales romanos, irado e ameaçador, clamou:

— O que vós sois é uma seita judia, turbulenta, sacrilega, que renegaes a religião de vossos paes, afrontaes os deuses do imperio, fazeis leis a vosso capricho, e tendes reuniões sediciosas.

Já não era o juiz calmo que devia julgar, mas o energumeno, a soldo d'uma seita, exprobrando e ameaçando.

Um grande silencio pesou na vasta basilica; todos julgavam Romano, por fim, confundido pela objurgatoria de Galero, e de novo estrondaram os applausos, os gritos de vozes clamaram:

entusiasmo e milhares — Ave Cesar!

O diacono recolheu-se em si, e deixou trovejar a multidão, cujos gritos attingiram uma intensidade tal que mais pareciam urros de feras, por entre os quaes mal se distinguiam as palavras:

— Sacrifiquem! Sacrifiquem!

— Sacrifiquem! ordenou Galero.

Então Romano, passando o olhar tranquillo sobre aquella turba berrante, que, possessa d'um delirio de sangue, pedia a



JUPITER OLYMPICO

Ensaio de reconstituição estatuarial, segundo a descripção de Pancarino e com o auxilio de antigas medalhas por Jose Stallaert.

sua morte, poisou a vista com ternura sobre Martha e o pequenino Barallah, e logo, como se do ceu lhe viera a inspiração, levantou o braço, em signal de quem quer falar, e assim que o tumulto e a vozeria serenou disse com voz, que fez estremecer o Cesar, como se de novo lhe échoassem nos ouvidos as palavras fatidicas do sonho :

— Que provas te darei, Cesar, da verdade da minha fé, que não sejam perolas a porcos? Não será melhor dar a palavra á voz da natureza? Que ella fale com toda a ingenuidade, e não quero outro testemunho da verdade que professo. Vês esta creança, na idade em que não existem pensamentos de lisonja, nem odios, nem sympathias de doutrina, com a sua pequenina alma em estado de indiferença, quando a sua bocca mal e a custo balbucia as primeiras palavras? Pois bem, se queres, perguntemos-lhe o que ella julga da divindade.

— Pergunta, disse Galero.

Logo a multidão socegou, e um grande silencio reinou nas amplas naves. Todos se apertavam, procurando cada qual ver a creança, para melhor a ouvirem. E Romano, dirigindo-se ao pequeno Barallah que puxou para si, tomando-lhe as mãosinhas, perguntou-lhe.

— Dize-me, meu filho, qual das duas crenças é a mais racional, a mais conforme á verdade, se adorar muitos deuses, se um só.

A creança sorriu, e disse sem hesitar:

— A um só!

— Quem tal te ensinou? pergunta Galero, livido de colera.

— Minha mãe.

Então Galero, voltando-se para Martha, que envolvia o filho num olhar de suavissima ternura, gritou-lhe:

— Pois a morte de teu filho vae ser o premio de tal ensino. É justo que lamentos a perda d'aquelle a quem a tua impiedade já perdeu.

Martha não comprehende o que aquelle homem terrivel lhe está dizendo.

Galero continuou:

— Mas não praza dos deuses que um sangue tão vil e miseravel manche a espada do algóz. A morte faria abreviar o teu supplicio; o de teu filho será tormento mais duradoiro para ti. E agora que os levem ás torturas do cavallete, e se não cederem a ellas, sacrificando aos deuses do imperio, que os conduzam ao ultimo supplicio.

Um dos apparitores avançou a vara, e os tres foram levados para a porta, por onde tinham entrado.

Galero, extendendo a mão, e apontando para a estatua da *Justiça*, declara que continua julgando.

A *Justiça* de Galero ficou sem ter que julgar; deserta e muda a barra do tribunal. Não o extranhou elle, nem se indignou. Sabia que aquelle auditorio, como os abutres que de longe aspiram o fartum da carniça, estava alli sequioso de sangue, e preferiria ouvir os gritos afflictivos que os christãos iam soltar, quando lhes dilacerassem as carnes a azorrague, ás declamações dos libellos irasciveis, ou das defesas rethoricas; e lhe seria de mais agrado ver golfar o sangue de mil rasgões nas carnes palpitantes, do que estar contando os pingos pingos das clepsydras, marcando a duração dos discursos.

Assim, pois, que a tortura foi ordenada, e que Romano, Martha e Barallah saíram, impellidos pelos apparitores, pela porta que se abria por debaixo do estrado do tribunal, e se sumiram na escuridão, seguidos por Asclepiades, logo logo tanto o povo que enchia as naves, como o que até alli se tinha debruçado nas galerias, se precipitou em bulcão para fóra da basilica.

Galero, mal viu o caminho livre, desceu do tribunal apprehensivo, preocupado, e subiu rapidamente aos seus aposentos, onde se atirou de bruços para cima d'um leito, agarrando com frenesi uma almofada em que enterrou a cabeça, mordendo a seda com desespero.



CAPITULO XI — A TORTURA

A MULTIDÃO tinha atravessado em tumulto o grande terreiro que se extendia na sua frente, e, sempre correndo, atropellando-se, berrando, vociferando, dirigira-se para uma larga avenida, que em ladeira descia para o braço leste do Oronte, e desembocava numa praça monumental, no sopé dos jardins suspensos da moradia imperial. Partindo dos pontos extremos d'uma espessa muralha de suporte, na qual se

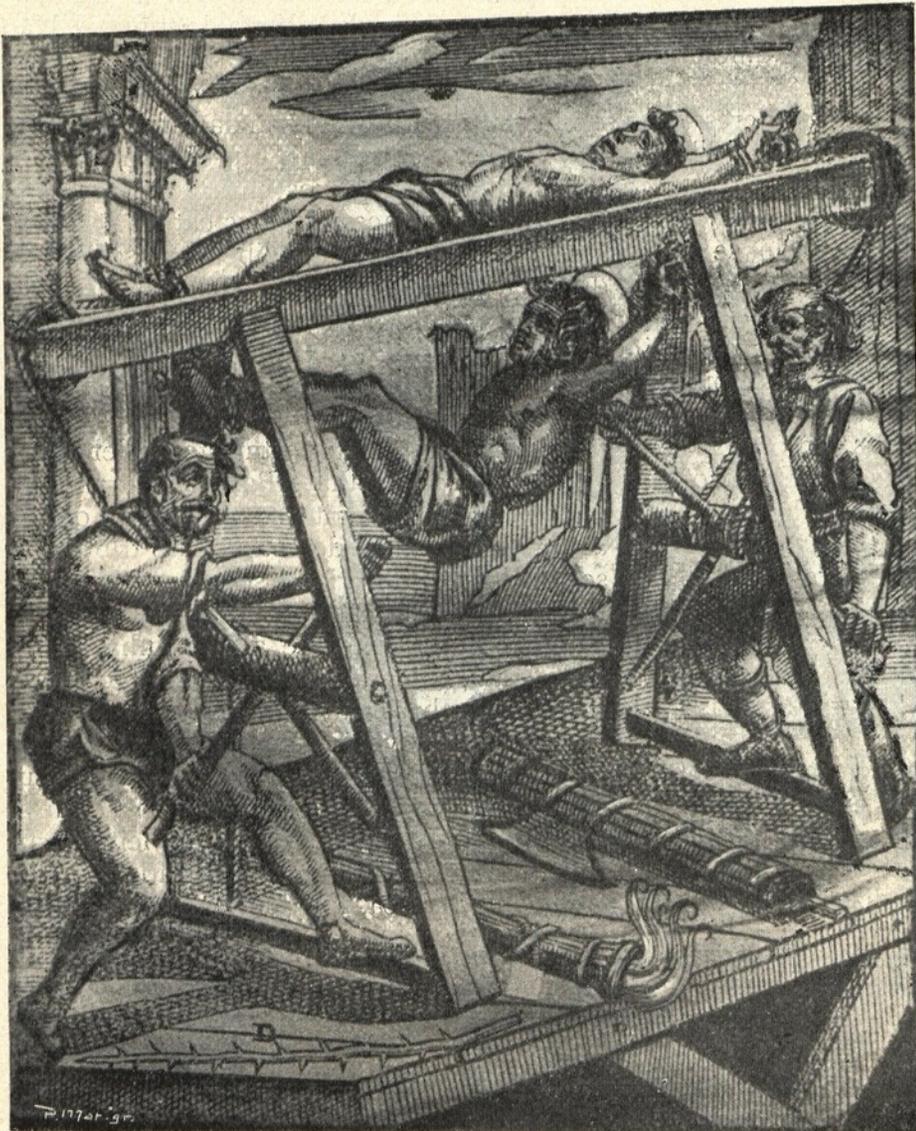
abriam dois porticos communicando com os subterraneos do palacio, nascia uma columnada em hemi-circulo, com os vãos das columnas occupados por pedestaes, sobre que se erguiam estatuas de deuses, talhadas umas em variados e coloridos marmores, fundidas e cinzeladas outras em metaes reluzentes, e todas immoveis nas suas posições, que iam desde a bella serenidade da estatuaria grega ás quasi contursões das di-

vindades asiaticas. A adoração pagã só tinha allí a difficuldade da escolha; e no fogo das aras dedicadas aos diversos deuses, rara foi o que não recebeu e queimou alguma lagrima de resina odorifera. Mas ainda, o mais adorado entre todos, mais ainda que o Jupiter colossal que se elevava sobre um plintho de bronze, com almofadas relevadas, entre os dois porticos do subterraneo, era esse abjecto Glyco, serpente com a cabeça humana, a mais moderna e extravagante concepção da divindade, em cuja frente se enovellava espessa e continua a fumaça do insenso. Muitas d'aquellas estatuas tinham sobre os hombros mantos

lica e triste tonalidade, que tornava os contornos tanto estatuarios como architectonicos rigidos, duros, afiados, todos em claro, sem sombras nem prespectiva. Este meio já de si sinistro pela luz diffusa e immobilidade das estatuas, suscitava um sentimento muito proximo do terror quando a agitação das pequenas chammas bruxoleavam, e o esvoaçar inquieto dos mantos, sacudidos pelas rajadas do vento, se detinham rapidamente sobre as estatuas modelando-lhes grosseiramente os contornos num vermelho vivo, como se fosse uma mortalha ensanguentada cingindo-se a um cadaver. Tudo isto exercia uma acção

enervante sobre a multidão, que depois de irromper na praça, foi esbarrar contra um cordão de legionarios, que hirtos e firmes; resguardavam o espaço destinado á tortura. Então com a mesma gritaria, com a mesma agitação, com os mesmos gestos exuberantes com que no circo reclamava o começo dos espectaculos, assim se foi accommodando, trepando aos plinthos das estatuas, aos soccos das columnas, para não perder um unico incidente da scena de horror que esperava com anciedade. Repentinamente todos aquelles gritos, todos os berros ensurcedores da multidão se fundiram num unico e tempestuoso clamor, formado de mil rugidos selvagens, de uivos ferozes.

No limiar d'um dos porticos acabavam de apparecer os algozes, uns arrastando o estrado sobre que asentava o cavallette, outros armados com grandes chicotes de



O SUPPLICIO DO CAVALLETE

Segundo o livro Originum et Antiquitatum Christianarum por Fr. Thomaz Maria Mamacho

de purpura que o *kamsin*, soprando do sul com violencia, agitava descompassadamente em repellões rapidos e loucos. A atmosphera ennevoada imprimia ao quadro uma melanco-

cabos curtos, com rosetas de ferro nas pontas dos lategos, e por meio das alas que formaram iam passando Romano e Martha com Barallah pela mão; e, á maneira que avança-

vam, cada algoz lhe dava uma chicotada, como se já fossem reus condemnados entrando para a arena do circo. Seguido pelos officiaes de justiça, e precedido pelos lictores, appareceu Asclepiades, que, depois de sacrificar a Jupiter, subiu ao estrado e alli se sentou na cadeira curul. Faz avançar os christãos.

A multidão socega, cala-se repentinamente, ouve-se, sim, ainda um ruido abafado como de vagas rolando ao longe, e depois um silencio profundo, sinistro, como se qualquer mysterio terrivel estivesse alli prestes a ser desvendado. O nevoeiro da manhã desfez-se; mas o dia continuava molle e a atmosphaera humida e morna. De espaço a espaço, mais ou menos intervallados, caíam ligeiras bategas d'uma chuva pulverisada, e grossas nuvens corridas pelo kamsin ora toldavam o ceu tornando-o baixo e pardacento, ora se rasgavam abrindo largas clareiras d'azul, donde vinham á terra quentes e brilhantes os raios do sol. Então todas aquellas estatuas pareciam readquirir vida e movimento, com a luz que as illuminava, dando-lhes perspectiva e sombras.

— Romano, diz Asclepiades, sacrifica aos deuses, glorifica cesar, e clama como todos nós: — *Kyrios kæsar!*

E enquanto a multidão entoava a saudação ritual, Romano conserva-se calado, immovel. Ninguem lhe percebe um som, ninguem vê o mais pequeno movimento na sua alta figura parada.

Em presença d'aquelle mudo desafio, a turba já sequiosa de sangue berrou com delirio selvagem:

— Morram os atheus!

— E tu, mulher, perguntou o perfeito, dirigindo-se a Martha, persistes na teima sacrilega e de lesa-majestade de ensinar a teu filho as ruins maximas e as tonterias dos teus rabbis? Vamos. Tem dó da tua vida, pega em teu filho ao collo e faz com que elle queime insenso a Jupiter.

Martha ficou impassivel como tinha ficado Romano. O seu olhar inerte, fixo, investigava o espaço, e os seus labios, quando as nuvens correndo deixavam a descoberto o azul profundo do ceu, sorriam como quem vê um quadro ineffavel, lá nas regiões onde só alcança a vista da alma. Foi o filho que a acordou da contemplação, puxando-lhe pelos vestidos, e dando as costas ao deus.

— Que os levem ao cavallete, e veremos se o que não fez a bondade nem a persuasão, o não conseguirá a tortura, disse Asclepiades, fazendo um signal de mando aos lictores.

Immediatamente dois d'estes despem a Romano a rota e enxovalhada tunica, apoderaram-se d'elle os algozes, ligam-o de pés e mãos, e extendem-o de costas sobre o

cavallete. As pontas das cordas com que está amarrado passam nas roldanas fixas nas extremidades do espigão, saindo a irem enrolar-se nos sarilhos, que os algozes fazem girar esticando assim o corpo, e conservando-o hirto. Na parte inferior do potro, por baixo de Romano, collocam a creança, que foram arrancar de junto de Martha, contentando-se em a deixarem pendurada pelas amarias dos punhos e dos tornozellos, sem lhe repuxarem os membros.

A mãe não se oppoz; encaminhou-se para junto do instrumento do supplicio, e com o mesmo eterno sorriso, o mesmo olhar inerte, ficou immovel, batida de vento que fazia fluctuar o véu que lhe cobria a cabeça.

— Sacrificas aos deuses? perguntou ainda Asclepiades ao diacono.

— Ao Deus unico, respondeu este, Creador dos ceus e da terra offereço a minha vida.

— Mas o que te impede de adorares esse teu Deus, e de prestares o culto que é devido ás divindades protectoras do estado romano?

— Porque só Elle é Deus, não só de Roma, mas de todo o universo!

— És um rebelde!

— Não! Sou um christão.

— Que lhe arranquem as entranhas!

E já um dos algozes se preparava para calçar na mão uma especie de manopla de ferro, com tres hastes curvas e aguçadas, para cumprir a ordem, quando uma voz tremula, sumida, saida da primeira linha dos espectadores, mantidos em respeito pelos legionarios, objectou a medo:

— A um cidadão de nobre estirpe?

— Quem falou?

E logo um dos legionarios, agarrando pelo pescoço um velho que se achava perto d'elle, o atirou brutalmente para o espaço reservado para os supplicios.

A aparição d'este homem curvado pela evidente depressão de todo o seu ser, que mostrava uma longa vida de miserias, mal embrulhado n'uma toga mesquinha, esfrangalhada e sordida, de olhar mortiço, e que instinctivamente fez um movimento de fuga, embargado pela linha de soldados, suscitou uma tempestade de applausos, gritos freneticos, assobios e palmas, como se fosse a entrada d'uma personagem comica, cortando a scena d'um drama lugubre e pungente.

Um dos lictores obrigou-o a approximar-se do estrado em que se achava Asclepiades, e este perguntou-lhe:

— Como te chamas?

— Aristo, respondeu o velho tremulo e confuso.

— A tua profissão?

— Cirurgião!

— Castrador! emendou a turba numa explosão ensurdecadora de zombeteria alegre.

— Sacrifica! Hesitas! És christão?

Aristo vexado, humilde, pegou num grão d'incenso, e deixando-o cair na chamma da ara dedicada a Jupiter, murmurou:

— Salvé, imperador!

Depois, extendendo as mãos para o prefeito, clamou:

— *Kirios kesar!*

— Disseste que este homem é de nobre geração?

— Pela minha qualidade de cidadão romano o affirmo.

E ao mesmo tempo d'esta affirmativa ouviu-se um fraco gemido. Era o pequenino Barallah, que suspenso no cavallette, já com as mãosinhas roxas, cabeça pendida, olhos rasos de lagrimas, tremendo de frio, tinha exhalado uma queixa. Martha chegára-se a elle, e procurava anima-lo com palavras de amor e carinho. Entretanto Asclepiades ordenava que açoitassem o diacono com os chicotes de pontas emboladas com chumbo.

Para cumprirem a ordem, os algozes desamarraram-o, collocaram-o com as costas para cima, e logo deram começo á sua obra de supplicio. De um e outro lado do cavallette começaram a cair as chicotadas. A cada vibração appareciam no corpo nodos negros e vergões vermelhos. No meio do silencio que dominava a assistencia, sómente se ouvia o bater surdo das pancadas. Depois, a pelle começou a ficar rasgada pelos azorragues, e a abrir-se em carne viva. Corria o sangue, que já banhava o pequeno Barallah, e espirrava sobre os algozes. Mas embora os açoites se seguissem e se cruzassem, dilacerando as costas a ponto de não serem mais do que uma enorme chaga, não conseguiram que Romano soltasse uma queixa, um gemido, um ai sequer.

— Vê se esse homem está morto, ordenou o prefeito a Aristo, admirado da mudez do martyr. Aristo, como petreficado, não se atreveu a chegar a Romano; foi este que disse com voz clara:

— Podes continuar com o supplicio, que não é nelle que hei de encontrar a morte!

— Não sentes dôr alguma?

— Só sinto que Deus me tomará o soffrimento em paga dos meus peccados.

Mas os christãos, que de longe assistiam ao supplicio, segredavam entre si: «que elle nada soffria, porque Jesus, descendo do ceu, estava, sem que ninguem o visse, conversando com elle; como fazia com todos os

martyres, e assim elles não sentiam as dôres.»

Asclepiades ordenou que fustigassem a creança, emquanto suspendia o martyrio de Romano, mas logo ás primeiras chicotadas a pelle mimosa foi agarrada ás pontas do azorrague. Barallah gemeu, voltou olhos soffredores para a mãe, e disse-lhe:

— Tenho sede!

— Se te dei a vida, respondeu Martha, não foi para que temesses a morte. Coragem, filho, dentro em pouco beberás na corrente das aguas vivas.

E a creança deixou pender de novo a cabeça, fechou os olhinhos, e não tornou a exhalar mais tenue queixa.

Asclepiades continuava insistindo com o diacono para que apostatasse, e como este se conservasse firme na sua crença, declarando mais uma vez que não reconhecia outro rei senão a Christo, e que, como o imperador combatia com Este, elle deixava de o reconhecer como tal. O prefeito, levantando-se irado, ordenou que o desligassem do cavallette e o fustigassem nas faces.

A multidão, exasperada pela constancia do martyr, tomou o partido dos algozes, a quem accusava de cobardes. O berreiro era de ensurdecar. De todos os lados se ouviam imprecações, ameaças, trovejar de palavras insultantes, uivos de chacaes famintos, sobrelevando por sobre aquelle estrondoso ruido de milhares de vozes a imposição cruel:

— Os christãos ás feras!

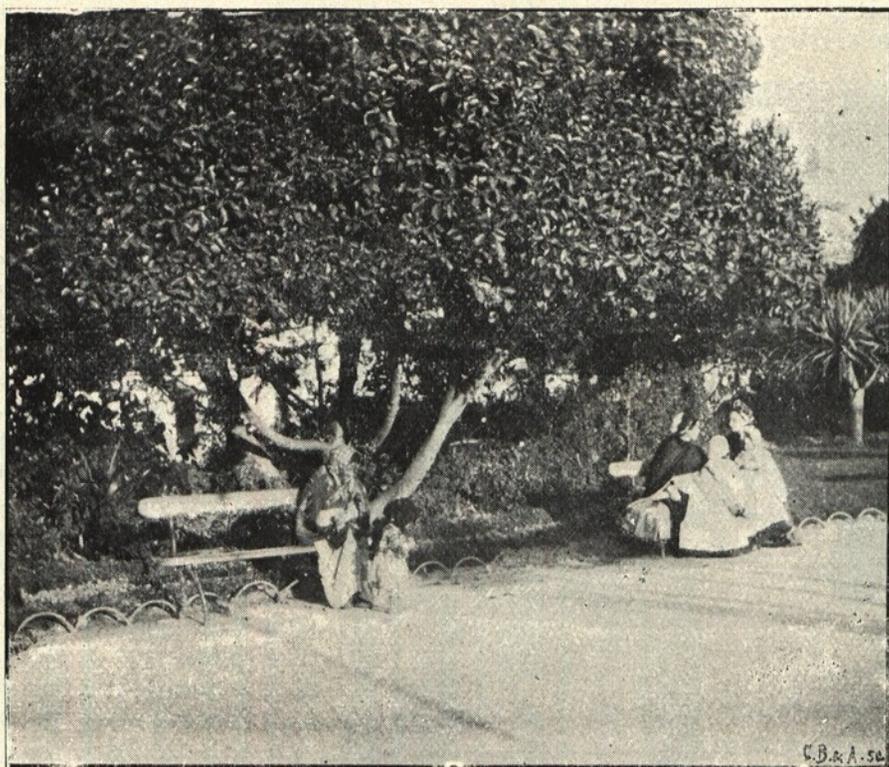
Asclepiades impoz silencio, que se restabeleceu de má vontade, e em nome de Diocleciano e Galero sentenciou que Romano e Barallah morressem no dia seguinte ao romper d'alva, aquelle pelo fogo, este degolado.

— E eu? perguntou Martha.

— Tu assistirás á morte do teu filho. Achas pouco? E fez recolher os suppliciados.

Foi então que Aristo, chegando-se a Romano, lhe lançou sobre os hombros em sangue a esfrangalhada tunica; e Martha, envolvendo o filho no escasso manteu, pegou n'elle ao collo, e sem derramar uma lagrima, seguiu o diacono e ambos se sumiram na escuridão do subterraneo.

O sangrento spectaculo estava terminado. A multidão ainda se demorou vituperando Asclepiades, emquanto elle esteve presente; depois foi-se dispersando, e, dentro em pouco, na vasta praça, só se via um ou outro serviçal ou cliente do palacio, atravessando apressadamente, e reverenciando de fugida os immoveis deuses batidos do vento.



LOGAR PARA TODOS

Os jardins de Lisboa

LOGAR para todos. Em dois bancos sucessivos, casualmente, a mesma onda luminosa e quente do bom sol vivificador, coada através da verdura, aquece e alegra a inocência das creanças. Umas, mimosas da fortuna, palream ao collo das amas, como os passaros nos ramos das arvores; outra, pernitás nuas e descalça, moureja sob a fina areia branca da alameda a sua pobreza, resignada ainda, na ignorancia infantil das amarguras da vida que entristecem o disvello attento da mãe. No pleno ar, apagam-se n'uma polarisação emotiva as differenças sociaes; ao sol, todos se aquecem, ricos e pobres. A luz evangeliza, como a palavra do justo. Em volta d'aquelle contraste frisante de condições mundanas, os ouvidos sensiveis ás coisas do invisivel deveriam perceber o mesmo cantico da luz, subtil e acariciador, a envolvê-lo como os perfumes das flores, desabotando agora por esses jardins de Lisboa.

E teem estes na verdade a sua vida propria, bem caracterizada, cheia de episodios,

curiosa para a observação, variavel segundo as estações e os locais, mas fortemente activa na primavera.

As modernas tendencias democraticas mudaram-lhes os aspectos. Ha annos ainda cercava-os, na sua grande maioria, uma grade, symbolo do antigo e espesso muro das cercas do convento. Os jardins tinham uma vida á parte do movimento da cidade: — o passeio publico, a praça de Camões, a praça das Flôres. Hoje a onda demolidora de todos os privilegios arrasou-lhes as devesas, e tirou-lhes aquella regalia de propriedade particular, fechada á noite, de serventia facultativa.

Mas, em compensação, facilitando-lhes o accesso, recortando-lhes em graciosos arabescos as multiplas entradas, pela eliminção dos velhos talhões classicos, bordados de buxo ou de alfazema, abrindo campo para o desenvolvimento das arvores e dos arbustos plantados sobre os relvados macios, permitindo-lhes a circulação franca e livre da vida, os jardins da moderna Lisboa teem uma pai-

zagem mais variada e alegre, uma decoração mais artística. Tornaram-se mais luminosos e arejados. E n'estes ultimos annos todos se tem alindado; porque se fizeram no seu na-

novos meios de transporte modificaram profundamente a circulação da vida em Lisboa. O cabo do ascensor amarrou as duas montanhas, e acabou com a separação natural dos bairros. Em breve, a aranha dos tramways electricos tecerá tambem por aquelles altos a sua teia industrial.



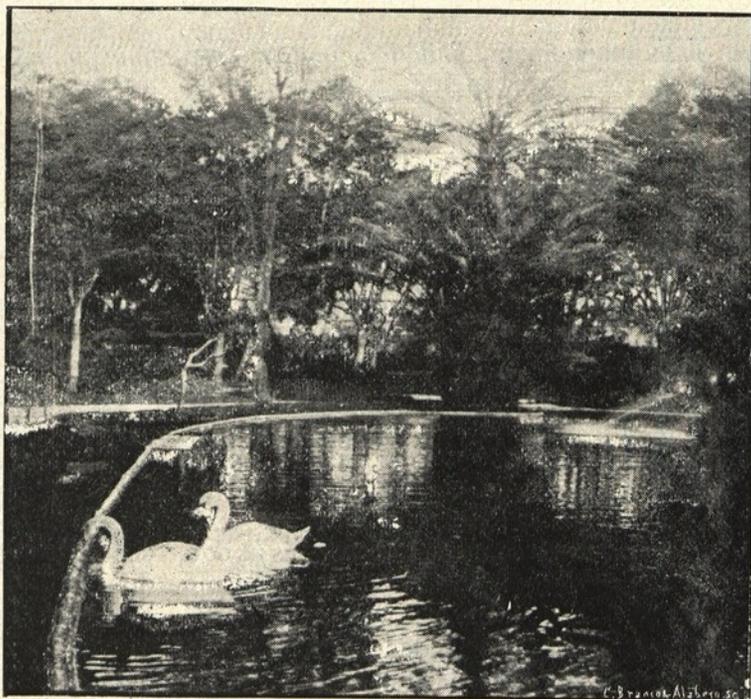
A ESCOLA FROEBEL (agora fechada)

tural crescimento, e porque melhor se cuidaram no tratamento e na replantação. A estima pelas flôres e pelas arvores acompanha a civilisação.

Dos fechados resta ainda o jardim da Estrella, o mais formoso, ar de parque aristocratico, *toilette* severa e cuidada, ricamente provido de sombras, defendido pela cortina das grades, fechado ao pôr do sol, ao toque de sineta, grave e bem timbrada como a do Banco que annuncia o fecho das caixas, ás tres horas, para a rua dos Capellistas, o mundo do dinheiro. Se elle conserva ainda esta nobreza de porte que o favorece de quando em quando e que o transforma em parque soberano para a realisação de *garden parties* caridosas, tem perdido todavia o seu aspecto particular de jardim bairrista, confinado e exclusivo, como nas épocas em que descer de Buenos-Ayres á Baixa correspondia a sair d'um suburbio para entrar no coração da capital. Os

entretanto o jardim da Estrella, estendido deante da portada magestosa do extincto convento como um tapete de verdura, limitado ao lado norte pela fileira de cypresses que recortam no azul o cemiterio dos inglezes protestantes, conserva ainda o antigo aspecto de recreio para creanças, em grande numero das colonias ingleza e allemã, que o estabelecimento da escola Froebel quiz, e não conseguiu, accentuar, popularisando-o, democratizando-o, como evolução da vida educativa em Lisboa.

De manhã, em dias de semana, os *babies* rosados e louros, as *nurses* de seios opulentos, toucas e aventaes brancos, povoam as alamedas sombreadas, enchem de risadas *crystallinas* o silencio morno do jardim; e entre as creanças que desenham arabescos na areia com o rasto dos arcos, e as *corbeilles* de flôres que generosas entornam o seu perfume subtil, circula no ar ambiente uma forte seiva de

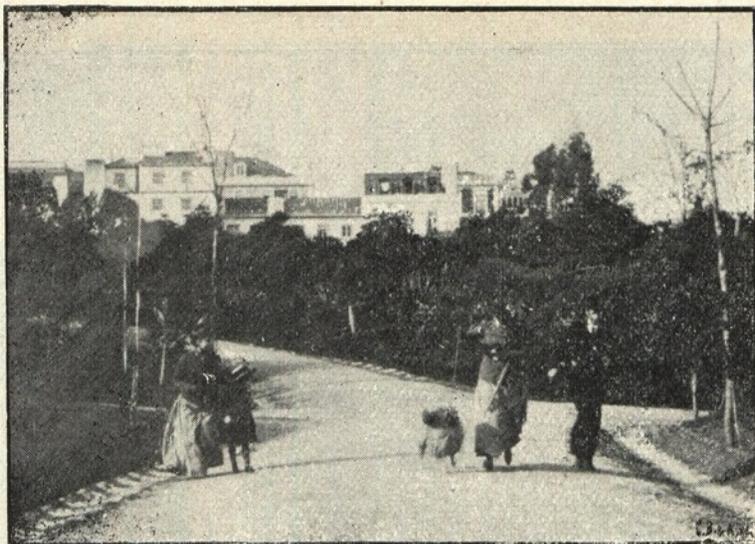


OS CYSNES DA ESTRELA

vida alegre e descuidada. Ao domingo, á hora da musica regimental, a concorrência é sempre numerosa, o aspecto geral lembra os jardins da provincia, e por entre as ruas sinuosas circula então uma vida concentrada e reflexiva, onde florecem os primeiros affectos ou onde se repousam as passadas paixões. Nos bancos sentam-se as mães e em volta da *corbeille* central passeiam em grupos as meninas na desenvoltura artificial da sua gentileza.

E mais tarde, ao extinguir dos ultimos ecos do *passo do-brado* final nos metaes da banda regimental, e quando a claridade doce do entardecer alonga as sombras da arvores, toda aquella gente sahe ao toque da sineta, umas para dormir na casa de jantar, ás escuras e á espera da hora do chá, outras para prolongar as illusões do amor nascente na ballada sentimental, gargarejada do segundo andar para a rua, em pequenas phrases curtas.

A aventura galante procura outros jardins. Cada um tem a sua especialidade. Aquelles que pela disposição aberta continuam a rua, prestam-se melhor ao encontro aparentemente casual, sem temor de reparos indiscretos. Se elles são passagem para casas de visitas; por elles se faz caminho; por elles se encurta a distancia, e



O JARDIM DA ESCOLA POLYTECHNICA



NO JARDIM DA ESTRELLA

mais agradável é cortar em diagonal uma praça por entre as alfombras verdes, mosqueadas de flôres, ou descer á caudal da Avenida por entre palmeiras exuberantes, do que tornear as ruas lateraes da praça ou entontecer em phobias neurasthenicas na descida das escadas a prumo da Cotovia mal afamada. Assim a praça do Principe Real, e o jardim da Escola teem

uma vida mais romanesca, d'un mundanismo mais elegante, de um pinturesco menos reservado do que as verduras espessas do jardim da Estrella.

Tudo isto bem entendido nos limites estreitos da pequena vida mundana lisboeta; que, não sendo domingos ou dias santos, a horas de musica n'aquelles jardins onde ha coretos, o movimento n'elles é extremamente restricto. Em



A PRAÇA DO PRINCEPE REAL



Compt. Photo. Br.

JARDIM DE D. FERNANDO EM BELEM

nenhum, qualquer que seja o bairro, se encontra o aspecto pinturesco do jardim do Luxemburgo ou do parque Monceau : uma população numerosa e na maioria feminina, em pleno trabalho ao ar livre, despreocupada dos que passam, isolada no meio da multidão que a rodeia, bordando, lendo, pintando, embalando os berços. Onde se viu isto cá? Lisboa é bastante grande para ser uma formosa cidade, e suficientemente pequena para ter vida aldeã, cheia de compromissos e de convenções. Cada qual que pare por momentos n'um passeio, fóra d'um candieiro de taboleta, ou se demore á esquina d'uma rua, indiferentemente, ao acaso ou ao sabor d'um pensamento ou d'um capricho, tem de justificar a si proprio o extranho caso, antes de responder á inevitavel interrogação admirativa do — *então por aqui?!... —* do primeiro conhecido que passe, se por ventura tiver logrado evitar até então a curiosidade dos moradores do sitio, em sobresalto perante a novidade imprevista d'algum parado! Quanto mais fazer vida em jardins publicos, deante de toda a gente, conversar,



«HABITUÉS» DOS JARDINS

lêr um livro, encher as folhas d'um *block* com desenhos do natural, recortes de paisagem, efeitos de luz! Quando muito está regulado e decretado pela convenção mundana que sómente se pôde estar, sem reparos, na Avenida á hora da *élite* e da sahida das repartições.

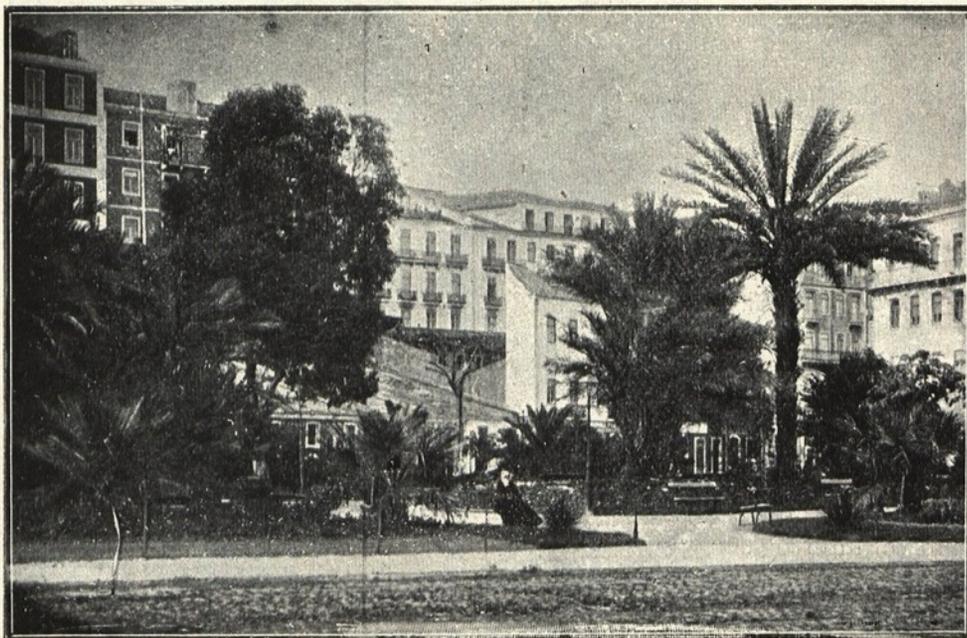


NA RUA DAS PALMEIRAS

cada pedir conselho ao jardineiro que rega á lança o relvado, observar o crescimento das plantas que viram semear, das arvores predilectas que viram transplantar.

extranhamente coloridas dos coleus e das begonias, de reflexos metallicos, como velhos pratos de ceramica arabe.

Nos interiores os mais modestos, na decoração habitual das salas burguezas, as flôres frescas do ar livre e as plantas persistentes da flora japoneza substituiram em progresso feliz os antigos ramos de hortensses de papel ou de rosas de conchinhas que ornamentavam a jardineira de pedra defronte do canapé, soberano no meio das cadeiras que lhe faziam guarda d'honra, como



JARDIM DE SANTOS

Tem-se desenvolvido, sem duvida, o gosto pela cultura das flôres, como tem crescido o respeito pelas arvores dos arruamentos. Com o augmento da area edificada em Lisboa, com a abertura das novas avenidas e com a perfeição relativa das construcções, desapareceram as hortas numerosas, onde espigavam as couves e se cuidavam as alfaces, e hoje multiplicam-se nos panoramas graciosos que se descobrem dos pontos altos de Lisboa as manchas dos pequenos jardins arborisados, onde abundam palmeiras e as yuccas em centros de *corbeilles* todas floridas. Se os beiraes das trapeiras se enfeitam ainda do manjerico e do craveiro perfumados, como nos galarins mouriscos do Alemtejo, tambem se desenvolvem, ao abrigo das vidraças, as folhagens

sentinellas ao lado d'um altar.

Correspondentemente, os logares de venda de flôres multiplicaram-se e especialisaram-se; a procura sustenta lojas exclusivas com largas *vitruines* decoradas, como nos *boulevards* de Paris; innumerous portaes se enquadram de verdura escolhida entre mil variedades ornamentaes, como junto dos caixões de grão de bico á porta das mercearias se apresentam, com ar de *store* londrino, os fructos mimosos, esta outra evolução recente no funcionamento dos mercados lisboetas. Os hortos de venda chamam a concorrência por meio de exposições, e as collecções de rosas magnificas ostentam a sua bella coloração suggestiva, esplendidas de forma, enebriantes de perfume.



DANSONS!

(A Maria Pereira de Seixas)

PAS-DE QUATRE POR

M. [JULIA LOUREIRO] DE MACEDO

Piano

Introdução

Pas de quatre

p

Fim.

First system of musical notation, consisting of a grand staff with a treble clef and a bass clef. The key signature is one sharp (F#). The music features a melodic line in the treble clef with slurs and accents, and a bass line with chords and rhythmic patterns. There are fermatas over the final notes of the treble staff.

Second system of musical notation, continuing the piece. It features similar melodic and harmonic structures to the first system, with slurs and accents in the treble clef and chords in the bass clef.

Third system of musical notation. The treble clef part shows a melodic phrase with a slur and an accent. The bass clef part continues with chords. A fermata is placed over the final notes of the treble staff.

Fourth system of musical notation. The treble clef part has a melodic line with slurs and accents. The bass clef part provides harmonic support with chords and rhythmic patterns.

Fifth system of musical notation. The treble clef part features a melodic phrase with slurs and accents. The bass clef part continues with chords and rhythmic patterns.

Sixth system of musical notation, the final system on the page. It concludes with a double bar line and repeat dots. The text "D.C.:8" is written above the treble staff. The treble clef part has a melodic line with slurs and accents, and the bass clef part has chords and rhythmic patterns.



MAL DE HERANÇA

CAPITULO SEXTO

No dia seguinte de manhã fomos a Clou-sedale Hall. Não nos surpreendeu vêr que tanto o doutor como o pastor, já nos tinham precedido. Todavia, appareceram para vigiar, não para se oppôr á experiencia e passeavam silenciosos na sala de jantar com phisionomia carrancuda e grave. Mistress Hill apresentava aspecto acabrunhado e triste.

— Não vieram cedo de mais, — disse-nos, em voz baixa e nervosa. Depois conduziunos ao pavimento superior.

E' impossivel descrever o effeito que me fez a vista de Lucy. Ella estava sentada n'um *boudoir* que tinha entrada para o quarto de dormir. O seu formoso rosto outr'ora pallido estava agora enrubecido e afogueado; os grandes olhos azues fulguravam penetrantes e inquietos; havia o quer que fosse de febricitante e electrico no seu modo; e os seus sedosos cabellos castanhos, completamente bacos como o ferro que sáe da fundição, cahiam em parte sobre os hombros. Quando me viu, deligenciou fugir, mas impedi-lhe a sahida pela porta do quarto de dormir e fiz quanto pude para lhe minorar a tortura da sua humiliação. Deixou-se cahir nos meus braços, escondeu a face no meu peito, e prorompeu em choro afflictivo. Comquanto estivesse profundamente commovido com aquellas lagrimas, procurei impôr-lhe serenidade, esforcei-me em lhe incutir esperanza e consolalameigamente.

— Hade em breve ficar bem, minha querida. Esteja certa d'isso. Não tenha receio. Trouxe um especialista francez para a vêr, e deve fazer tudo quanto elle pedir e desejar.

Depois entrou o hypnotista e logo em seguida o doutor e o pastor d'almas.

Lucy segurou-me na mão durante o primeiro exame, e parecia suavemente calma e bem disposta ao tratamento. Quando se fez porém uma primeira experiencia de a adormecer, convidando-a a fixar o olhar por alguns momentos em qualquer objecto bri-

lhante, ella descobriu instantaneamente a intenção e cahiu com um ataque histerico. Era horrivel ouvir-lhe os gritos e vêr as contracções nervosas do seu rosto. O hypnotista pediu brandy e offereceu-lhe uma pequenina dose. Ella agarrou no copo com avidéz febril. Os seus olhos n'aquelle instante pareciam na escuridão bolas de fogo. Era terrivel vêr-lhe o olhar quasi feroz e de través.

Era certo que não tinhamos chegado bastante cedo. Era imminente o ataque. Tinha-mos de proceder immediata e rapidamente ou de abandonar por completo a tentativa.

— Intervenções hypnogenicas, disse La Mothe, são difficeis n'um caso como este; portanto devemos experimentar as intervenções mesmericas.

Sem considerar quasi na differença, senti na mudança de experiencia, e depois todos, excepto eu, fômos mandados sahir do quarto. Nunca poderei esquecer-me do que succedeu. A scena que se seguiu deixou cicatrizes no meu cerebro. A impressão dolorosa, que senti, foi semelhante ao arrancar d'um penso de sobre uma ferida.

O magnetizador fez sentar a minha querida Lucy n'uma cadeira e collocou-a no meio da casa, e elle sentou-se n'outra, mesmo de frente. Depois cara a cara com ella, começou de fazer movimentos especiaes, passes diversos e finalmente pousou-lhe sobre o peito a mão esquerda fazendo novos passes em direcção atravessada, que mais tarde soube terem o nome de faixas hypnogenicas. Depois d'isso chegou-se mais perto e passou a mão direita pelos hombros e pelas costas. As fronte quasi se tocavam. Lucy deu um suspiro abafado, indistinguivel, meia voltada para mim, como n'uma expressão de supplica ou de recriminação.

La Mothe ia continuando a operação. Vagarosamente, muito vagarosamente, com uma serenidade que se tornava odiosa, o magnetizador continuava com a tal pressão inclinada. A hysteria de Lucy parecia acalmar-se

ao menor contacto com a mão do operador. Primeiro o seu rosto empallidecera como de temor, depois ruborisára-se de novo, como de prazer; os olhos tornaram-se brilhantes e húmidos, as pupillas dilataram-se-lhe e o olhar ficou transfixo. Deixou cahir a cabeça, cobriu o rosto com as mãos e suspirou distintamente. Eu quiz fazer terminar a experiencia; mas, enleada a vontade, não ousei intervir.

curta e difficil, como se principiasse a soffrer de uma suffocação nervosa.

— O quarto está andando á roda, disse em voz funda e baixa, continuando ainda a articular quasi em segredo:

— Vae andando cada vez mais depressa.

— Muito bem — interrompeu La Mothe, voltando-se para mim e inhibindo-me o impulso de intervir.



Não tenha receio...

A magnetisação continuava. Os olhos de Lucy diminuíram de brilho; parecia que se lhe escurecia a vista, a respiração tornara-se

— gritei desabrido e arrancando dos braços d'elle a minha querida levei-a para o quarto de dormir e deitei-a sobre a cama.

Depois o corpo da paciente começou de se agitar em bruscas convulsões. Em seguida veio o abatimento e a prostração. Finalmente, como o homem se approximasse outra vez d'ella, cahiu nos seus braços, inclinou-se um momento, deitou a cabeça sobre os seus hombros, com os olhos cerrados e o pescoço estendido e com um suspiro pareceu perder os sentidos.

— Muito bem — disse de novo La Mothe, mas revoltou-me o seu ar de satisfação. Tive desejos de o agarrar pelas guellas e arremessal-o para fóra de casa. Sei agora qual era a sensação de horror que n'aquelle momento se definia vagamente para mim. Era o horror de ver como o poder de uma creatura humana consegue por processos mysteriosos da natureza influir sobre outra, pondo-lhe a alma a dormir e dar-lhe a morte apparente — por algum tempo em todo o caso.

— Deixe-me levá-la para o seu quarto — disse La Mothe.

— Queira afastar-se

Estava inclinado sobre ella, contemplando-lhe a fronte de marmore, os olhos humedecidos de lagrimas, quando percebi que Gordin e Mac Pherson estavam em pé atrás de mim.

— A excitação intensa produziu a catalepsia, disse o doutor, e um momento depois accrescentou:

— Ella desmaiou simplesmente.

Repeti as palavras em francez a La Mothe, que sorrindo-se e abanando a cabeça respondeu: — Não.

— Pois não vê, senhor, que ella apenas desmaiou? objectou o doutor.

Eu repeti tambem estas palavras, e o hypnotista respondeu:

— Acaso alguém falla quando está sem sentidos?

— Não, certamente, disse o doutor,

— Falle-lhe — ordenou para mim o hypnotista.

— Inclinei-me outra vez sobre a cama, e olhando para as palpebras cerradas, gritei em vóz alta — Lucy!

— Não grite — observou o hypnotista. Os seus ouvidos não estão insurdecidos. Estão attentos. Ella ouve tudo quanto dizemos, assim como a pancada dos nossos relogios e o bater dos nossos corações.

Em voz sumida, quasi como se fosse em segredo, fallei outra vez:

— Lucy!

Os labios dôces, tão suavemente cerrados, abriram-se com serenidade, e a vóz da minha querida soou como a voz de quem falla quando está mergulhado em somno.

— O que quer?

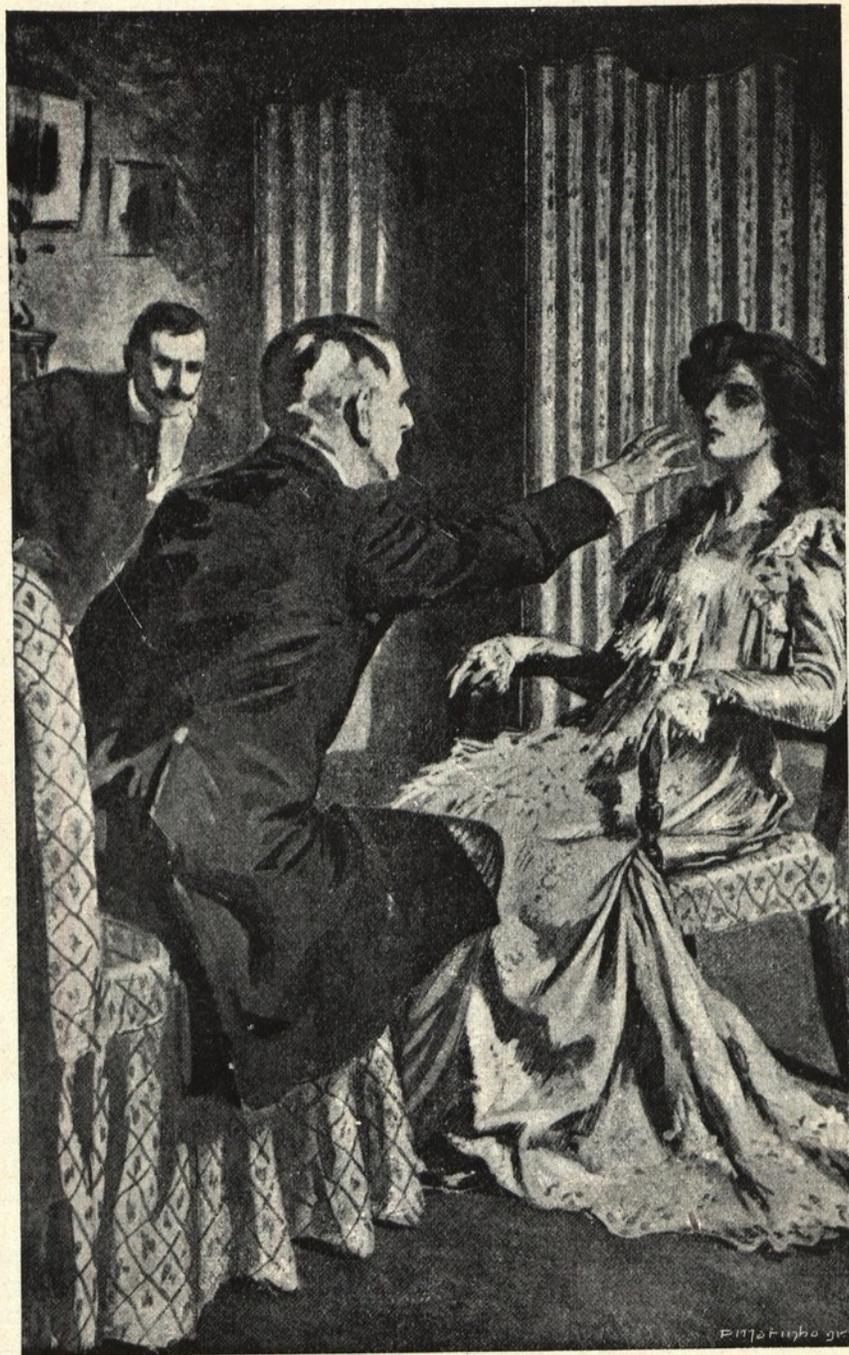
— Está soffrendo?

— Oh! não.

— Sabe quem eu sou?

— Sim,

— Permite que lhe segure na mão?



La Mothe ia continuando a operação . . .

— Oh, sim!

Levantei de sobre a colcha da cama os delicados e mimosos dedos e apertei-os entre as minhas mãos humidas e agitadas.

— Sente-se completamente feliz, querida?

— Completamente feliz. O doutor e o sacerdote escutavam e seguiam com a vista esta scena, muito attentos e curiosos.

— O que ella está é exausta—disse Godwin, fallando em francez.

— Então ainda pretende que ella não esteja adormecida — interrogou o hypnotista.

— Certamente que sim.

— Então levante-a, faça-a sentar-se e fallar-nos de qualquer cousa accidental da sua vida.

— Arregace-lhe as palpebras. Veja-lhe as pupillas, disse o hypnotista.

O doutor assim fez.— Está dormindo — balbuciou.

— Mas sómente na phase somnambula — accrescentou o hypnotista.

Depois tocou-lhe nos sobrolhos e nas fontes com forte pressão ;

a sua respiração tornou-se mais vagarosa e menos perceptivel ; o rosto mudou para uma expressão serena, e as faces tingiram-se de um leve rubor côr de rosa.

— Ella entra agora na phase mais funda. Está em extasis, explicou o hypnotista.

— Então julga que ella está inconsciente? perguntou o doutor.

— Completamente inconsciente.

— Lucy! — gritei outra vez sobre o rosto impassivel, mas não me deu resposta alguma.

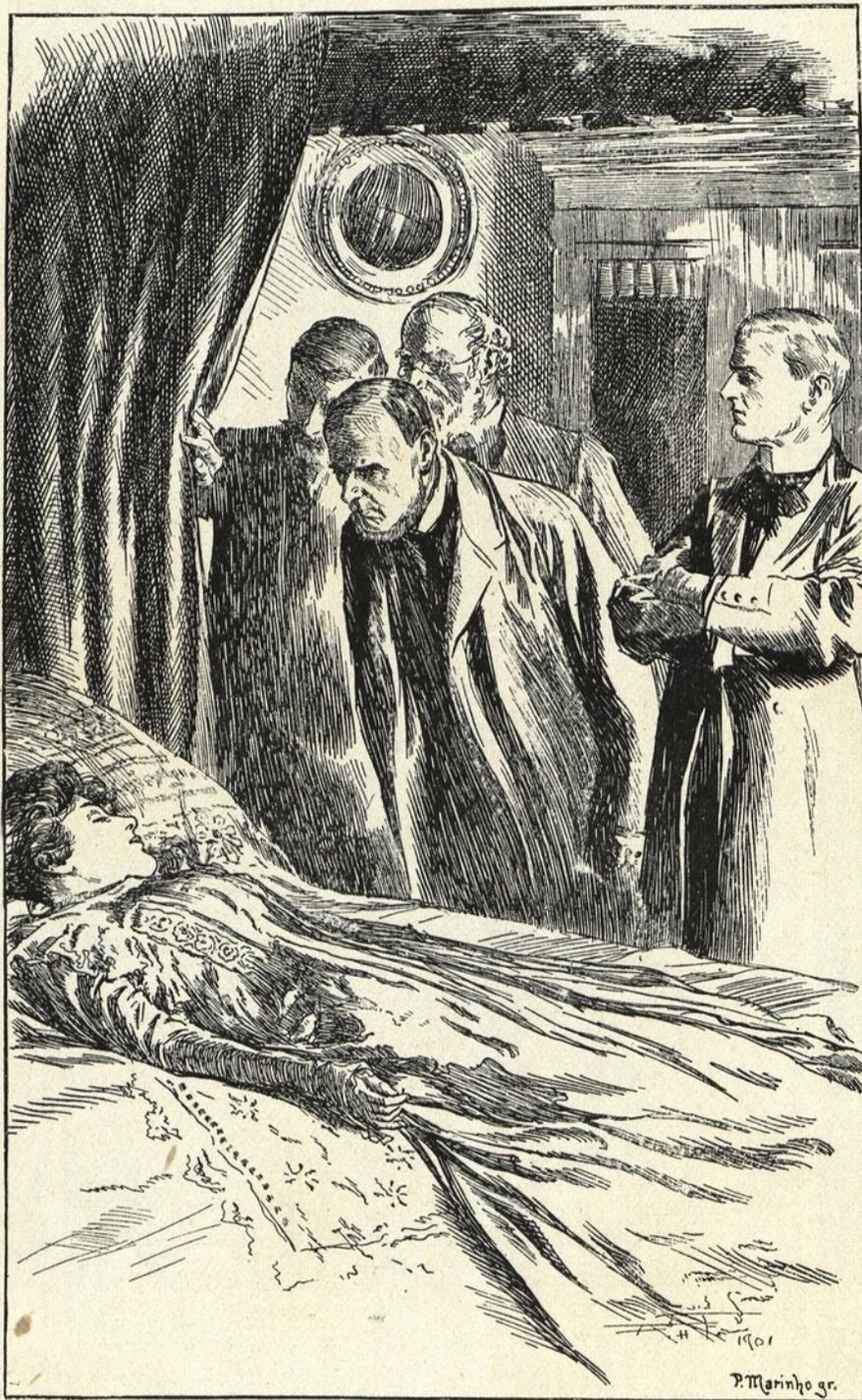
— Lucy! Lucy!

Não havia o estremecer sequer de uma pestana, nem a sombra de um movimento nos labios. Tinha partido— partido para o grande mundo do silencio onde as almas vivem apartadas, intangiveis.

Não senti nem temor nem sobresalto. Nenhum presentimento mau me tocou o espirito.

Era impossivel sentir receio olhando para aquella phisionomia serena. Nunca a minha querida me pareceu mais suavemente bella, tão similhan te a uma creança no seu somno de felicidade, como se fora a visão terrena d'um anjo, desprendida dos desgostos e enfados da vida. O peito arfava-lhe regularmente, em bran-

do rythmo. Tinha de escutar attentamente para distinguir o som da sua suave respiração. O coração batia-lhe regularmente. Estava em paz. Daria bom resultado esta



Então supõe que não está dormindo . . .

O doutor aceitou promptamente a indicação. Levantou Lucy nos braços e fallou-lhe, mas ella cahiu para traz como quem não tem força no corpo.

experiencia? Quando a minha querida acordasse d'este somno d'alma ter-lhe-hia desaparecido a ardente sede do corpo?

— Quanto tempo costuma durar o ataque? perguntou o hypnotista.

— Trez dias—respondeu mistress Hill, levantando-se de uma cadeira onde estivera sentada com a cara tapada com as mãos, silenciosa e afflicta.

CAPITULO SEPTIMO

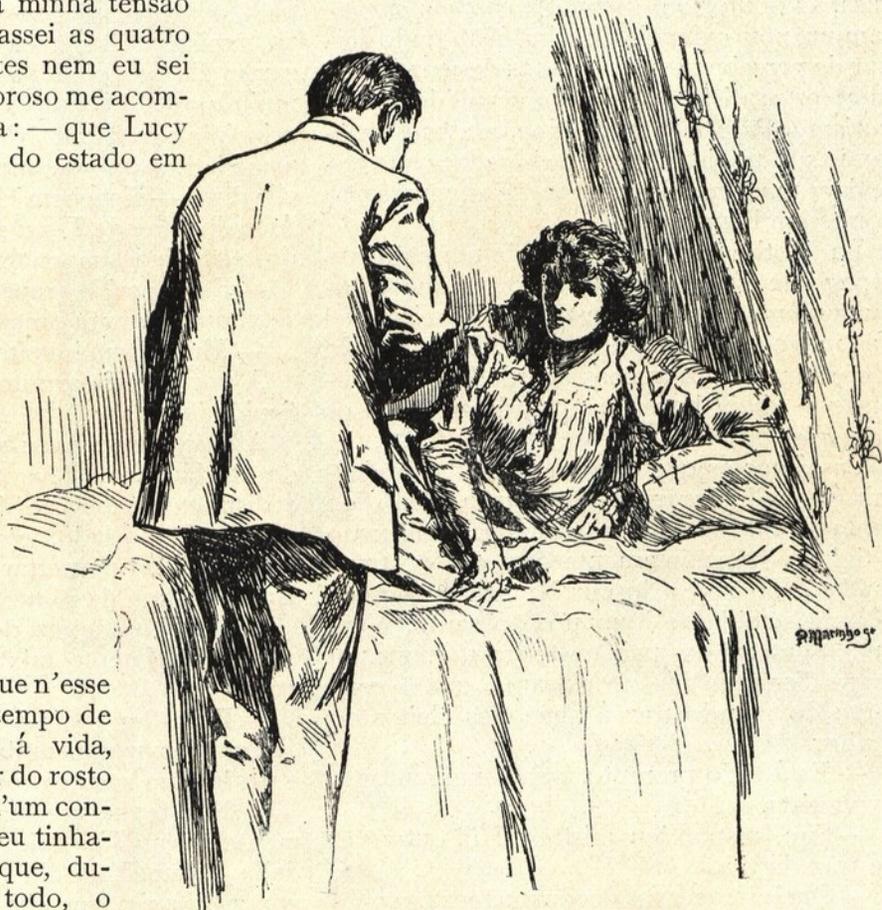
DEIXEI o hypnotista em Clousedale Hall e voltei para *Wheatsheaf*. Até então não tinha calculado qual fôra e qual teria ainda de ser a minha tensão de espirito. Como passei as quatro noites e dias seguintes nem eu sei dizer. Um terror horroroso me acompanhava a toda hora: — que Lucy nunca viesse a sahir do estado em que a tinham collocado as forças mysteriosas. Ia a casa d'ella constantemente, e de todas as vezes que me aproximava olhava nervosamente, desde o ponto mais distante, para me certificar se estavam cerradas as gelosias. Subia as escadas a quatro e quatro, e introduzia-me nos corredores como um ladrão. O que sei é que n'esse pequeno espaço de tempo de espera em relação á vida, envelheci, perdi a côr do rosto e tinha a expressão d'um condemnado. Comtudo eu tinha-me assegurado de que, durante este tempo todo, o hypnotista não tinha apresentado a menor preocupação. Brilhava-lhe na phisionomia

um risonho contentamento, todas as vezes que eu olhava para elle com olhar assustado e interrogador. O estado de Lucy continuava bom. Tinha o pulso regular, o coração normal. Tomava alimentos liquidos em quantidades substanciosas que elles faziam passar por entre os seus labios quasi immoveis. Não pensei sequer importar-me, nem molestar-me com a gente de Cleator, mas era-me impossivel desconhecer que a opinião publica estava contra mim. Mesmo a senhora Tyson que a principio se mostrára com animo fa-

— Tres! — hoje é quarta feira; quinta — sexta — sabbado — havemos de a acordar domingo de manhã. Entretanto ficarei aqui em casa e se, como é provavel ella voltar a si, reagindo contra o influxo recebido, ahi pela madrugada, tornal-a-hei a pôr outra vez, sob o somno hypnotico.

voravel a meu respeito, olhava-me agora desconfiada, com a censura á flor dos labios.

Mas luctei contra todas estas pequenas



Recordo-me que trouxe um medico francez . . .

cousas e a noite de sabbado chegou afinal. Era a vespera da manhã designada para o acordar de Lucy, e não pude conciliar o somno. Quando devia estar na cama, andava percorrendo ao acaso as ruas e estabelecimentos das minas e de madrugada achei-me como uma alma perdida, rondando a casa de fundição de *Owd Boney*. Os fornos onde se ustullava o minerio de ferro, deitavam chammas vermelhas e brilhantes na escuridão espessa. Mal se distinguam as montanhas e os vales estreitos, mergulhados ainda na sombra;

apenas se devisavam as linguas de fogo apparecendo nas boccas quadradas das chaminés, e sómente se ouvia a arrastada oscillação dos embolos das bombas de esgoto dos poços, e das machinas de extracção do ferro das entranhas da terra. Na disposição do meu espirito n'aquella occasião equiparava este trabalho inconsciente, automatico, aos mysteriosos e terriveis processos que se estavam empregando na casa grande, atráz das arvores, com a minha querida Lucy.

Appareceu a alvorada, muito fresca, brilhante e linda. O sol brilhava, as aves cantavam, e não havia nenhuma nuvem no ceu. Tão cedo quanto pude, encaminhei-me para casa. O doutor e o sacerdote escocez chegaram um pouco depois de mim. Não pude deixar de perceber nos seus gestos desagradaveis uma certa satisfação pela minha pallidez e nervosismo. Parecia mesmo que estavam desejando um tragico fim, ou pelo menos que anteviam um terrivel triumpho, se as cousas não corressem bem.

La Mothe chegou depois de um pequeno espaço de espera. Parecia alegre e fallava animadamente. Havia uma atmospha irritavel nas maneiras d'aquelle homem. Tinha estado a dormir e vinha apenas acordado. Pareciam-me que ainda bocejava quando nos deu os *bons dias!*

Passámos os quatro para o quarto de dormir. Aquelle lugar de paz estava pleno de santa serenidade. Lucy permanecia allí como a tinha visto ultimamente com o rosto tranquillo de um anjo a dormir. Nunca me pareceu vêr um semblante humano tão santo. Nem uma sombra da paixão terrena, nem um traço d'aquella mescla extranha que o contacto do mundo traz á alma dos eleitos do senhor.

— Está tudo prompto, ama? perguntou o hypnotista.

— Sim, respondeu mistress Hill outra vez de traz de mim.

— Queira trazer essa pequena meza e collocar-a ao pé da cama.

Fez-se o que indicava.

— Agora ponha um copo de vinho sobre essa mesa e junto a garrafa de brandy.

Tambem se fez isso. Estava chegada a hora de a acordar. Não se ouvia no quarto senão o som do crepitar da madeira secca no fogão, o canto das aves lá de fóra, e o resfolegar sonoro e aspero do hypnotista. Nós outros, estávamos muito quietos, muito recolhidos. Os nossos próprios corações pareciam estar suspensos.

Eu deveria ter vivido o espaço d'uma vida durante os dois minutos seguintes. Era terrivel a anciedade. Nenhuma agonia phisica

se póde comparar a uma agonia de incerteza como aquella.

O hypnotista approximou-se da minha querida, e collocando os dedos levemente sobre a testa levantou-lhe as palpebras com os polegares. Os globos dos olhos appareceram revirados — eu não podia olhar para ella, e não podia ao mesmo tempo desviar a vista.

Um momento depois o hypnotista inclinava-se, com o rosto unido ao d'ella, soprando-lhe os olhos suavemente.

Houve um periodo immenso de incerteza. Lucy permanecia sem signal algum de vida.

O hypnotista segurava nas palpebras completamente abertas e soprava mais fortemente as pupillas. Os globos moveram-se e começaram de se voltar para baixo. Então, perto muito perto do rosto silencioso o hypnotista principiou a fallar. N'uma voz alta e funda, acariciadora e ao mesmo tempo de commando elle disse — Está bem? Miss Lucy, está bem? As palpebras de Lucy estremeceram debaixo dos seus dedos mas não houve resposta.

— Está bem?! — repetiu o hypnotista como se chamasse para uma caverna muito funda.

— Muito bem! muito bem!

A voz parecia arrancada da alma com difficuldade.

A dormente moveu-se. Houve um agarrar de colcha, uma elevação do seio, um fundo e distincto suspiro, e depois o corpo inteiro rolou sobre o lado, como faz uma creança de manhã ao despertar do seu longo e profundo somno da noite.

Comecei outra vez de respirar livremente com o sentimento mixto de allivio e de alegria.

— Falle-lhe — disse o hypnotista.

Tentei, mas não pude; tentei segunda vez e proferi um susurro rouco.

— Não tenha receio. Ella está completamente salva. Mais dois minutos e estará acordada e bem. Falle-lhe. Deixe que seja a sua voz a primeira que ella ouça ao voltar a si e ao mundo. Recorde-lhe qualquer incidente do passado — o mais terno será o melhor. Nós vamos deixal-o só.

Em seguida convidou o doutor e o sacerdote a sahirem com elle, e passarem juntos para o *boudoir*. Cheguei-me para a minha querida, peguei-lhe na mão e beijei-a e depois n'uma voz quasi em segredo chamei-a pelo nome.

— Lucy!

Houve um silencio momentaneo, como se a alma da dormente estivesse escutando, e depois n'uma voz fóra do timbre habitual, ainda somnambula ella murmurou:

— O quê?

— Lembra-se do dia da sua partida de Londres?

Houve ainda outra pausa, e depois seguiu-se uma torrente de palavras.

— Que adorável pôr de sol! Vêde como o vermelho ardente se espelha tão docemente pelo rio abaixo! Que lindo é o mundo! quanto a vida é bôa!

Recordei-me d'essas palavras. Tinha-as já ouvido. Ella estava revivendo os acontecimentos da nossa ultima noite em casa de Jorge Chute.

— Quanto tempo, quanto longo tempo terá de passar antes que nos encontremos outra vez. Natal! Virá bem tarde? Contarei os dias como o prisioneiro de Chillon.

Lembrei-me da resposta que lhe dera quando me disse isto n'aquella occasião e da mesma fórma lhe respondi outra vez.

— Quero esperar que, como elle, Lucy não fique tão encantada com a sua prisão que a possa deixar de bôa vontade quando a fôr buscar na primavera.

Houve um pequeno trinar de gargalhada, semelhante ao echo phantastico do som alegre que me resouu nos ouvidos n'aquella noite de junho, quando nos sentamos no terraço da casa de Chute olhando para o tranquillo Tamisa.

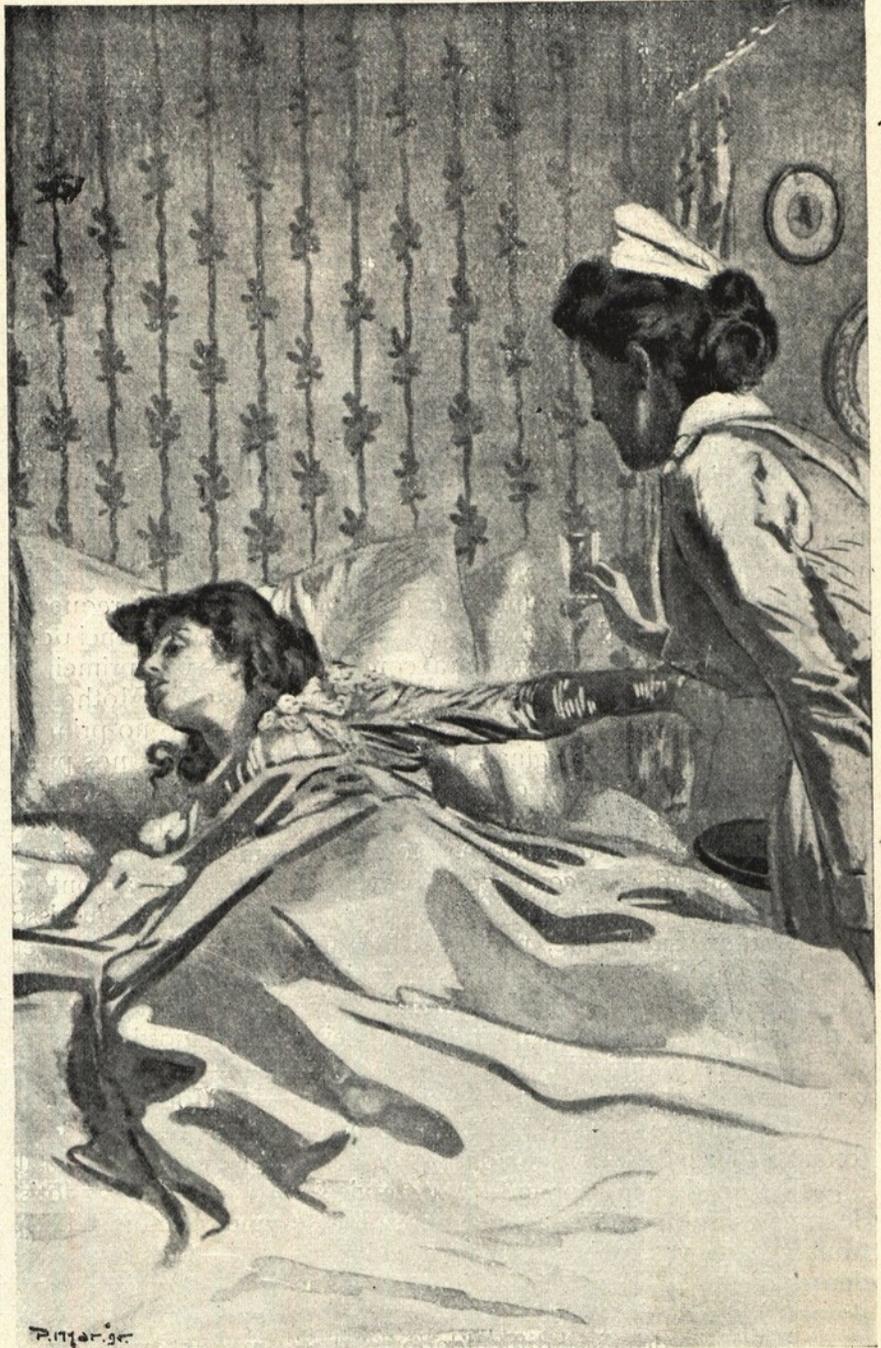
— Estão acendendo os candieiros na sala. Deseja que lhe cante alguma canção?

Em seguida a minha querida principiára a cantar da cama, sonho interrompido do seu espirito, justamente como me tinha cantado n'aquella feliz despedida, sete mezes antes.

Repentinamente diminuiu a voz e depois

cortando o som parou o canto. Lucy moveu-se e abriu os olhos. Estava frente a frente, e ella encarou-me com um olhar admirado. Depois veiu-lhe aos olhos a luz do amor, e n'um tom ardente, agudo e apaixonado exclamou:— Roberto!— e estendeu-me os braços.

— Estava sonhando comsigo. Pensava que estavamos juntos em Londres e que estava cantando.



— Não... En'ôa-me

— E assim era, meu amor, respondi, tanto quanto podia, porque me suffocavam os soluços de alegria.

Depois levantou-se sobre os cotovelos e assegurou-se d'onde estávamos.

— Recordo-me que trouxe esta manhã muito cedo o doutor francez. Que horas são agora ?

Usei de todos os subterfugios que me suggeriu o momento para lhe responder ás perguntas, e pouco a pouco tudo lhe voltou á memoria. O seu pezar foi grande. Eu quiz retirar-me para evitar-me a dolorosa impressão.

Todavia, antes de sahir do quarto, reparei que o hypnotista, que se tinha appro-

ximado, sem o vêr, da meza pequena, estava deitando brandy da garrafa para o copo.

— Offereça-lhe isto — disse entregando o calix á governante, que não se tinha afastado da cabeceira.

Mas Lucy apenas relanceou o copo, com um olhar de repulsão e com voz dolorosa exclamou :

— Não, não ! Tire-me d'aqui isso. Enjôa-me.

Na tortura da incerteza, havia-me esquecido do principal fim da experiencia. Tínhamos vencido. A sede de beber desaparecera.

CAPITULO OITAVO

LA MOTHE ficára radiante de alegria, pelo exito obtido.

Na verdade subimos só um degrau, disse. — Conseguimos vencer um unico ataque. Precisamos porêem recorrer novamente ao somno hypnotico uma vez e outra, até que se quebre a cadeia dos periodos da embriaguez. E se isso não fôr sufficiente para a curar, devemos recorrer á suggestão therapeutica. Em quanto ella estiver sob a influencia magnetica precisamos imprimir-lhe a idéa de que a bebida alcoolica é um veneno prejudicial no qual nunca deve tocar.

Mas eu não tive forças para continuar. Consentir que Lucy entrasse outra vez e outra no mundo do silencio e das trevas, era mais do que podia imaginar. Então o meu sentimento de repulsão contra os poderes occultos e contra os meios de os usar tornara-se mais forte do que nunca, não obstante os bons resultados. E comecei de prevêr um novo e horroroso perigo.

— Doutor La Mothe, perguntei-lhe, tem acaso tido a experiencia de que seja mais facil magnetisar uma pessoa á segunda do que á primeira vez, e mais facil ainda á terceira, de sorte que a difficuldade se torna menor e menor em successivas experiencias ?

— Certamente — disse La Mothe com intonação de azedume ou enfado.

— E sem duvida, dar-me-ha a convicção de que os submettidos ao magnetizador se tornam cada vez mais subjugados e dependentes d'elle, levados pela fascinação da sua propria individualidade ?

— Essa foi a principal difficuldade de Mesmer — disse La Mothe — Diz-se que os seus magnetizados, seguiam-o constantemente.

Era justamente como eu previa. Horrорisou-me e revoltou-me a perspectiva de uma tal fascinação. La Mothe parecera adivinhar a razão das minhas perguntas porque princi-

piou a apresentar os processos do hypnotismo como distinctos dos do mesmerismo.

— Em hypnotismo — disse elle, a individualidade do operador não é força activa. O seu doutor inglez, Braid, viu isso bem claramente, n'uma occasião em que a simples menção de mesmerismo podia tel-o privado de exercer a medecina e arruiná-lo para toda a vida. O hypnotismo não admite acção nenhuma entre o corpo do operador e o corpo do paciente.

— Mas requer em lugar d'isso, objectei, a acquiescencia da vontade d'este.

— No primeiro momento certamente, — disse La Mothe.

— Só no primeiro momento ?

— Sim, nos primeiros minutos.

— Quer isto dizer, accrescentei que o paciente que uma, duas ou tres vezes se submete á vontade do hypnotista enfraquece a propria a ponto de a perder.

— Creio que isso se póde admittir.

— E no decorrer do tempo, sendo muitas as experiencias, poderá dar-se a completa suggestão da vontade do paciente e o completo dominio da vontade do operador.

— As opiniões mais autorisadas — disse La Mothe divergem n'este ponto. As escolas da Salpetrière, de Nancy, dividem-se na questão, se acaso fica illesa a livre vontade ou se o sujeito hypnotisado se transforma n'um merò automato.

— Mas qual é a sua opinião ?

— A minha opinião é que a vontade do paciente no decorrer do tempo, e depois de muitas operações, assimila-se á vontade do operador.

— Quer dizer, interrompi, — que se o operador fôr bôa pessoa a influencia que elle exercerá será bôa tambem.

— E' o mais certo — respondeu La Mothe. Não lhe aponte o factò opposto, que se o

operador fosse um máu homem a sua influencia deveria tambem ser má. Já tinha decidido o que havia de fazer. Fosse quem fôsse La Mothe, se o poder exercido por elle fosse como o que elle descrevêra, o risco que Lucy podia correr em se lhe vêr sugeita, era tão horroroso que não havia proveito bastante grande para lhe justificar o emprego. A cura seria peior do que a doença. D'um lado estava o desejo ardente de beber com a sua malefica praga hereditaria; do outro lado o perigo moral tambem de um poder cujo predominio seria tanto ou mais prejudicial.

Já tinha ficado satisfeito de hypnotismo e de mesmerismo. Podiam offerecer-me meio de cura para Lucy, mas já não podia supportar a idêa de o utilizar. Revoltava-me. Paguei a La Mothe a sua conta, o qual com um encolher de hombros e um olhar de desprezo, voltou para Londres. Quando elle se foi embora, perguntei a mim mesmo a que resultado houvera chegado. Talvez um espasmo da sede de beber suspenso ou passado sem se perceber. Mas outro viria breve, e talvez viesse com redobrada violencia.

(Continua).

(Segundo HALL-CAINE).

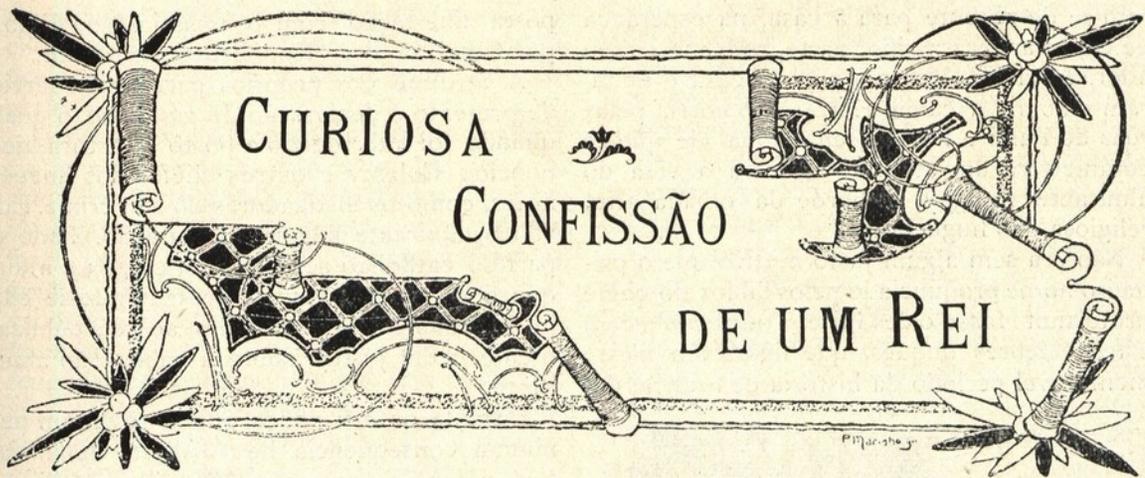
EXPOSIÇÃO DE BELLAS-ARTES



RETRATO DA EX.^{ma} SR.^a D. F*** — Quadro de J. Malhóa (premiado em Madrid)



A VOLTA DA ROMARIA — Quadro de J. Malhó — (Exposição de Bellas-Artes)



CURIOSA CONFISSÃO DE UM REI

Na seguinte narrativa historica, como nas anteriores que em cada numero da revista se tem vindo publicando, procura-se por fôrma amena dar a impressão dramatica de um conhecido acontecimento e mostrar ao mesmo tempo como são duvidosas, incertas, mal definidas as causas que o determinaram. O mysterio da historia corresponde muitas vezes a um euygma de psychologia humana, sempre curiosa e interessante de observar e de discutir.

NA Bibliotheca Nacional de Paris está guardado um dos mais notaveis documentos da historia do coração humano. Contém a confissão d'um rei, que foi movido a fazela pelo remorso de um grande crime. Esta confissão real não foi feita a um padre, mas sim a um medico, o qual depois a transcreveu tal como a ouvira dos labios do-seu constricto soberano. Não foi alcançada, nem dictada pelo receio da morte; e tão depressa se desvaneceu o acesso de angustia mental que a suggeriu parece que ficou silenciosamente esquecida. Comtudo tem sido respeitada pela voragem dos tempos, semelhante a um fragmento de madeira arrojado pelo mar, para revelar o fatal fim do navio que sossobrou. É um dos mais instructivos documentos da humanidade, não sómente por causa da luz com que illumina um acontecimento memoravel, mas porque atesta a fallibilidade de todas as mais trabalhadas theorias da historia, e nos mostra mais uma vez como insignificantes motivos levam os homens a proceder e como ao sabor do acaso é governado o mundo.

Em 22 de agosto de 1572, sexta feira, de manhã, pouco depois das 10 horas, seguia em direcção ao portão do palacio do Louvre, em Paris, um grupo numeroso de gentishomens, e na frente d'elles um idoso, alto, grave, cuja barba branca e vestuario severo lhe davam aspecto particularmente veneravel. Ia andando vagarosamente seguido dos seus companheiros, lendo um papel que trazia nas mãos.

Havia em todos que o acompanhavam egual ar de sisuda gravidade. As suas sombrias e

negras vestias e calções, os seus chapéus altos, em fôrma de campanula, largas golas brancas voltadas, espadas com os punhos d'aço liso, apresentavam profundo contraste com os brilhantes costumes da epoca, e o pequeno bando, marchando serenamente pelas ruas, por entre a multidão curiosa, parecia ter o aspecto de uma guarnição armada no meio de uma população hostil.

Absorvido na leitura do documento, em que tinha fixos os olhos, o chefe do bando não observou que, enquanto ia caminhando, movia-se e abria se, pouco a pouco, a janella d'uma casa do lado esquerdo da rua, como se fosse apenas impellida pelo vento, e n'ella apparecia o cano reluzente de um arcabuz, pousado na hombreira da janella. Continuou andando, até chegar exactamente defronte da casa. N'aquelle momento uma forte detonação fez estremecer o edificio, expellindo para as pedras da rua os vidros despedaçados dos caixilhos das janellas, ao mesmo tempo que duas balas feriam o inadvertido chefe, arrancando-lhe o dedo index da mão direita e esmagando-lhe os ossos do braço esquerdo. O arcabuz fôra desfechado um segundo mais cedo. Tivesse o assassino esperado que a sua victima se adiantasse um só passo mais e teria sido morto no mesmo instante.

Logo que se apercebeu do que succedia, justamente no momento de ser surprehendido pela bala, o gentilhomen ferido prorompeu n'esta exclamação:

— O *Guisardo* preparou-me esta emboscada, e *alguem mais com elle!*

Parte dos que o acompanhavam arremessa-

ram-se de repente para a casa, na esperança de capturar o assassino; parte, rodeando o seu adorado chefe, levaram-o para casa e deitaram-o sobre a cama. Entretanto corria pelas ruas de Paris a noticia sensacional de que se commettera um attentado contra a vida do almirante Coligny, o heroe da odiada seita religiosa dos huguenotes.

Não era sem algum justo motivo que o primeiro nome pronunciado pelos labios do chefe protestante fosse o de Guise. Todos conhecem estes celebres duques, que figuraram n'este memoravel periodo da historia de França, du-



Duas balas feriram . . .

rante o reinado dos ultimos monarchas da linha real dos Valois, e no momento em que elles aparentavam tal poder pessoal que eclipsava o dos proprios reis, derivado da sua posição de campeões do partido catholico, quer dizer, de tres quartas partes da nação franceza contra os odiados huguenotes.

Justamente dez annos antes d'este attentado contra Coligny, quando esbravejava a guerra por toda a França entre catholicos e huguenotes, uma conversão fanatica para a nova religião determinara um horrivel e desastroso exemplo,—o assassinato do grande Francisco, duque de Guise, fóra das portas da cidade de Orleans. Cegos pela paixão religiosa, os prégadores huguenotes comparavam esta sup-

posta libertação com o assassinio de Eglon por Ehud, ou o de Holofernes por Judith.

A attitudo dos proprios partidarios serviu de pretexto á declaração do assassino, o qual, quando foi interrogado e posto a tortura, denunciou Coligny e outros chefes dos huguenotes, como os instigadores do seu crime. Em vão o almirante negou a accusação. Todo o partido catholico acreditou na culpa; e a duquesa de Guise, viuva, apresentando-se ella pessoalmente com seu filho ao rei, publicamente pediu justiça sobre a cabeça do almirante.

Durante os dez annos que se seguiram nenhuma consequencia houve d'esta denuncia. Parecia que a accusação tinha sido silenciosamente abandonada. Porém, o filho do duque assassinado crescera e chegára á maioridade, tendo, como elle declarou depois, *sempre ante os olhos o sangue de seu pae*.

Foi com conhecimento de causa que se suggeriu no espirito do almirante Coligny a exclamação mencionada, quando se viu ferido pelas balas desfechadas da casa da rua de Saint-Germain l'Auxerrois. É facil, portanto, concluir-se o motivo porque elle gritou: — «O Guisardo preparou-me esta emboscada.» — Mas quem seria esta segunda personagem, para quem se voltaram ao mesmo tempo os seus pensamentos, quando acrescentou estas outras palavras: — *E alguem mais com elle?*

Relanceando em redor da Europa d'aquella epocha, tres figuras proeminentes nos ferem a vista: o rei de França, Carlos ix; a rainha mãe, Catharina de Medicis, e Filippe II, de Hespanha.

O caracter de Carlos ix é um dos mais singulares na longa série de desequilibrados em cuja frente tem pousado corôa real. Era fortemente tocado de superstição religiosa; comtudo, faltava-lhe por completo o temperamento frio, implacavel, do verdadeiro perseguidor. O seu throno foi abalado pela longa revolta dos huguenotes; todavia, elle não manifestava contra os herejes aquelle espirito inexoravel que distinguia o seu confrade na realleza, Filippe II.

Carlos ix não tinha bastante firmeza de caracter para ser persistentemente tolerante ou intolerante. A sua vontade manifestava-se em caprichos de energia violenta, decahindo subito em ataques de abatimento indifferente, para se entregar á direcção de vontades alheias mais fortes que o rodeassem. Durante a sua longa minoridade a regencia foi exercida por sua mãe; e era ella mais do que o doentio mancebo que se chamava o rei de França, e que se apresentava a dirigir a perversa politica da côrte. Doente de corpo, como de espirito, Carlos ix era um d'esses entes indefiniveis, speci-

mens singulares da natureza humana cuja psychologia offerece aos historiadores os mais difficeis problemas na interpretação dos seus actos.

O formidavel nome de Catharina de Medicis fere os nossos ouvidos como um dobre de sinos evocando a idéa de um d'esses entes terriveis, emancipados de toda a sugeição moral, fazendo das idéas que outros consideram sagradas, mascaras para seus intentos malvados e occultos. N'esta mulher extraordinaria fundiram-se toda a crueldade hespanhola, e toda a peculiar finura italiana, sem uma particula d'aquella honestidade hypocrita que lança um véu de respeitabilidade sobre as maiores cruezas de Filippe II.

Só loucos poderiam ser enganados com os protestos de amizade de Filippe II; mas Catharina sabia-os bem dissimular. Comquanto excedesse o rei hespanhol em astucia, ficava-lhe muito inferior em tenacidade. A vingança paciente de Filippe podia ser vagarosa, mas era tão segura como o resvalar d'um rochedo rolando pelo declive d'uma montanha. Catharina era mulher capaz de arrojadamente trilhar o caminho pisado por Filippe II e de saltar sobre a sua presa em momento opportuno. Ambos esmagavam os seus inimigos, porém um semelhava, como vingança, o corrosivo trabalho d'uma geleira; outro feria como uma cobra.

O character vacillante da politica de Catharina provinha não só da fraqueza propria do seu sexo e da sua origem estrangeira, mas ainda do character velhaco e hypocrita do filho em nome de quem governava.

No começo da sua regencia, a côrte contemporisou com a facção dos huguenotes. Mais tarde, quando os catholicos se levantaram em armas, sem mesmo esperar um signal dos seus governadores nominaes, a côrte pareceu mais andar vogando á superficie, como um navio sem leme, do que seguindo deliberada rota no conflicto das correntes.

Pelo contrario Filippe II fôra a alma da cruzada catholica. Suppozera-se que elle estivesse em secreta combinação com os Guises. Resentira-se amargamente da paz pela qual a côrte franceza garantira, dois annos antes, tolerancia á religião protestante. Tinha ainda melhores razões para se resentir dos disfarçados preparativos que se estavam fazendo para uma guerra com a Hespanha, guerra para a qual tinham sido alistados voluntarios e cujo commando fôra justamente conferido ao almirante Coligny.

Não é portanto de admirar que, um dos informadores dedicados de Filippe II, na capital da França, escrevesse informando seu amo, que os huguenotes estavam propalando o

boato de que fôra um hespanhol ao serviço da embaixada hespanhola quem disparara o arcabuz na rua de Saint Germain l'Auxerrois. Não fora acaso o ministro predilecto de Filippe II, o inflexivel duque d'Alva, que recordara a Catharina de Medicis, durante as celebres conferencias dos Pyrneos, que a cabeça de um salmão valia mil rãs?

Os companheiros do almirante não conseguiram prender o assassino. Este que estava vestido com o uniforme verde dos archeiros da guarda real, logo que descarregara o arcabuz, precipitara-se pela escada abaixo e, sahindo da casa por uma porta trazeira, montara um cavallo branco hespanhol que estava apparelhado e seguro por um pagem, e galopára furiosamente para as portas do bairro de Santo Antonio, onde tinha um outro cavallo. Dera uma vista d'olhos em redor para se assegurar que ninguem o perseguia, saltara para o cavallo novo, e fugira pela estrada de Brie.

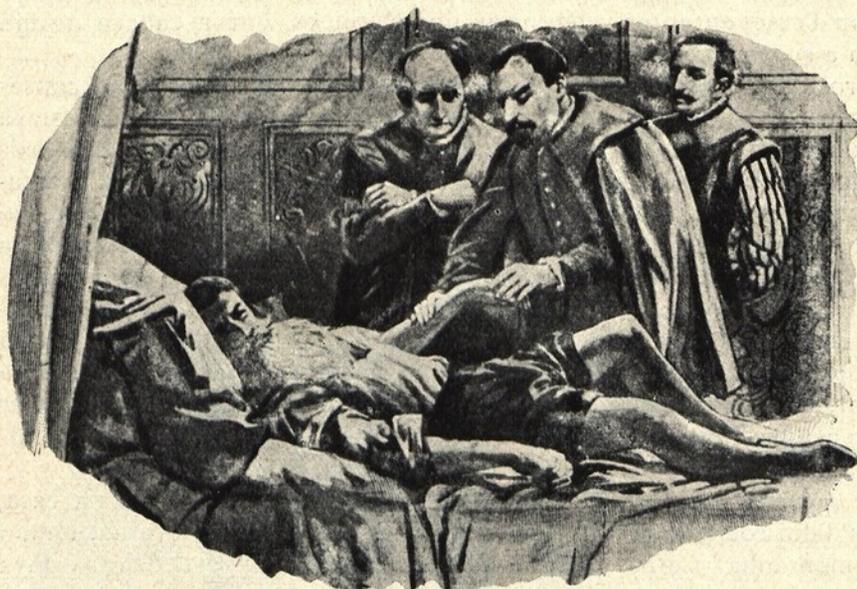
Quando os huguenotes entraram na casa, d'onde partira o tiro, no que levaram tempo para o conseguir, porque a porta da rua estava fortemente trancada, encontraram apenas uma mulher velha e o pequeno pagem que segurara o cavallo. Ambos foram presos.

Nem um nem outro tentou porém occultar qualquer cousa que soubesse. A mulher contou que a casa pertencia a um sacerdote da igreja visinha, igreja destinada a uma triste celebridade sob o nome de Saint Germain l'Auxerrois. Parece que o padre desempenhára antigamente o cargo de preceptor do moço duque de Guise. Tres dias antes o supposto archeiro fora levado para alli por um criado da casa real com uma recommendação da mãe do duque, aquella mesma que dez annos antes pedira baldadamente vingança da morte do marido.

Com esta informação, os companheiros de Coligny voltaram para a moradia d'este a qual não estava situada a grande distancia. Alli acharam tudo em confusão e consternação. O pateo, a escada estreita, e em cima a entrada no patamar estavam cheios d'uma multidão de cavalleiros huguenotes que mal tiveram noticia do crime, acudiram parte para proteger o seu chefe contra qualquer nova investida á sua vida, e parte para consultar sobre a situação do partido, a quem o som do tiro expedido da casa do conego assustára como o ribombo do trovão. O velho heroe estava deitado na cama no primeiro andar, que dominava o pateo interior, e os medicos sustentavam viva discussão sobre o estado do seu braço: trez d'elles consideravam necessario amputal-o immediatamente, em quanto que um quarto julgava possivel ainda salvar.

Foi só no dia seguinte que se fez a triste des-

coberta, de que o archeiro trabalhara na sua obra mais efficazmente do que parecera á primeira vista ; e que era infinitesima a esperança de salvar a vida de Coligny. As balas que o feriram pareceram ter sido envenenadas.



O heroe estava sobre a cama . . .

Reunidos em grupos na entrada do quarto, nas escadas e em baixo no pateo os alvoroçados huguenotes discutiam a informação recebida. Uns aconselhavam um appello ao rei para implorar justiça, outros propunham invadir ousadamente o Louvre, e assassinar o duque de Guise, se necessario fosse no gabinete real.

A opinião geral e a do proprio Coligny era de que o attentado representava alguma cousa mais do que uma simples vingança particular do moço duque. O uniforme usado pelo assassino, a pessoa que o trouxera para casa do conego, ambos os factos estavam apontando a connivencia da côrte, da qual alguns dos protestantes nunca haviam deixado de suspeitar durante os dois annos de paz.

Poderiam todavia estar bem preplexos na comprehensão dos acontecimentos. Depois de ter sustentado guerra de exterminio contra elles, o rei parecera mudar de idéas repentinamente e recebera-os com a mais inteira confiança e favor. Coligny que, não obstante o seu cargo naval apenas honorifico, porque nunca navegou, fôra o chefe principal dos exercitos protestantes, havia sido convidado a vir á corte, e logo abraçado, acariciado, e considerado pelo moço monarcha como um amigo de coração.

Por conselho do chefe huguenote, affirmam, se decidira a guerra com a Hespanha ; e comquanto o proprio irmão do rei, Henrique, duque de Anjou, fosse um habil capitão, tendo derrotado o proprio Coligny nas batalhas de Jarnac e Montcontour, ainda assim elle fora posto

de parte, em favor do almirante escolhido para commandante em chefe do exercito invasor.

Realmente Carlosix patenteára uma extravagante afeição pelo venerando huguenote, dando-lhe o nome de pae, e mandando-o chamar a toda a hora do dia, como se não pudesse viver sem elle. Finalmente em resposta, como se dissera, a uma suggestão do irmão de Coligny, arranjou-se confirmar a alliança entre catholicos e huguenotes por um casamento entre Margarida, irmã do rei, e Henrique de Navarra, o principe protestante, cuja posição com respeito a Coligny poderia ser comparada com a de Victor Emmanuel para com Garibaldi.

Emquanto o echo dos sinos, annunciando o casamento, resoava ainda no ar, emquanto os noivos passavam a sua lua

de mel no Louvre, emquanto Paris estava ainda cheio de numerosos fidalgos huguenotes vindos ahi para a festividade e alguns recolhiam ás suas casas pelas estradas de França, apparecia esta interrupção ominosa, semelhante a uma ligeira fenda na parede d'um reservatorio, ameaçando imminente catastrophe.

No méio das inquietas conferencias á roda do leito do seu chefe ferido, e emquanto partiam mensageiros para todas as direcções a chamar de novo os huguenotes que já tinham sahido de Paris, chegou a noticia emocionante de que Carlos ix se aproximava da casa de Coligny, em visita de excepcional deferencia e manifestação de pesar, acompanhado da rainha mãe, do duque de Anjou, e de todos os principaes da côrte, com uma excepção — com uma formidavel excepção — a do duque de Guise.

A noticia do attentado contra o almirante foi levada a Carlos ix quando estava a meio d'uma partida de tennis, jogo que não deve ser confundido com a sua moderna variedade. Ao ouvir a noticia, diz um chronista catholico d'aquelle tempo, sua majestade ficou espantosamente pallido, a ponto de quasi desmaiar.

— Então nunca terei paz ! - exclamou, logo que poude dominar-se para fallar. E deitando desesperadamente ao chão a sua raqueta, retirou-se para os seus quartos particulares, batendo com os pés e praguejando, dcllarando

com a mais terrível jura que havia de fazer tal justiça no criminoso, não se importando quem podesse ser, que nunca seria esquecida.

Uma hora depois de jantar, ainda na mesma disposição de espirito, Carlos ix annunciou a tenção de ir fazer uma visita ao almirante ferido. Os cortezãos, não sabendo como encarar este passo, se de loucura caprichosa, se de arriscado golpe de diplomacia, prepararam-se com secreto constrangimento para acompanhar o rei.

Não foi menor o espanto dos companheiros de Coligny, quando viram entrar no pateo da casa, onde elles estavam reunidos, a pallida figura do joven monarcha. Para os espiritos mais desconfiados d'entre elles, toda aquella recente politica da côrte, a paz, a protecção a Coligny, a promettida guerra com a Hespanha, e o casamento real, tudo fazia começar a supôr que era uma estucia cuidadosamente planejada e combinada para attrahir os destinos da Reforma ás mãos dos seus inimigos. Não havia um só que não farejasse perigo no ar. Cercados pelo odio difficilmente refreado da plebe de Paris, e do mais occulto, com tudo mais odiosamente ameaçador da facção do Guise na côrte, elles discerniam bem que todo o chão que pisavam era excavado e balofo e que o tiro disparado n'aquella manhã era semelhante á faisca cahida na espoleta graduada e lenta. O morrão principiara a arder e d'um momento para outro devia ouvir-se a explosão.

Não seria pois de admirar que um ou outro espirito ousado ou mais exaltado começasse de discutir os mais arrojados planos, até mesmo a morte de Carlos ix e de seus irmãos, e a ascensão de Henrique de Navarra ao throno de França.

A' imaginação excitada da multidão perturbada por semelhantes idéas deviam desenhar-se nitidas, levantar-se em relevo as trez personagens que os huguenotes mais temiam e detestavam: Carlos ix com o seu olhar desvairado, e face pallida com manchas de sangue; Henrique de Anjou, o mellifluo principe vicioso que os combatera em duas batalhas desastrosas; e Catharina de Medicis cuja phisionomia morena de italiana parecia pairar como uma sombra no mais occulto recesso do Louvre, vigiando todas as acções dos seus inimigos.

Que oportunidade para um Clive ou um Pizarro! Um espirito superiormente energico, que houvesse entre elles, nunca teria consentido que se retirassem semelhantes refens sem lhes ter arrancado a inteira e completa segurança para o partido religioso. Mas, quando os huguenotes viram os seus inimigos assim nos seus proprios dominios, a extranha audacia do

procedimento hypnotisou-os abolindo-lhes a vontade. Respeitosos abriram o caminho e deixaram que o rei com o seu sequito subisse a escada e entrasse no quarto do almirante. Carlos ix aproximou-se da cabeceira do doente, cumprimentando-o affectuosamente como sempre, informando-se com interesse do seu estado e promettendo-lhe inquirir rigorosamente do crime d'aquella manhã. Coligny recebeu estas demonstrações com uma certa frieza.

A rainha mãe que tomára logar ao lado da cama, depois de ter expressado o seu proprio pesar pelo accidente, continuou accrescentando a mais inesperada proposta. Referindo-se ao perigo que correria o almirante por causa das paixões da populaça, ella suggeriu-lhe a idéa de se deixar transportar para o Louvre, onde estaria mais seguro contra qualquer novo attentado.

Tocado da espantosa impudencia, o almirante respondeu com certo orgulho que podia quando fosse preciso, reunir vinte mil homens para o defender. Esta aspera jactancia, ou antes quasi ameaça, arrancou da parte de Carlos ix e de Catharina algumas admoestações. A rainha mãe, persistindo em mostrar interesse bem extraordinario, lembrou então que ao menos o almirante lhes permitisse que mandassem uma guarda de duzentos archeiros reaes para proteger a sua casa. Elle aceitou este offerecimento.

Depois, Coligny vendo que estavam para partir os reaes visitantes, expressou o desejo de fallar por alguns minutos em particular com o rei. Este pedido, que implicava outro o de sua majestade mandar retirar sua mãe e irmão, foi quasi um insulto; no entanto foi-lhe instantemente concedido. Catharina e seu filho afastaram-se despeitados para o fim do quarto, onde se sentaram olhando silenciosos debaixo da vista hostil de uns duzentos gentishomens huguenotes, que enchiam aquella quarto e o seguinte, passando aqui e acolá, por traz ou por diante d'elles com estranho desrespeito, ou consultando á parte, em segredo, e deitando olhares ameaçadores sobre o par isolado. Nunca Catharina de Medicis passara em sua vida um peor quarto de hora.

Entretanto, Carlos ix puchava a sua cadeira para perto da cabeceira do doente, e travaram quasi em segredo uma longa conversação. Ninguem poudé realmente saber o que se passou entre aquella par tragicamente reunido, o velho, ha pouco ainda vigoroso chefe puritano, e o joven rei, doentio e quasi demente, ambos, como não hesitaram em o asseverar os chronicistas d'aquella tempo, com o mesmo veneno a circular nas veias preparado pelas mãos da impenetravel mulher que se sentara a vigiar o extranho colloquio.

Carlos ix levantou-se finalmente de olhar sombrio, e sahiu seguido de seus contrafeitos companheiros. Só depois de se vêrem felizmente fóra da casa, puderam então Catharina e seu filho de Anjou respirar desafogadamente.

Não haviam decorrido, desde esta visita, trinta e seis horas, quando o sino da igreja de S. Germain l'Auxerrois começou de tanger vagarosa e pesadamente a meia noite de sabado 23 d'agosto. Aquelle dobre era o signal do massacre de todos os huguenotes em França.

Meia hora antes de ter principiado a tocar o sino, Paris foi despertada pelo tropel de homens armados, levando torchas, e dirigindo-se apressados para o Louvre a receber alli dos labios inflammados de Carlos ix as ordens para o massacre. Todos estes homens tinham

duque de Guise e encaminhada para a morada do seu inimigo hereditario. Os archeiros reaes que tinham sido postos de guarda á casa de Coligny e, hoje parece, mais para evitar a fuga do almirante de que para o defender de ataques imprevistos, deram logo entrada ao duque de Guise e seus sequazes.

Coligny, que no primeiro momento julgou ser o tumulto de fóra devido a um levantamento popular que os archeiros deveriam repellir, ficou desenganado quando as balas dos arquebuzes vieram chocar-se de encontro ás paredes do quarto. Tinha apenas conseguido sahir da cama, e pôr-se de pé encostado á parede, quando uma onda de malfeitores irrompeu pelo quarto.

Apunhalaram-o em diferentes pontos, barbaramente. Diz-se que ainda respirava quando se fez ouvir a voz do duque de Guise, chamando do pateo para que lhe atirassem para baixo o corpo do seu inimigo. Abriam-se as janellas, e os assassinos viram o seu chefe de pé, com a espada desembainhada, n'um circulo de torchas, olhando para cima impacientemente. Pucharam o corpo ainda quente até á janella e arremessaram-o abaixo. Com a violencia da queda, o corpo esmagando-se contra as lages do pateo espadanou sangue sobre as proprias botas do duque, insaciavel e vingativo. Foi esta scena horrorosa que, sem duvida, lhe apagou da mente aquella outra visão sinistra que durante dez annos tivera sempre ante os olhos, — o assassinio de seu pae.

Durante tres dias consecutivos, diz-se que só em Paris foram mortos dez mil huguenotes. Porém não foram todos apenas huguenotes. Qualquer rico que tivesse um herdeiro mau e impaciente, todo o credor cujo devedor fosse pobre e perverso, tornaram-se huguenotes durante aquelles tres dias. Um tal de Grimouille, ao serviço do duque de Anjou, que estava para casar com uma das damas d'honor de Catharina, inspirou-se na feliz idéa de que pae e irmãos de sua futura noiva es-



Espadanou sangue sobre as botas do duque . . .

sido avisados por emissarios da côrte ou pelas auctoridades municipaes.

A primeira tropa que sahiu para principiar a chacina, foi commandada pessoalmente pelo

tavam corrompidos de heresia; descoberta que lhe redondou no augmento do dote pela aquisição total da riqueza da familia.

E' bem conhecida a impressão que a noticia

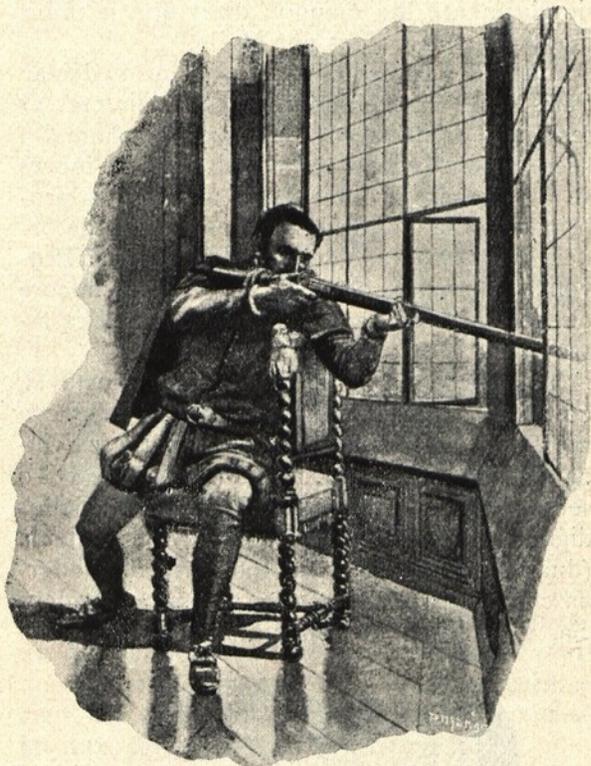
do morticínio produziu em toda a Europa. Carlos IX, tendo tomado parte pessoalmente na carnificina, desfechando um arcabuz sobre alguns fugitivos perseguidos, sentou-se á sua mesa de trabalho a escrever uma curiosa carta ao seu embaixador em Roma. Depois de ter incumbido o embaixador de procurar o papa, e de instar junto d'elle pela prometida approvação do casamento de sua irmã com o príncipe Henrique de Navarra, protestante, elle accrescenta estas palavras, em fôrma de *post scriptum* :

«Entretanto deixe-me dizer-lhe que na sexta feira passada, quando o almirante Coligny retirava para casa, um homem ou soldado, até agora desconhecido, desfechou-lhe um tiro de uma janella e feriu-o no braço; e a noite passada aconteceu que os senhores da casa de Guise, com muitos cavalleiros e gentishomens, tendo sido informados de que os amigos do almirante os consideravam auctores ou mandantes do attentado, tencionaram vingar-se da aleivosia pondo-se em movimento. Houve um grande levantamento e tumulto, a guarda da residencia do almirante foi derrotada, e elle foi morto com muitos de seu partido e religião. O povo foi massacrado tambem em diferentes pontos da cidade, como depois o informará o sr. de Branville, portador d'esta: portanto espero que, sua santidade, com os motivos á vista apresentados por seu sobrinho (de Branville), não mais levantará difficuldades em me conceder a dispensa solicitada.» Dizei ao papa, que acabo de ter um massacre de huguenotes, e que portanto espero elle me absolverá de ter casado minha irmã com um d'elles: assim com effeito se traduz este final da carta. Provavelmente foi logo depois de ter escripto esta missiva que deve ter occorrido aquella scena, na qual o rei ardendo em colera se apresentou perante seu cunhado, e lhe offerceu a escolha entre — a Morte, a Missa, ou a Bastilha. — No principio da narrativa, como se vê, o rei procura apresentar como se fôra mais ou menos accidental o massacre, mas no fim muda de tom, e claramente insinua que bom serviço fez á causa catholica.

Parece que assim o julgou o papa. Foi decretado jubileu em Roma para celebrar a extincção do partido protestante em França, foram enviadas calorosas felicitações á côrte franceza por sua santidade, pelo rei de Hespanha e por outras potencias catholicas.

A rainha Isabel de Inglaterra interpretara o acontecimento como devia ser encarado, e, quando o embaixador francez se apresentou defronte d'ella para lhe offerecer as explicações de seu amo, ella inflexivelmente recusou ouvil-as. Em resumo, desde aquelle tempo até hoje, o juizo que geralmente se tem feito da

marcha verdadeira dos acontecimentos foi aquella que suggeriu ao espirito dos huguenotes que rodeavam a cabeceira do leito de Coligny. A paz com os huguenotes, o interesse pelo almirante, a ameaça de guerra á Hesper-



Carlos IX desfechou o arcabuz sobre alguns fugitivos. . .

nha, e o casamento de Margarida com Henrique de Navarra, têm sido consideradas manobras traiçoeiras, encaminhadas para aquella catastrophe sangrenta e imaginadas desde o primeiro momento, como componentes necessarias d'aquelle fatal acontecimento.

Um documento de origem anonyma narra um caso, referido aos huguenotes do sul da França, o qual fornece curiosa indicação sobre o espirito tortuoso do rei.

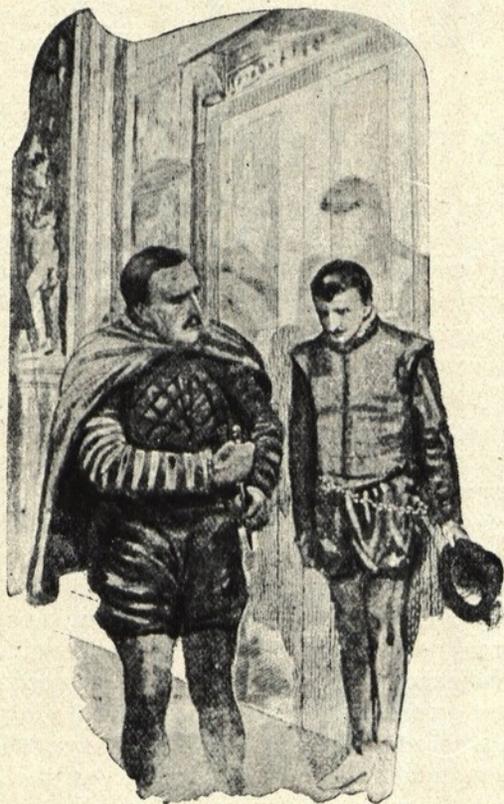
No primeiro dia do massacre foi mandado da côrte á Provença uma certa personagem, um tal Molle com uma carta dirigida ao governador. Ao abrir a carta, este leu uma ordem formal para matar todos os huguenotes da sua jurisdicção; porém, no fim vinha um *post scriptum* do proprio punho do rei, dizendo-lhe que nada acreditasse nem fizesse do que por Molle lhe mandava dizer. O governador estupefacto enviou seu proprio secretario em diligencia a Paris, para se certificar dos verdadeiros desejos do rei. O secretario voltou com ordem de massacre immediato. Antes que este se effectuasse, morreu o governador. O seu successor requereu a Molle uma nova ordem dirigida a elle pessoalmente.

Não recebendo noticia alguma durante trez

semanas, mandou a Paris um homem chamado Vauclose, que chegou no mesmo dia em que Molle partia em viagem de volta á Provença, levando nova ordem de massacre. Vauclose solicitou uma audiencia de Carlos ix, o qual simplesmente lhe mandou dizer que já tinha mandado suas ordens por Molle.

Ainda desconfiado, Vauclose recusou deixar Paris sem ter recebido instrucções directas. O resultado da insistencia foi Carlos ix chamal-o secretamente e incumbil-o, sob pena de morte se a revelasse a outrem que não fosse o proprio governador, de levar a revogação da ordem de massacre. Vauclose voltou para a Provença a cavallo, noite e dia, sem descanso e chegou justamente a tempo de evitar a catastrophe.

Tal era o caracter de Carlos ix, instavel, covarde, capaz de ser induzido a grandes crimes, sem ser evidentemente de natureza vingativa ou sanguinaria. Pode imaginar-se vê-lo sentado no seu gabinete, assignando despachos dignos de um Philippe II ou de um Caligula (duas personagens cuja memoria a moderna critica historica, em sua novissima tendencia, se occupa de rehabilitar) sob a pressão



Levou a mão ao punhal . . .

d'aquelles conselheiros que elle temia e a quem se sujeitava, e depois alliviando a sua consciencia ferida de remorso com um secreto *post-scriptum* de perdão; um homem que quasi desperta piedade no meio de seus barbaros

procedimentos. E' sabido que a memoria do crime de S. Bartholomeu o perseguiu durante o resto de seus breves dias.

Agora a narrativa das determinantes d'este crime memoravel. Decorrido um anno, no real palacio de Jagellons, na longinqua cidade de Cracovia, o rei da Polonia, deitado na cama, alta noite, soffria d'uma angustia indefinivel, agitado, impossibilitado de cerrar os olhos aos pensamentos tristes que o assaltavam, ou de adormecer um só instante sem que sonhos horrorosos o não viéssem despertar, a ponto de lhe ser maior allivio os pensamentos de acordado. Finalmente tornou-se-lhe insupportavel a oppressão. Levantou-se da cama, e chamou o seu medico, um tal Miron que dormia no quarto proximo.

Este Miron era francez. Viéra para Cracovia no sequito de seu amo. Porque este torturado rei da Polonia era aquelle Henrique, duque de Anjou, que acompanhára seu irmão Carlos ix na visita ao quarto de Coligny doente, na ante vespera do dia de S. Bartholomeu. Pouco depois d'essa data os polacos tinham-lhe offerecido o throno desoccupado, e seu irmão, que o odiava e temia, induzira-o a aceitar aquelle triste exilio, que parecia cortar-lhe para sempre a esperanza de subir alguma vez ao throno de França.

Agora nas vigalias das noites solitarias, a visão do passado perpassava-lhe ante os olhos, e não a podia afastar. Foi com o fim de disfarçar o terror de imaginação que se apossara d'elle que chamou o medico. Miron sentou-se ao lado da cama real, e alli n'aquelle quarto espaçoso, á luz tremula d'uma pequena lampada, o rei exilado contou-lhe para alliviar a consciencia as negras afflicções que sobre ella pesavam.

Depois de se ter referido aos acontecimentos que conduziram á tragedia e particularmente á amizade entre Carlos ix e Coligny, elle disse:

« Minha mãe e eu mais de uma vez observamos que, depois das suas longas conferencias com o almirante, se acontecia aproximar-nos do rei, o encontravamos extranhamente irritavel e taciturno, de olhar aspero e de respostas ainda mais asperas. Uma vez, entrei no gabinete do rei justamente quando sahia o almirante que lá estivera demorado tempo. Logo que meu irmão, o rei, me viu, sem nada me dizer, começou de medir a passos grandes e agitados o quarto, furioso no aspecto, ora relanceando-me de soslaio, ora levando a mão ao punhal do cinto e com modo tão odiento que não esperava senão que elle me segurasse pelo pescoço e m'o cortasse.

« Fiquei immensamente afflicto de ter entrado, e ainda mais para sahir, vendo o perigo que corria. Fil-o tão dextramente quanto pude.

Em quanto elle passeava de costas para mim, seguí socegradamente para a porta, que abri, e com um comprimento mais apressado do que quando entrara, fiz com exito a minha sahida, que me pareceu bem opportuna.

«Convencidos, então, e certos de facto de que era o almirante quem insinuava no rei más opiniões a nosso respeito, minha mãe e eu, resolvemo- libertarmo-nos d'elle. Porém o capitão gascão que foi chamado para esse fim, não provou que fosse tão bom atirador ao alvo como esperavamos. Tendo falhado o tiro e por tão pouco, começamos de considerar que as cousas corriam tão mal para nós, que, depois do jantar, quando o rei decidiu ir visitar o almirante na sua residencia, a rainha mãe e eu julgamos conveniente acompanhal-o e ao mesmo tempo ajuizar do estado do almirante.

«A conversação em particular entre elles tanto mais nos incommodou, quanto sem o esperarmos, nos vimos rodeados de perto de duzentos homens do partido do almirante, que nos trataram com o maior desrespeito como se tivessem alguma suspeita de que houvessem tomado parte no attentado contra o almirante. Estavamos portanto admirados e assustados de nos vermos alli fechados; tanto que minha mãe me declarou depois que nunca estivera em situação onde tivesse tanto motivo de temor, ou da qual se tivesse visto livre com tanto allivio e prazer.

«Na nossa volta para o Louvre, minha mãe a rainha, instou com o rei, para que lhe dissesse o que lhe contara o almirante na sua conversa, mas o rei, depois de ter por differentes vezes recusado dizel-o, replicou-lhe em tom aspero de desagrado, que o almirante o tinha aconselhado a que governasse por si só e que elle estava resolvido a seguir-lhe o conselho.»

Durante o resto d'aquelle dia, Catharina e seu filho favorito não puderam pensar em qualquer plano que os desembaraçasse da situação equívoca e talvez funesta em que se achavam. Na manhã seguinte, muito cedo, o duque de Anjou dirigiu-se aos aposentos de sua mãe, a qual encontrou já de pé.

«Eu estava muito contrariado e ella tambem. Porque, determinados mais do que nunca a considerar absolutamente indispensavel a morte do almirante, viamo-nos obrigados a reconhecer que já não era caso para recorrer a astucias e estratagemas. Era necessario levar o rei a uma resolução extrema que elle impulsivo, como era, poderia incitado tomar.»

Decidiram-se a procurar o rei n'aquella tarde no seu gabinete; e asseguraram se da presença de quatro nobres proeminentes na côrte, na fidelidade dos quaes se podiam fiar.

«Logo que entramos no gabinete, a rainha, minha mãe, começou por avisar o rei, de que o partido dos huguenotes se estavam armando contra elle por causa do almirante; que o próprio Coligny mandara cartas para a Alemanha para levantar dez mil cavallos e dos cantões da Suissa esperava um contingente de dez mil soldados de infantaria. Ella accrescentou que a maior parte dos officiaes do partido dos huguenotes, já tinham partido para levantar tropas no reino, e que já estava fixado tempo e sitio para a concentração das forças.»

Tendo assustado seu filho com o projecto temivel de uma insurreição dos huguenotes, continuou dizendo-lhe que os catholicos, cansados da longa lucta, haviam resolvido pôr-lhe termo definitivo; e que no caso do rei recusar attendel os, tinham decidido escolher um capitão valente, para ser protector d'elles, de fórma que o rei ficaria só, no meio do perigo, sem autoridade e sem poder. E concluiu dizendo — «todo este perigo para vós e para o vosso reino, toda esta ruina e miseria, o embate de todos estes milhares de homens, póde ser evitado e supprido por uma unica estocada. E' simplesmençe necessario eliminar o almirante, cabeça e autor de todas as guerras civis. As emprezas e os tramados dos huguenotes morrerão com elle.»

O duque de Anjou accrescentou os seus proprios argumentos aos de Catharina e o mesmo fizeram os quatro nobres conselheiros que elles haviam feito comparecer.

«Por fim, excitado de pavor, receioso dos perigos que minha mãe tão bem pintara, sentido das mil intrigas ao seu estado e á sua pessoa, por uma repentina e espantosa metamorphose, voltou-se para o nosso lado e adoptou o nosso modo de vêr, exaggerando ainda com muito maior intensidade os intentos odientos e de fórma que se nos tornou tão difficil contel-o então, e moderar-lhe o impeto aggressivo, como fôra difficil de o persuadir.

«Levantando-se arrebatadamente da sua cadeira, e ordenando-nos silencio gritou em colera desabrida e praguejando raivoso, que visto julgarmos necessario matar o almirante, elle tambem assim o queria, mas com condição de que todos os huguenotes em França fossem tambem mortos ao mesmo tempo, para que não ficasse um unico que o podesse depois arguir.»

«E sahindo com impeto, deixou-nos no seu gabinete, onde estivemos o resto do dia combinando os meios convenientes para levar a cabo tal empresa.»

O massacre que eclipsou todos os outros na historia, foi organizado em seis horas, por ordem de um mancebo meio demente, fazendo-o

sahir fóra de si pelas astuciosas falsidades de uma mulher ambiciosa e de seu filho, e pelo simples motivo de se quererem vêr livres d'um rival politico, cuja influencia estava contraminando a d'elles propria.

Alguns annos depois, Catharina costumava declarar que se considerava só responsavel por seis mortes. Mas o duque de Anjou, depois rei da Polonia, parece não ter conseguido iludir tão facilmente a sua consciencia. Sabe-se bem quanto a angustia do remorso opprime a alma, de sorte que para calmar a tortura interior o culpado sente refrigerio e consolação extranha em confessar em voz alta a alguem o seu crime e desenvolve o por promenores. Assim procedeu o duque de Anjou

n'aquella noite de febril anciedade; ou seria allucinação passageira que lhe perturbasse a clara memoria dos factos? Será inteiramente phantasiosa a descripção do manuscripto da Bibliotheca de Paris? Todavia n'aquella ordem geral de massacre descobre-se o mesmo autor dos *post-scriptum* secretos para evitar uma determinação cruelmente tomada. Quem sabe se elle procurou, julgando impossivel a ousadia pavorosa d'uma tão grande carnificina, salvar assim o almirante por este meio indirecto? A demencia costuma formular raciocinios invertidos. Não contava provavelmente com a perversidade dos executores intelligentes, elle, um perverso por loucura intermitente, ou um fraco de espirito.

Pontos fracos da terra

Não raro apparecem noticias de convulsões vulcanicas que, sacudindo fortemente determinadas regiões do globo, espalham a ruína e o pavor. Ha mezes em que mais se repetem; outros em que a terra parece repousar. D'estas regiões, tão fatalmente predestinadas, se occupa o seguinte artigo.

SUPPÕEM muitos que se póde contar pelos dedos o numero de vulcões que ha no mundo. Todavia centenas de vulcões ha espalhados sobre a face da terra, vincando a sua superficie, n'um encadeamento de longas e sinuosas linhas, tocando em todos os continentes, abraçando muitas ilhas, e atravessando a largura dos oceanos. Raro se aprecia o facto de se terem perdido centenas e milhares de vidas nas erupções vulcanicas; ou de se ter mudado a forma superficial do mundo pela acção corresiva e deformante dos vulcões no passado, e quanto haverá de se mudar ainda para o futuro.

Esquece-se a miude que em paizes diversos, como a Gran-Bretanha e a França, por exemplo, onde se encontram innumerous cones de vulcões extinctos, póde ser que ainda elles não estejam completamente apagados e que um dia venham a reviver com força explosiva e destruidora; ou que na America se descubram na extensão de milhares de milhas quadradas, vastas zonas de fraqueza na crusta da terra. Todavia alguns teem chegado a pensar no que poderia succeder, se um dia por uma inesperada occorrença, tal como um repentino e colossal terremoto ou resfriamento subito da crusta da terra, todos os vulcões do mundo, dormentes e activos, se juntassem em assombroso unisono n'uma tremenda erupção.

Sobre este assumpto pretende-se n'este artigo apenas levar o leitor a uma inspecção

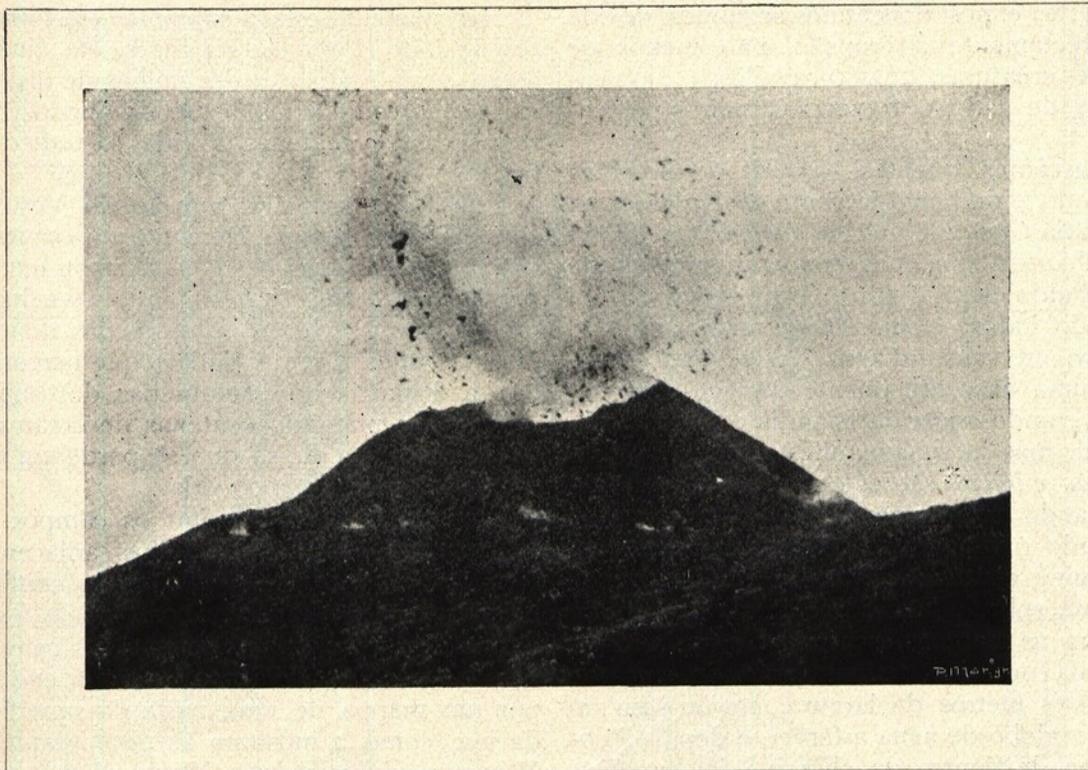
geral e rapida em volta dos vulcões do mundo; examinando as linhas fracas, as falhas ou fendas da crusta da terra, parando nos logares de interesse especial, notando-lhes os caracteres peculiares, emfim, indicando como são formados os vulcões.

Mas antes de partir para esta viagem convem relatar alguns factos interessantes que serão como um necessario preparativo e bagagem.

Em primeiro lugar deve notar-se que os vulcões na sua maioria estão situados perto do mar; o que suggere a idéa de ter o phenomeno das erupções relação directa com este. Verdade é, que o *Cotapaxi* no sul da America está a 125 milhas distante do mar; o *Popocatepest* no Mexico a 155 milhas, e uma cratera extincta na Africa quasi a 200 milhas da costa. Muitas vezes estão situados nas ilhas; raras longe das costas dos continentes.

Depois note-se que estão collocados em linhas longas ou distribuidos sobre curvas, com maior ou menor regularidade. A' primeira vista dir-se-hão lançados ao acaso, mas com mais detido exame descobrem-se passagens unindo-os aos ainda activos e provando a existencia de uma cadeia completa de vulcões em tempos remotos.

Geralmente apparecem respiradouros, onde as montanhas descem em declive para o mar. Não ha vulcões no lado este da America, e abundam no oeste onde o mar se profunda com rapidez.



O VESUVIO EM ERUPÇÃO

Está também reconhecido que as mais pequenas ilhas nos maiores oceanos são de origem vulcanica, indicando linhas de falhas submarinas. Finalmente está averiguado que a Austrália é o unico continente que não tem vestigios de vulcões em actividade.

Por esta nossa viagem de inspecção á roda dos mundos vulcanicos tomemos como ponto de partida, a Gran-Bretanha. Nem um unico vulcão em actividade veio quebrar o socego das ilhas britannicas desde a época dos grandes gelos. Acham-se em diversos pontos vulcões extinctos, *fosseis* será talvez o termo mais suggestivo senão o mais apropriado, mas nada que se assemelhe aos restos de uma perfeita cratera. Assim, da Gran-Bretanha seguiremos a linha fraca através da cadeia reunida das ilhas Faroe para a Islandia, construida inteiramente pela acção vulcanica acima da superficie do mar e agora o unico centro activo do que foi outr'ora uma grande provincia vulcanica.

No seculo passado conheciam-se na Islandia vinte e sete vulcões em actividade. O mais notavel por certo, é o Hecla, do qual ha discriptas vinte e seis erupções, admiraveis pela sua intensa violencia e extraordinaria duração. A erupção que houve no Hecla em 1845, durou mais de um anno. Em Orkneys, a quinhentas milhas de distancia cahia em grande abundancia o pó expellido pela erupção.

Mas os fluxos de lava são mais caracteristicos do que o pó nas erupções islandicas.

Alguns vulcões expulsam só poeira, escoria ou rochedos partidos; outros apenas figuram ser caldeirões de lava a reerver.

E' curioso que onde a acção explosiva do vulcão é mais intensa, menor é o fluxo da lava que muitas vezes desaparece.

A lava é mais geralmente expellida em grande quantidade por uma fenda ao lado do vulcão do que trasborda pela cratera. D'esta fórma só pela primeira vez na historia o vulcão islandico, Skaptar Jokull, fez erupção no mez de junho de 1783.

Como succede geralmente, a erupção começou por um tremor de terra, acompanhada de grandes nuvens de fumo, separando-se do vapor de agua o pó e a pedra pomes; ouviram-se fortes detonações e incessante chamejar, como de relampagos e estrondo, como de trovões. A ardente lava derretida correu pela montanha abaixo, seguindo pelo valle do rio Skapta. Seccaram todas as fontes, encheu-se a encosta em alguns pontos na espessura de 180 metros. Inundou os campos, os bosques, as herdades e espalhou a devastação como um exercito invasor. Para baixo do valle de Skapta a lava estendeu-se ainda por cincoenta milhas; n'um outro valle paralelo a este percorreu quarenta milhas, e a corrente mediu em alguns pontos sete milhas de largura.

Comquanto morresse pouca gente com a erupção propriamente dita, centenas de pessoas ficaram arruinadas; seguiu-se a fome e

a peste, e nos dois annos seguintes, devido indirectamente á erupção, não menos de 9:000 creaturas, 28:000 cavallos, 11:000 cabeças de gado e 190:000 carneiros pereceram.

Nascentes quentes, *geysers*, e caldeirões de lodo e de barro fervente são vulgares na Islandia. *Geysers* e vulcões de lodo trabalham similhantemente, mas emquanto um emite um fluido claro, o outro cospe e despeja um liquido lodoso e sujo. Dá-se melhor idéa do *geyser*, ou vulcão d'agua, descrevendo-o como uma nascente quente em jacto elevado.

O grande *geyser* da Islandia está em Haukadal, mas as suas manifestações são pouco certas, e felizes são os que o encontram trabalhando regularmente. A terra estremece quando o vapor sóbe precipitadamente pela chaminé central; elevam-se grandes ondas d'agua sobre a lagôa da cratera, arrebentam contra as margens escarpadas e trasbordam. N'uma occasião, toda a lagôa de cerca de deseseis metros de largura, elevou-se n'um unico globo de agua a ferver, e depois a columna de dentro da chaminé foi expellida com grande força de vapor, como um tiro da bocca de colossal bacamarte. A carga elevou-se a grande altura, e a maior parte cahiu de novo, afundando-se com impeto.

Outro *geyser* islandico, chamado Stokr-ochurn, pôde-se-lhe provocar a erupção para satisfazer os espectadores, pelo simples expediente de deitar torrões ou pedras nos seus poços. O vapor fica concentrado por alguns minutos, depois arrebenta n'uma violenta explosão, arremessando chuviros de projectis.

Deixando a Islandia e passando pelos extinctos campos vulcanicos da França, Allemanha, Hespanha e Portugal, chegamos á grande região vulcanica da Italia. Ahi o Vesuvio é o centro activo. Roma nas suas sete collinas, como Lisboa nas suas, attesta, desde annos sem conto, a antiga convulsão do solo.

Foi pela uma hora da tarde de 24 de agosto A. D. 79, que o gigante prisioneiro no Vesuvio, depois de longos annos de repouso, se moveu e acordou.

Uma nova e extraordinaria nuvem sahiu do cume como uma columna gigantesca, e espalhou por todos os lados o pavor e a ruina. A terra agitou-se, o mar recuou em rolo temeroso, relampagos fusilaram por entre nuvens negras, blocos ardentes de lava sahiram como pedras arremessadas por catapultas, rochedos partidos cahiram em chuva destruidora. Espalhou-se uma intensa escuridão, mais negra do que a noite, mesmo em Misenum, a seis leguas de distancia. Quando tornou a aclarar, o chão ficou branco como neve, todo coberto de cinza.

Herculaneum estava submersa em torrentes de lodo, Pompeia sepultada em cinzas, assim como Stabiae, a dez milhas de distancia. Milhares de acres de terra, vinhedos, florestas, casas e centenas de vidas foi tudo destruido.

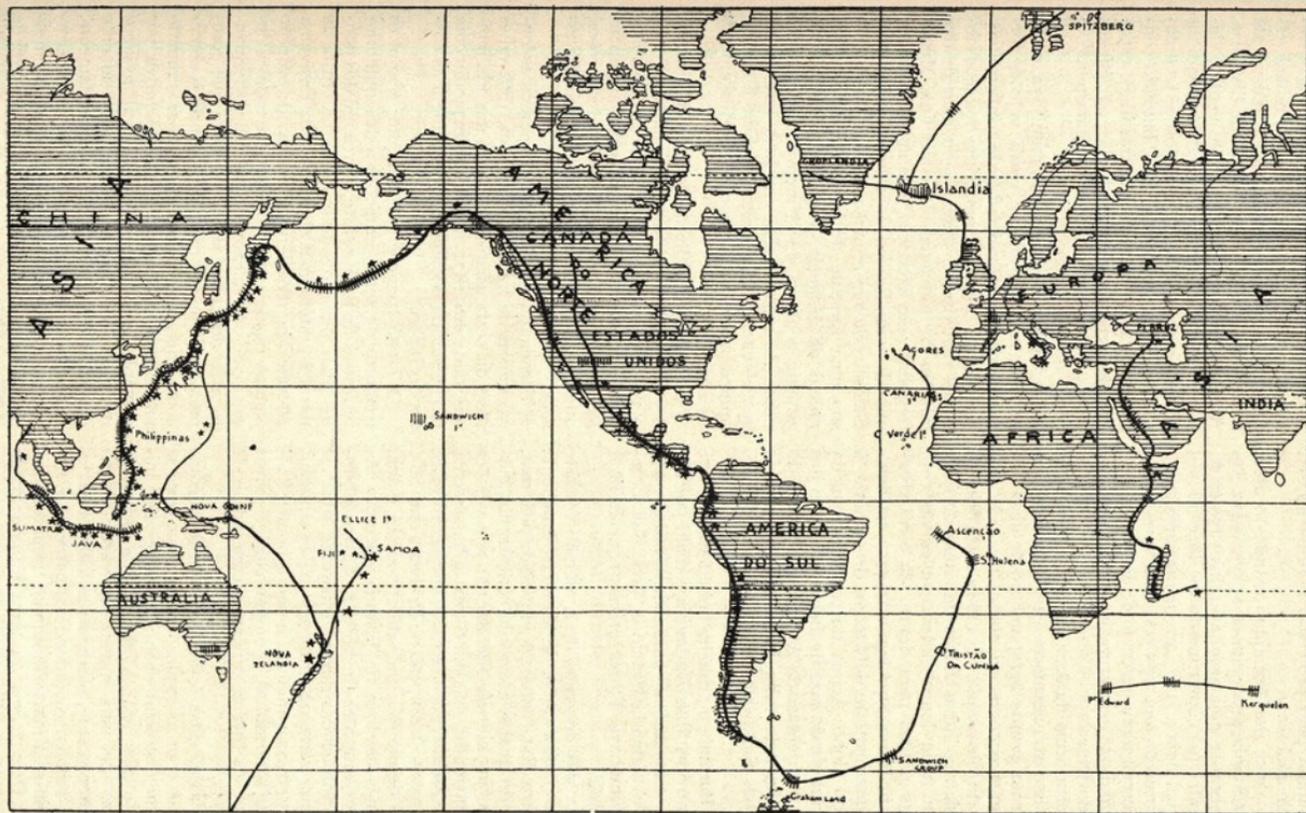
Esta foi a primeira erupção do Vesuvio conhecida na historia. De então para cá teem continuado as erupções com mais ou menos regularidade. Em 1631, quando teve logar uma terrivel explosão, sahiram das montanhas enormes torrentes de lava que percorreram a distancia de cinco milhas, destruindo cidades e sepultando centenas de creaturas. N'essa occasião diz-se que se perderam approximadamente 18:000 vidas.

Em seguida vamos visitar os campos de Phlegraean, com Ischia e ilhas adjacentes formando um grupo de vulcões. As crateras n'esta região são largas em comparação á sua altura, de fórma que um mappa dos campos de Phlegraean pôde ser tomado por engano por um mappa de uma parte da superficie da lua, como a mostram as photographias. Houve aqui um vulcão, Monte Nuovo, que nasceu, viveu e morreu em poucos dias. A sua solitaria erupção occorreu no anno de 1538, e o lodo que d'elle dimanou veio estucar os palacios de Napoles, oito milhas distante, e construiu e levantou o cone denunciador do caso.

Depois passaremos por entre toda a região vulcanica das Ilhas de Ponza ao grupo Lipari, onde está sempre em fervura o Stromboli. O Stromboli tem estado em trabalho, expellindo vapor ha mais de 2000 annos. Dentro da sua cratera uma grande massa de lava em calor branco, permanentemente liquida, está fervendo e engrossando, levantando com a detonação de uma pistola grandes bolhas d'agua na superficie em que fazem explosão.

Os tres vulcões acabados de descrever, Vesuvio, Monte Nuovo e Stromboli, mostram tres phases differentes, mas typicas da vida vulcanica. O Vesuvio esteve accumulando forças no seu somno de seculos e depois abysmou o mundo com uma aterradora erupção, tendo estado em alternadas eras comparativamente quieto ou terrivelmente activo. Monte Nuovo esgotou-se e morreu, depois de uma exhibição de dias apenas. Stromboli apresenta uma acção uniforme, serena, nunca excessiva, mas nunca em repouso. Vêem-se estes caracteristicos em menor escala em muitos outros vulcões por toda a parte do mundo.

Notemos em seguida o Etna, o maior vulcão da Europa. Eleva-se a 3:300 metros acima do nivel do mar. A sua base tem noventa milhas de circumferencia. O Etna tem uma má reputação; uma grande lista de crimes lhe



Marinho 57

PLANISFERIO — Onde estão traçadas as linhas fracas da crusta da terra, marcando-se por estrelas os vulcões em actividade e por pequenos traços os latentes ou inactivos

é imputada pelo professor Bonney no seu trabalho *Vulcões*.

Em 1169, por exemplo, quando foi destruída Catania, perderam-se 15.000 vidas. Em 1669 abriu-se uma grande fenda no flanco da montanha no comprimento de doze milhas, pela qual fluia a lava; arrebentou uma grande inundação em 1755, e uma torrente de lava desceu n'um percurso de seis milhas em 1852. Mais de cem erupções confirmam a má fama do Etna.

A terra firme da Asia está livre de vulcões e por isso atravessamos este continente até chegar ao grande agrupamento de ilhas que bordam suas costas orientaes.

Ha de vêr-se que, por toda a costa oriental da Asia, as linhas fracas na crusta da terra formam uma longa cadeia em curvas com as suas pontas para dentro da terra. Partindo de Burmah podemos traçar uma linha fraca que percorre dois terços do caminho á roda do globo. Acima da costa oriental da Asia, através do mar de Behring, abaixo das costas occidentaes da America do Norte e do Sul, volta pelo cabo Horn e segue, através das ilhas Sandwich pelo oceano Atlantico acima.

De Burmah, a primeira linha a traçar corre por entre as ilhas Andaman e d'alli por Nicobar, Sumatra, a bahia de Sunda, onde surge a afamada Krakatoa, Java, Bali, Lombok, Soumbava, Flores, até as pequenas ilhas de Timôr.

Uma das do grupo de Andaman consiste n'uma cratera antiga de kilometro e meio de diametro. Esta cratera foi invadida pelo mar, acima do qual se eleva um cone central á altura de 305 metros. Nicobar não tem vulcões em actividade, mas em Sumatra ha sessenta e seis crateras, umas activas, outras extinctas.

A espantosa erupção de Krakatoa em 1883, depois de um descanso de 200 annos, é uma das mais celebres na historia vulcanica. As grandes erupções de 26 e 27 de agosto, foram annunciadas durante quatorze semanas por uma serie de erupções mais pequenas, que arremessavam terra e pedra pomes á altura de sete milhas, acompanhadas de vivas detonações que se ouviam a cem milhas de distancia.

Todavia, estas foram insignificantes comparadas com as explosões de agosto, que se ouviram distinctamente a mais de 2000 milhas de distancia. A ilha estava escondida debaixo de uma nuvem de vapor d'agua phosphorescente, elevando-se á altura de desete milhas: quando desapareceu a nuvem viu-se a maravilhosa mas tremenda mutação. Dois terços da terra tinham ficado completamente divididos.

Uma espessa poeira sahia do vulcão, arremessada á altura de vinte e cinco milhas, espalhando uma pavorosa escuridão, mesmo até a Batavia situada a cem milhas de distancia. A poeira mais fina, levada pelos ventos, viajava á roda da terra, produzindo esplendidos efeitos crepusculares. As explosões levantavam no mar ondas immensas, batendo contra as costas de Sumatra e outras ilhas, espalhando terrivel devastação; e os efeitos d'esta desordem do mar chegaram até o canal de Inglaterra.

De Krakatoa corre a linha até Java, onde se levantam quarenta e cinco vulcões formando grupos, distanciados de trinta milhas. Goentoer é o mais activo. N'um dos seus violentos paroxismos, descarregou mais de dez milhões de toneladas de cinza fina. Menos frequente em exercicio, mas mais destruidor quando trabalha, é o Galoongoon. Quando o Galoongoon fez erupção em 1822, arremessou uma torrente de lama a mais de doze milhas de distancia, a qual n'alguns pontos attingiu a altura de 15 metros. Padjalan é o nome de uma cratera em Java que emite gazes venenosos, victimando, como é sabido, muitos tigres e rhinocerontes que descuidosos os aspiram.

Continuando a linha do lado do oriente, por Bali e Lombok, vamos a Soumbava, onde o vulcão Timboro em abril, de 1815, subitamente arrebentou n'uma explosão tão espantosa, prolongada e de efeitos tão desastrosos, que d'ella pereceram mais de cem mil pessoas.

Torneando o lado norte, seguimos as longas curvas de fractura através das differentes ilhas da costa asiatica, tocando nas Philippinas, onde em 1872 um vulcão explodiu com tão desusada violencia, que attingiu as costas do Japão.

O Japão treme perpetuamente; e com os tremores de terra, erupções e desequilibrios terrestres de toda a sorte, marca um dos pontos mais perigosos de fraqueza na crusta da terra. A cratera mais elevada é a da Fusi-yama adormecida, d'onde não tem havido erupção alguma desde 1707. Não se deve todavia de-sejar que um vulcão esteja em socego; quanto mais descanso, maior é a força que accumula, até que um dia não podendo já conter a sua energia suffocada, faz tremer o mundo na violencia das suas explosões. A prova, por exemplo, está n'aquelle celebre vulcão japonês, Bandaisan, que dormiu pacificamente por mais de mil annos, e inesperadamente, n'uma bella manhã de julho de 1888, arrebentaram os vapores aprisionados, arremessando para o ar uma massa incalculavel de destroços da propria montanha.

Do Japão, a zona fraca corre até Kamchatka e d'ahi atravessa o mar de Behring até a America.

De norte ao sul, as costas occidentaes da America e da Alaska são inteiramente flanqueadas de montanhas onde se encontra mais de um vulcão em actividade, sendo as linhas fracas nitidamente marcadas até o cabo Horn. Uma corre pela Sierra Nevada até a baixa California; a outra segue das montanhas Rochosas, atravez da America Central e por toda a costa abaixo do continente sul, ao longo dos Andes. O lado occidental das montanhas Rochosas é uma vasta extensão de terra, maior do que a península iberica, arida planicie de basalto, formada pelo fluxo das lavas sahidas das fendas eruptivas. Estas differem das outras formas vulcanicas; a lava sae por numerosas fendas abertas na superficie da terra, estendendo-se muitas vezes sobre milhares de milhas quadradas e dispersando impetuosas correntes de agua.

No lado oriental das Rochosas está o districto do muito afamado Yellowstone Park, cujas nascentes quentes e *geysers* provam que a temperatura ali é ainda muito intensa a pouca profundidade.

Entre os mais notaveis vulcões da America estão o Jorullo, o Popocatepest, o Cotopaxi, o mais alto vulcão do mundo, e o Consequina cuja tremenda explosão em 1835 foi muito semelhante á da primeira erupção do Vesuvio, e á de Krakatoa em 1883. A America possui ao todo quasi cem vulcões.

Encontram-se muito poucas ilhas no oceano Atlantico. Todavia depois de deixar o cabo Horn, a linha fraca póde ser traçada no grupo Sandwich, onde ha uma cratera em actividade; d'ahi ao grupo Tristão da Cunha, um dos mais isolados arquipelagos do mundo, e segue pela vulcanica Santa Helena e pelas ilhas d'Ascensão inteiramente formadas por erupções. As ilhas dos Açores, Canarias, e Cabo Verde, são tambem de origem vulcanica.

Na terra firme de Africa só se sabe da existencia de um grupo de respiradouros em actividade.

Voltando agora ao oceano Pacifico, póde traçar-se a linha fraca do Japão até a Nova Guiné, d'ahi á Nova Zelandia; e do mesmo modo da região do polo Antartico ao Monte Erebus, que ainda está em actividade, e ao Monte Terror, envolto em profundo somno.

Desligadas de qualquer linha fraca em torno do equador, estão as ilhas Sandwich ou Hawaii, ultimo ponto a visitar na nossa volta aos mundos vulcanicos.

Estas ilhas não são senão um grupo de diferentes cones vulcanicos, porém durante

trez quartos de seculo todas as erupções que tiveram lugar não foram explosivas. As crateras activas estão em Hawaii, com os suaves e melódicos nomes nativos de Kilauea, Hualalai, e Loa; ha ainda dois outros cones, um d'elles chamado Kea, elevando-se a 4:200 metros.

Kilauea é uma vasta cratera com duas milhas e meio de comprido e quasi duas milhas de largo. A duzentos metros aproximadamente abaixo da orla superior está um lago de lava liquida, agitado e ardente. A lava n'este lago de fogo, eleva-se e cae, como uma columna de mercurio em qualquer barometro gigantesco, conforme a actividade ou immobildade do vulcão. Accidentalmente a lava eleva-se ao cume da cratera e trasborda, como geralmente succede ás outras; mas a maior parte das vezes a lava abre caminho pelas fendas subterraneas até achar um ponto bastante fraco na terra que lhe permita a livre erupção.

Foi o que succedeu em Kilauea em 1840. Previamente a columna de lava na cratera tinha-se elevado a tal altura que ameaçara trasbordar. Depois submergiu-se gradualmente, e simultaneamente na extremidade de uma cratera a cinco milhas sudeste de Kilauea fez a sua aparição á superficie. Por trez semanas a columna do reservatorio continuou a afundar-se, e afinal n'uma distancia de vinte e sete milhas de Kilauea arreventou em impetuosa torrente, levando adiante rochedos, arvores e florestas: trez semanas continuou a innundação a correr para o mar.

Quando a grande corrente chegou ao mar (diz o professor Bonney), submergiu-se com grandes detonações, estendendo-se pela linha da costa exterior por quasi um quarto de milha e as aguas tornaram-se tão quentes que por vinte milhas em redor as margens appareceram semeadas de peixes mortos. A lava ardente, ao encontrar-se com as aguas, despedaçou-se em milhões de particulas elevando-se em nuvens que escureceram o céu, cahindo depois como uma tempestade de granizo.

Regressando, agora desta visita rapida aos vulcões do mundo, convem demorarmo-nos um pouco no estudo do phenomeno que os geologos não conhecem outro mais fascinador.

O vapor d'agua, de mistura com outros gazes, é indubitavelmente o mais forte agente das erupções vulcanicas. Todas as explosões são acompanhadas de vapor d'agua detonando como tiros de peça, e tem-se reconhecido que a agua entra na composição dos productos vulcanicos.

Como a agua convertida em vapor occupa

quasi 1700 vezes o seu volume primitivo, na sua enorme força expansiva se encontra promptamente a causa das explosões vulcánicas. Quando a lava enche o cano do vulcão, o vapor d'água accumula-se n'um limitado espaço, e d'ali determina a explosão final.

D'onde vem a lava e de que profundidade? Como primitivamente, antes de principiar a trabalhar a força explosiva do vapor d'água, veiu a lava impellida para a superficie da terra?

Como já se fez notar. quasi todos os vulcões estão perto do mar. A agua do mar acharia facilmente caminho, por entre as fendas da crusta da terra, em direcção á lava accumulada na caldeira do vulcão. Pensa-se que as espantosas explosões de Krakatoa foram devidas principalmente ás aguas do oceano, arremessando-se por entre as fendas abertas no fundo e vindo juntar-se á lava derretida.

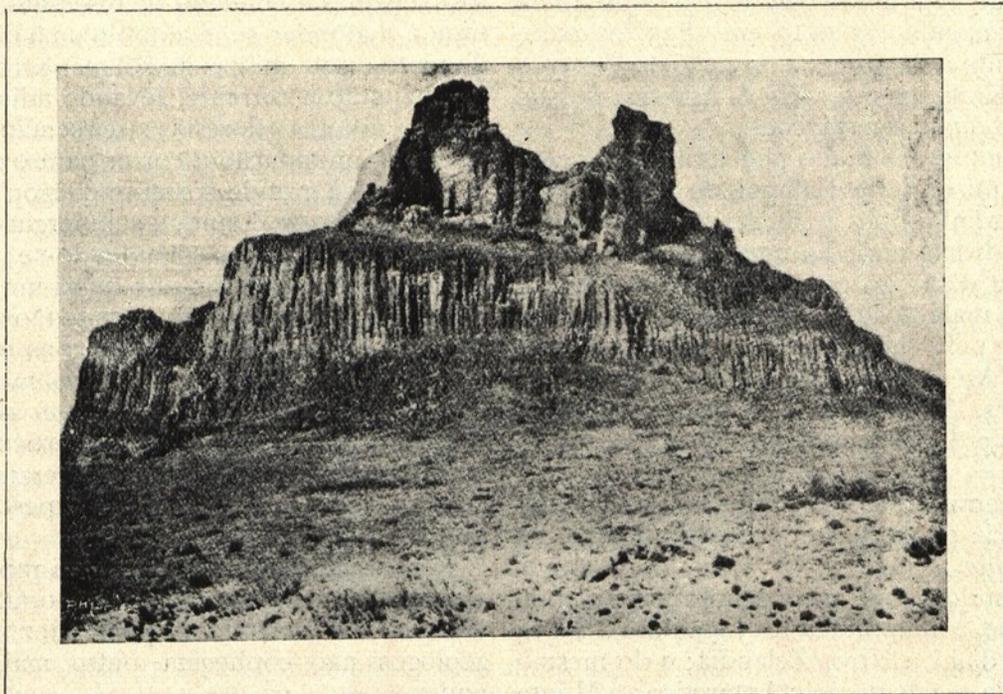
A lava, a escoria e outras materias que expellem o vulcão, consideram-se como a materia typica existente abaixo da crusta da terra.

A lava sahida da boca de um vulcão tem

uma temperatura poucas vezes inferior a 2000 graus e, como o termo medio do augmento de temperatura da terra a partir da superficie para a profundidade é aproximadamente de 1 grau C. por cada 30 metros d'esta proporção, deduz-se com facilidade qual a profundidade aproximada donde dimana a lava ou seja entre vinte e trinta milhas.

Na força expansiva do vapor encontra-se o agente proporcionado para impellir a lava ardente das regiões inferiores para a superficie, atravez dos logares fracos ou fendas da crusta da terra. O vapor é portanto um factor poderoso na erupção da lava; mas esta é primeiramente impellida pela pressão fornecida pela contracção do globo em consequencia da perda do calor. As camadas do globo, abaixo da parte solida exterior, vão esfriando de fórma que a crusta torce-se e fractura-se, comprimindo as massas interiores fluidas.

E a lava sahe atravez das roturas e fendas da crusta, como a tinta de oleo do pequeno tubo de chumbo quando se comprime para a derramar sobre o paleta d'um pintor.



CRATERA D'UM VULCÃO EXTINCTO

O DIA DAS SÉSTAS

No calendario das usanças populares, a segunda-feira dos Prazeres, a da semana de Paschoela, marca o principio das *séstras* — as duas horas de descanso,



apoz o jantar, para os que levam a vida e o trabalho arduo, do nacer ao pôr do sol, na occupação do pão de cada dia. Para o povo trabalhador, aquella segunda feira é dia de festa — a festa do sol, n'um aspecto pagão, naturalista, primitivo, embora em concordancia com uma invocação religiosa, para simples limitação de epoca, como o domingo da Invenção da Cruz para o sul do paiz, o S. João ou o S. Miguel em contratos de lavoura.

Em Lisboa, por curiosa coincidência de local e de tradição, e para evidencia dos contrastes necessarios, o povo operario vae buscar as *séstras* ao cemiterio, ao campo santo; vae buscar ali o somno reparador das energias dispendidas no puxar violento da enxada ou no manusear rythmico do martello, junto dos que dormem para sempre, no seio da terra, em repouso eterno.

A romaria festiva dos que, em desforra das

duras exigencias da vida, saudam o bom sol, confunde-se com a peregrinação tristemente emocionante dos que, em braços de rozas frescas, levam a recordação piedosa aos co-vaes dos seus dilectos.

A primavera, que renova a seiva e enflora a campina, tambem guarnece e enfeita o campo dos mortos. A natureza borda por sobre o tapete verde dos prados os graciosos arabescos das floritas singelas, fortemente coloridas, e ao mesmo tempo, a saudade dos crenes entretece por sobre os tumulos as grinaldas symbolistas dos mysterios d'alem da vida.

Curioso e estranho o aspecto d'aquella multidão, invadindo o cemiterio, tão diversamente impulsionada, dividida em ranchos alegres por entre jazigos brancos, d'uma brancura soberba e vaidosa, ou dispersa em pequenos grupos sombrios, olhos fitos na terra, recentemente remexida, em dolorosa interrogação do invisivel.

A luz forte do meio dia, incidindo a prumo, espalma a paizagem; o calor intenso põe vibrações de sensualidade no ambiente sêcco;



NO LARGO DO CEMITERIO DOS PRAZERES

o azul do ceu desmaia e acinzentase no horizonte recortado pela casaria branca. Em baixo no valle que se despenha para o largo

Tejo prateado, as chaminés das fabricas, esguias como os cyprestes, não se empenacham de fumo. Ha por vezes um grande silencio morno. Depois sente-se o esboroar d'areia fina das ruas sob as passadas pesadas dos que chegam para as visitas funebres, ou para a folga despreocupada, a terminar lá fóra,

tres annos successivos que pela Paschoa ella traz ao filho morto um saquinho d'amen-doas brancas, ingenua memoria da sua saudade e delicada merenda para os vermes de terra fria.

Acolá em cima, debruçada sobre os de-grus de um tumulo, uma creança loura, muito

rosada e alegre, está colhendo um goivo vermelho, florido entre as frinchas do marmore.

Cá fóra, na porta do cemiterio, agrupam-se afoguedos pelo calor numerosos freguezes em torno das vendeiras de limonadas. Pela estrada enfumada de poeira, vão marchando alegremente bandos que transportam em folgada algazarra bojudos garrafões, no antegosto sybarita das favas guizadas em chouriço e da salada d'alface frescamente colhida. Mais adiante, sobre uma espalda



AS SÉSTAS

n'uma quinta proxima, sobre a relva, em sitio assombreado, n'um jantar de festa, abundantemente regado de vinho tinto. De quando em quando cortam o ar sereno os echos d'uma gargalhada metallica e fina como o gume d'uma espada; soltou-a, alli em cima, ao quebrar d'uma rua, menos concorrida, uma rapariga fresca, d'olhos negros e bocca vermelha, seios turgidos, a quem um rapaz de chapéu redondo de abas largas furtou um beijo.

A lascivia do amor no logar da morte, como na vida toda, onde um fundo de dor realça sempre o prazer.

Lá ao fundo, na esplanada dos covaes, apoz as fileiras de capellas trabalhadas, grupos de ovarinas mourejam resignadamente na ornamentação das sepulturas semeadas de flores e de cruces, e accendem em pucarinhas de barro pequenas lampadas deante de retabulos coloridos. N'um canto, em baixo, quasi junto ao muro extremo, uma mulher de olhar sombrio, vestido, chaile e lenço pretos, cara enrugada pelo trabalho e pela privação em velhice prematura, estaciona, alheada ao que passa, defronte d'uma cova. Ha

sombreada, dormem pesadamente, n'um abandono organico, alguns operarios. Ao vêr aquella *sésta* bem dormida, sob a acção depressiva do calor intenso, n'este periodo em que a amplitude crescente dos dias excede a capacidade trabalhadora, reconhece-se a necessidade de restabelecer a equação do salario fixo e da energia despendida. A tabella astronomica impõe-se aos regulamentos da fabrica e do campo; que o clima determina a um tempo a paizagem e os costumes. O sol que illumina e requeima a verdura, cresta ao mesmo tempo a face; e onde as ondas de calor imprimem vibrações subteis ao meio ambiente, a tensão organica tambem se activa e nos olhos accende-se o fogo sensual. A *sésta* dolente e pacificadora tem portanto a sua definição nos costumes e a sua justificação no clima.

O povo operario festeja com razão a segunda-feira dos Prazeres, como se fôra a comemoração d'uma antiga victoria sobre a tyrannia; da mesma sorte que nas epocas modernas se festeja o primeiro de maio, como esperança de conquista nova, para a reivindicação dos tres oitos da formula socialista.

METEOROLOGIA

Observatorio do Infante D. Luiz

Fevereiro	Barometro		TEMPERATURA						Chuva		Ozone	
	Nivel do mar		às 9 h. da manhã		maxima		minima		Millimetros		Gráus	
	1901	1902	1901	1902	1901	1902	1901	1902	1901	1902	1901	1902
1	762,2	762,9	8,0	1,6	11,3	8,3	4,8	0,6	0,1	0,0	7,8	1,0
2	767,3	757,1	7,3	7,0	12,1	9,7	4,8	5,2	0,3	2,0	6,2	9,5
3	762,7	752,0	8,0	13,7	12,6	15,2	6,8	7,6	0,1	52,0	6,3	0,0
4	755,9	753,8	10,3	9,6	12,0	15,0	8,4	9,5	2,0	2,1	8,5	8,9
5	760,0	752,8	10,3	14,6	12,5	16,2	8,2	14,1	5,9	4,4	8,0	8,0
6	762,1	756,4	9,0	15,1	11,6	16,2	5,5	14,2	0,9	8,4	8,2	9,2
7	766,1	759,1	5,0	14,9	11,6	15,7	4,2	12,8	0,0	9,4	8,3	10,0
8	768,4	766,2	3,5	13,7	11,2	15,4	0,8	12,6	0,0	5,3	8,2	10,0
9	766,7	760,0	5,3	14,1	11,6	14,9	3,9	10,7	0,0	15,4	8,0	10,0
10	768,9	756,5	7,8	13,4	14,4	14,1	6,0	10,5	0,2	5,2	7,0	8,8
11	762,3	756,4	0,5	13,5	15,3	15,0	9,6	11,2	13,0	15,1	9,5	8,5
12	756,7	748,2	13,1	14,3	14,6	14,5	12,4	11,6	19,2	5,0	9,8	10,0
13	764,9	754,6	10,0	12,5	14,0	14,4	9,7	11,5	0,9	20,4	7,0	10,0
14	758,9	760,5	9,3	12,3	9,6	14,6	7,3	9,3	2,0	1,0	9,5	10,0
15	763,1	768,8	9,0	7,8	11,2	11,4	3,5	7,4	15,4	4,0	9,7	5,2
16	770,0	769,4	2,5	4,8	7,7	12,4	1,2	4,3	0,0	0,0	9,5	7,5
17	771,7	765,2	2,0	13,1	8,4	15,2	0,8	9,5	0,0	13,8	9,8	8,0
18	770,1	767,0	3,5	10,5	8,7	14,4	1,5	0,0	0,0	0,0	8,7	5,8
19	767,5	758,9	3,4	10,5	10,0	12,0	2,1	7,5	0,0	11,6	8,3	9,7
20	750,9	758,2	13,1	10,4	14,6	13,1	10,6	7,6	10,1	14,6	10,0	9,3
21	758,4	764,8	9,9	11,4	10,8	14,3	5,3	10,2	0,1	0,8	10,0	5,7
22	758,4	763,9	4,0	12,0	7,9	13,8	2,8	11,1	0,0	0,3	10,0	8,5
23	755,5	757,2	4,8	13,3	10,2	13,8	2,3	11,7	0,0	1,7	10,0	10,0
24	760,2	754,3	8,0	13,6	13,6	14,9	6,3	11,3	0,0	24,3	9,2	8,0
25	763,3	757,7	9,7	14,1	13,7	14,9	5,0	12,2	0,0	24,5	8,0	9,3
26	757,0	758,1	11,2	14,7	13,5	15,1	0,6	13,2	7,4	2,0	10,0	10,0
27	763,6	756,5	11,8	12,6	13,6	14,9	0,6	10,9	3,2	7,0	10,0	8,2
28	762,3	748,5	11,9	11,2	14,1	12,9	9,8	9,9	13,7	3,7	10,0	8,5

VARIEDADES

Publicando n'este nosso numero um expressivo *pas de quatre*, delicada offerta d'uma gentilissima senhora, D. Maria Julia Loureiro de Macedo, que reune ás graças da juventude as excellencias d'um espirito culto, os SERÕES tem ensejo de mais uma vez dar publico testemunho da carinhosa protecção que as damas portuguezas lhe teem dispensado, e muito especialmente á intelligencie auctora d'esta

pequenina mas suggestiva composição musical, os SERÕES se confessam reconhecidos. Pouco a pouco, e seguindo exemplos que no estrangeiro são numerosos, a collaboração artistica feminina, sempre bem vinda, virá sem duvida enriquecer as paginas da nossa revista, e para as primeiras que nos distinguem, é tanto mais caloroso o nosso agradecimento.

MEMENTO ENCYCLOPEDICO

JANEIRO 26—*Turquia*—O sultão publica um decreto prohibindo todos os jogos d'azar—*Italia*—O governo prepara medidas extremas para impedir a greve geral dos empregados dos caminhos de ferro.—*França*—E' prohibido pelo governo francez o congresso que, a instigação dos principes Salah-Eddine e Lut-Fulah, sobrinhos do sultão Abdul-Hamil deviam celebrar em Paris os delegados de todas as classes e regiões da Turquia.—*China*—a côrte imperial abona ao governador Yan-chikae um credito annual de 5 milhões de taeis para manter um exercito de 100.000 homens na provincia de Chi. O governador tenciona pedir para esse exercito instructores japonezes e inglezes.—*Marrocos*—O sultão Muley-Ald-el-Azir retira a sua confiança ao commandante em chefe sir Harry Maclean.—

27 Italia—O papa envia ao sr. Sidal, embaixador demissionario junto do Vaticano, as insignias da grã-cruz branca acompanhadas de uma carta affectuosissima.—O pessoal dos tramways das cidades principaes ameaça pôr-se em greve, manifestando se a primeira em Genova—*Canada*—O governo auctorisa a Canadian-Pacific-Railway a fazer uma emissão de vinte milhões de dollars.—*Inglaterra*—A camara dos lords approva uma moção do barão Wemyss pedindo vigorosa continuação da guerra na Africa Austral e rejeita uma emenda do conde Derby, accusando o governo de imprevidente na preparação e direcção da guerra.

—O recenseamento da população mostra que esta sóbe em Londres a 4:536.540 individuos dos quaes são estrangeiros 135.377, e d'estes são italianos 10.889.—*Estados Unidos*—Dá-se uma grande explosão de dynamite destinado ás obras da construcção do tunnel de transitio rapido, abalando todo o bairro circumdante, derribando carruagens e cavallos, etc, sendo encontrados 4 individuos mortos e 75 feridos.

28 França—A camara dos deputados approva o projecto de lei que tem por fim completar o fomento nacional pelo melhoramento e construcção de vias navegaveis, canaes e postos maritimos—Constitue-se em Paris um *comité* para elevar em França um monumento a Garibaldi.—O sr. Santos Dumond executa uma nova ascensão em Monaco por cima da enseada fazendo evoluções durante 45 minutos em todos os sentidos e attingindo sobre o alto mar uma altura de 100 metros.—*Hespanha*—O embaixador francez entrega ao rei Affonso XIII as insignias da gran-cruz da Legião d'Honra—*Portugal*—O ministro da marinha apresenta ao parlamento a proposta de lei relativa á navegação de cabotagem, á reforma por equiparação na armada e ao hospital colonial—*Grecia*—Um violento incendio destroe o celebre convento do Monte-Athos morrendo dez frades carbonizados e ficando 30 gravemente feridos. Os prejuizos são calculados em 2 milhões de francos.

30 Austria—O engenheiro Nimfur de Vien

na inventa uma machina voadora com o peso de 20 kilos e a força de 30 cavallos.—*França*—Batem-se em duello em Paris o principe Danilo Alexandre, herdeiro do Montenegro com um irmão, o principe Mirko, por este ter recidularisado as princezas de Mecklemburgo Strelitz, ficando o principe Danilo ligeiramente ferido.—*Estados Unidos*—E' apresentada no senado de Washington uma proposta para que se reatem as negociações com a empreza do canal do Panamá, se a Colombia conceder uma faixa de dez milhas de terreno; no caso contrario, que se construa o canal de Nicaragua.—*Italia*—Desapparece de Turim o tabelião Boselli presidente do Centro Eleitoral Catholico.

31 Mexico—Dá se uma violenta explosão em uma mina de carvão situada a 85 milhas ao sul de Eagle Pass na occasião em que trabalhavam 165 mineiros, tendo sido retirados 106 cadaveres.—*Hespanha*—E' nomeado embaixador de Hespanha junto do Vaticano, o sr. Gutierrez Aguera.—*França*—O conselheiro Roume, director do ministerio das colonias é nomeado governador geral da Africa Occidental.—*Estados Unidos*—Realisa-se em Lincoln um comicio em que é votada uma mensagem de sympathia aos boers e bem assim da camara ao governo de Washington por não ter dado pesames a Kruger pela morte da esposa.

FEVEREIRO 1—*Africa*—E' assignado pelo principe d'Arenberg e pelo presidente do conselho de ministros egypcio a convenção entre a Companhia do canal do Suez e o Egypto, obtendo a Companhia a franquia das alfandegas e sendo declarado franco, o porto de commercio de Port-Said.—*Turquia*—Em consequencia de um incendio no deposito do material de guerra de Krajugeral, explodem mais de 500:000 cartuchos.—*Belgica*—O congresso dos assucares encarrega a Belgica de apresentar um novo projecto supprimindo os premios de exportação.—*Inglaterra*—A camara approva um voto de homenagem ao procedimento das tropas na Africa do Sul.

2 Alemanha—O partido socialista resolve realisar no *Reichstag* uma energica campanha contra o augmento dos direitos sobre o trigo. O capitão Sigfeld e o dr. Luik sahem de Berlim n'um globo militar sendo arremessados em cinco horas até perto de Antuerpia. O capitão ao querer saltar do balão foi arrastado durante muito tempo, sendo depois encontrado morto.—*Portugal*—7.º anniversario do combate de Marracuene em que o regimento de caçadores 2 tomou uma parte importante.—*Estados Unidos*—Um terrivel incendio em Waterbury produz enormes estragos avaliados em 2 milhões de dollars.—*China*—Um edito da imperatriz regente auctorisa para o futuro, os casamentos entre mandchús e chinezes e recommenda o abandono do costume de metter em talas os pés das mulheres. Um edito do imperador exhorta os membros da familia imperial e das elevadas familias do imperio a viajarem no estrangeiro e a assimilar a civili-

sação dos povos estrangeiros. Yong-Lu é nomeado primeiro grande secretario em substituição de Li-Yung-Chang.

3 Portugal—Primeira comunhão de Sua Alteza o senhor infante D. Manuel na real capella das Necessidades.—Regressa de Macau a Lisboa a bordo do transporte *Africa* a força expedicionaria commandada pelo capitão-tenente Assis.—*Austria*—Os fogueiros do *Lloyd* em Trieste declararam-se em greve, pedindo redução nas horas de trabalho.—*Inglaterra*—A camara dos commons approva o crédito supplementar de 5 milhões esterlinos para o orçamento da guerra.—*Malta*—As autoridades decidem reforçar a defeza naval nas aguas de Malta pela creação de uma reserva militar.—*Republica Argentina*—Os drs. Marcellino Ugarte e Adolpho Saldias são proclamados governador e vice-governador da provincia de La Plata.—*Nicaragua*—E' eleito presidente o general Zelaya.—*Turquia*—Descobre-se em varias provincias uma conspiração de mulsulmanos e armenios. E' exonerado Emin-Pachá, sendo substituido por Mussetarif.

4 Hollanda—A Hollanda offerece-se para propôr aos delegados boers que fossem buscar á Africa Austral plenos poderes dos generaes boers para negociar a paz. A Inglaterra responde em termos moderados, recusando admitir a intervenção de uma potencia estrangeira, dizendo que as negociações só se devem effectuar na Africa.—*Russia*—E' proclamado o estado de guerra em Kieff, Odessa e Charcoff em virtude de ter recrudescido a agitação revolucionaria.—*Austria*—Abertura da sessão parlamentar do *Reichsrat*.

6 Turquia—Mahumed-Damad-Pachá é condemnado á morte, tendo sido julgado á revelia.—*Indias inglezas*—Rebenta uma revolução nas immediações de Masizabad, dez mil sublevados batem-se com as tropas conseguindo rechaçal as.

7 Bulgaria—O professor Karandjut de Sophia assassina com dois tiros de revolver o ministro de instrucção publica, suicidando-se em seguida.—*Hespanha*—O congresso approva o projecto de lei relativo ao pagamento em ouro dos direitos aduaneiros. O ministro saxonio dá a sua demissão em consequencia d'uma moção de desconfiança approvada unanimemente pela camara dos deputados.—*Bohemia*—A policia prende em Reichenberg 13 operarios incriminados de conspiração, sendo-lhes apprehendidos documentos compromettedores.—*Africa*—O Estado independente do Congo resolve mandar construir o caminho de ferro através dos grandes lagos centraes, e para unir o Atlantico com o Oceano Indico.—*Turquia*—O sultão põe termo, satisfactoriamente, á questão pendente entre os monges gregos e os padres franciscanos de Jerusalem, a respeito da limpeza do Santo Sepulcro, cuja honra ambas as congregações disputavam. O *iradié* imperial concede eguaes direitos ás duas partes.

8 Estados-Unidos—O governo notifica á Russia a sua resolução sobre a Mandchuria, ácerca da sua abertura ao commercio.—*China*

— O governo imperial despede os professores europeus da Universidade e colloca o presidente n'um posto subalterno. — *Malta* — E' publicado um decreto annullando outro que prescrevia o uso do inglez nos tribunaes como lingua official.

9 Estados-Unidos — Rebenta um violento incendio na fabrica de tramways electricos de Patterson, New-Gersey, destruindo a rua principal o palacio municipal, 26 predios urbanos ficando feridos 20 pessoas e centenaes de habitantes sem abrigo. As perdas são avaliadas em 10 milhões de dollars. — Outro incendio destroe em Saint-Louis o *Empire Hotel*, ficando mortas 10 pessoas e feridas muitas outras.

10 Italia — Os chefes da democracia christã decidem não attender ás advertencias do Papa e manterem a organização e funcionamento actuaes — *Costa Ricca* — Desaba uma igreja em Chirigui morrendo 13 pessoas e ficando feridas 30.

11 China — A população anti-christã incendeia os edificios da sociedade de missionarios de Berlin em Fa-Yan, perto de Cantão.

12 Estados-Unidos — O trust dos assucares enceta uma violenta campanha na imprensa e um comicio contra as reclamações dos productores de Cuba — *Russia* — O czar resolve oppôr-se á politica reaccionaria do santo synodo, accusando este o czar de liberal por se negar á deportação do principe Stakowitch para Siberia por ter pronunciado um discurso favoravel ao systema constitucional. — *Estado do Colorado* — O senado vota uma resolução pedindo ao presidente Roosevelt que intervenha na questão da Africa Austral.

13 Portugal — O vapor *Peninsular* abalroa no Tejo com vapor *Conseil* mettendo este a pique. — *Russia* — Rebenta uma violenta explosão de gaz *grisu* nas minas de carvão da sociedade metallurgica de S. Petersburgo, causando a morte a muitos operarios. — *França* — Declaram-se em greve 8:000 operarios das fabricas de azeite em Marselha pedindo aumento de salario. Um violento incendio destroe um bairro em Lorient proximo á estação ferindo varias pessoas. Os prejuizos são avaliados em um milhão de francos. — *Hespanha* — Varios governadores de provincia e entre elles o de Barcellona pedem a demissão em consequencia da campanha de moralidade emprehendida pela imprensa e pelo parlamento. — O sr. Ramon Nocedal apresenta no congresso uma interpegação contra o duello. — *Ilhas portuguezas* — Por falta de consumo occasionado pelo imposto, fecha a fabrica de cerveja de Mello Abreu despedindo todo o pessoal. — *Marrocos* — O governo marroquino auctorisa a exportação da cevada até nova ordem.

14 Italia — O rei assigna o decreto que concede á viuva de Crispi a pensão annual de 15:000 libras. — *Austria* — E' declarada a greve geral em Trieste fechando todas as fabricas e casas commerciaes.

16 Austria — E' proclamada a lei marcial

na cidade e no territorio de Trieste. — *Italia* — Desaba em Napoles um predio de cinco andares, habitado por numerosos inquilinos, dos quaes muitos ficaram feridos.

17 Hespanha — Declara-se a greve geral em Barcelona — *Austria* — Os operarios grévistas de Trieste voltam todos ao trabalho, ficando restabelecido o socego. — *Taku* Produz-se um violento tremor de terra em Chemkha, matando 2000 pessoas e destruindo 400 predios de casas, 34 aldeias do circulo de Chemkha soffrem grandes estragos. Na aldeia de Marasa está em erupção um vulcão. O rei Gheoclácka muda de leito em consequencia de um deslocamento de terreno. — *Italia* — Cerca de 15:000 operarios romanos realisam um comicio para protestar contra a falta de trabalho. A' sahida organizar uma manifestação tumultuosa intervindo a força armada que descarrega alguns tiros resultando muitos ferimentos.

18 Hespanha — O congresso approva urgentemente o projecto de lei suspendendo as garantias constitucionaes na provincia de Barcelona. São presos por ordem da auctoridade militar todos os individuos que constituem a junta directora da greve, sendo sujeitos ao processo militar. São detidos pelos grévistas os carros da carne que se dirigiam para os talhos. — *Estados-Unidos* — O imperador Guilherme e o principe Henrique da Prussia são nomeados membros do *Atlantic Yacht-Club*. — O senado ratifica a approvação do tratado de compra das Antilhas dinamarquezas. — *Uruguay* — O presidente Cuestas abre o parlamento. — *França* — Verifica-se um duello á pistola entre Cavaignac e Kendutt, trocando-se duas balas sem consequencias. — São destruidos por um incendio as officinas de tinturaria Pincaud em Brest installadas em trez predios, resultando perdas materiaes enormes.

19 Inglaterra — O circulo operario internacional vota moções de felicitação aos operarios de Trieste e Barcelona, incitando-os a proseguirem na greve. — A junta Geral da federação liberal nacional de Leicester approva uma resolução condemnando a politica de rendição incondicional dos boers. — *Hespanha* — Realisa-se n'um arrabalde de Madrid um duello á pistola entre o deputado republicano Blasco Hañer e o general Bernal, sem consequencias. — *França* — E' preso em Nicé um barão allemão, accusado de espionagem por conta da Allemanha, a quem foram encontrados cartuchos da arma Lebel e um mappa do estado maior. — *Italia* — O conde Giusso dá a sua demissão de ministro das obras publicas por causa da questão do divorcio, sendo substituido interinamente pelo sr. Zanardelli.

20 Italia — O rei Victor Manuel abre a sessão parlamentar, annunciando a apresentação do projecto de lei sobre o divorcio destinado a melhorar a situação dos filhos naturaes. — *Mespanha* — E' publicada a lei marcial em Hanresa declarando-se a greve geral e absoluta, generalisando-se ás populações fabris espalhadas em toda a região de Cuanças, excedendo o numero de grévistas a 12000. Muitos operarios de Valencia abandonam o trabalho.

Em Saragoça um numeroso grupo de operarios percorre as fabricas e officinas excitando os operarios á grève. Em Sabadell e Rens declara-se a grève geral. E' affixado nas ruas de Barcelona um bando do governador militar suspendendo as garantias constitucionaes. Dão-se graves tumultos entre os grevistas, e a guarda civil e a policia de Saragoça, Valença e Castellon. A grève alastra-se a Villa Franca, Panadas, Valls e Masnon. — *Italia* — Completa 24 annos de pontificação o Papa Leão xiii. — *Belgica* Realisam-se em Bruxellas e Liege manifestações anti-militaristas organisadas pelo partido socialista.

21 *Hespanha* — E' declarado o estado de sitio na provincia de Tarragona. — *Belgica* — Dá-se uma explosão de grisu na mina de Charleroi matando 5 operarios. — *Russia* — E' encerrada a Universidade de S. Petersburgo em consequencia de motins dos estudantes. — *Allemanha* — E' executado em Berlim o bandido Keiss.

22 *Portugal* — Abertura da exposição de aves em Lisboa, promovida pela Sociedade Nacional de Horticultura. — *Italia* — A Associação geral dos operarios de Turim vota a grève geral, tendo abandonado as officinas 5000 operarios de ambos os sexos. — *Russia* — São fechadas as universidades de Kiew e Karkow.

23 *França* — Declaram-se em grève os empregados dos carros americanos e electricos de Brest, porque a empreza se nega a admittir um fiscal que havia sido despedido da fabrica de electricidade. — *Inglaterra* — Produz-se um violento incendio no quartel de artilharia de Wolwich. — *Hespanha* — Barcelona recobra quasi o seu aspecto ordinario. Declara-se a grève geral em Sevilha. — *China* — O principe Ching faz uma concessão á Allemanha no Chatonng.

24 *Portugal* — E' apresentada ao parlamento uma proposta da reforma da Academia, Escola e Museo Portuense de Bellas Artes. — *Hespanha* — Voltam ao trabalho a maior parte dos operarios grevistas de Barcelona. — *Inglaterra* — O War-Office resolve crear uma cadeia de tactica militar na escola de estado maior. — *França* — Produz se uma manifestação socialista em Bordeus na occasião em que o ministro do commercio é recebido pelos delegados das associações operarias, dando logar a varios disturbios. — A camara dos deputados discute as moções relativas ao serviço militar de 2 annos.

25 — *Portugal* — Os enormes temporaes causam grandes inundações na peninsula e acen-tuadamente em Leiria produzida pelo transbordamento das aguas do rio Liz. — *França* — O senador Guérin entrega na secretaria do senado um pedido de interpellação sobre a situação creada aos portadores da divida portu-gueza.

26 *França* — Celebração do centenario de Victor Hugo. — *Brazil* — Abertura solemne do congresso nacional — *Valachia* — A policia tentando impedir que centenares de operarios invadissem a camara dos deputados em Bu-

charest, com o fim de reclamarem modificações nas leis concernentes ao operariado, é recebida ás pedradas e cacetadas, ficando muitos homens feridos e sendo effectuadas 130 prisões — *Grecia* — O ministro da justiça pede a sua demissão para poder bater-se com o coronel Koumoundros que o provocou por causa do caso Kortales.

27 *Portugal* — E' apresentado ao parlamento o projecto de lei remodelando o ensino pharmaceutico no paiz. — *Hespanha* — O governo consente que nas fabricas d'armas de Hespanha sejam construidas 45:000 espingardas Mausers para o Mexico. — *Venezuela* — O congresso venezuelano ratifica a reeleição do general Castro para presidente da republica por um periodo de 6 annos.

28 *Marrocos* — O sultão concede á França a construcção d'um caminho de ferro do Sahara á Tafilete. — *Russia* — Em consequencia dos disturbios na Universidade de Moscow são condemnados 250 estudantes a penas que variam entre uma semana e tres mezes de prisão.

MARÇO — **1** *Brazil* — São eleitos os srs. dr. Rodrigues Alves, presidente da Republica e dr. Silvino Brandão, vice-presidente. — *Colorado* — E' destruida por uma avalanche a aldeia de Telluride, habitada por mineiros. — *França* — Os operarios dos tabacos adherem á grève dos operarios dos phosphoros.

2 *Venezuela* — Uma nova invasão colombiana dirigida pelo dr. Gardiras é repellido junto do Larias com grandes perdas. — *Italia* — Os estudantes romanos promovem desordens, tendo por esse facto mandado o governo fechar a Universidade. — *França* — Realisa-se na «Bourse du Travail», em Paris, um *meeting* dos operarios sem trabalho que é dissolvido no meio de grande desordem, resultando ferimentos a mais de 20 operarios e 15 policias. — *Portugal* — E' nomeado commandante das guardas muncipaes o coronel de cavallaria Philippe Malaquias de Lemos em substituição do alledido general de divisão Antonio Abranches de Queiroz. — *Estados Unidos* — Produz-se um enorme temporal nas costas do Atlantico e do Pacifico. — A maior parte das minas de Cumberland e Pensylvania são inundadas por uma tromba d'agua.

3 *França* — E' inaugurado em Tours um congresso socialista. — *Portugal* — E' apresentada ao parlamento a proposta de lei relativa ao vinho e ao alcool nas colonias portu-guezas, e outra relativa á questão vinicola. — *Italia* — O rei Victor Manuel recusa a demissão do gabinete. — *Columbia* — Os revolucionarios columbianos, commandados pelo general Villa, são batidos em Rio Frio, ficando 50 mortos e feridos. — *Roumania* — Verifica-se em Buda-Pesth um duello entre os deputados Bakousky e o conde Tisza, ficando o primeiro combatente ferido no braço direito.

4 *França* — Os operarios das fabricas de phosphoros de Pontin e Anbervilliers resolvem voltar ao trabalho, em consequencia das formaes e satisfatorias propostas. — *Italia* — E' restabelecida a ordem publica em toda a

Italia. — *Russia* — Augmenta a agitação dos estudantes em Odessa, Moscow e Kiel, encontrando-se as Universidades occupadas por cosacos e os cursos interrompidos, tendo sido presos muitos professores. — *Hespanha* — Retomam o trabalho quasi todos os operarios metallurgicos de Barcelona. — *Turquia* — Em resultado da opposição das potencias, a Sublime Porta suspende a nova pauta aduaneira, cuja entrada em vigor estava annunciada para o dia 14.

5 *Italia* — Declaram-se em grève, em Napoles, a maioria dos empregados dos caminhos de ferro — *França* — São processados dois conselheiros municipaes de Marselha accusados de immoralidades relacionadas com a exploração do Grande Theatro. — O congresso nacional dos mineiros, reunido em Alais, discute a questão do dia normal de trabalho de 8 horas e decide obtel-o por meio da grève geral immediata sem novas negociações com o governo. — *Belgica* — E' assignada em Bruxellas a convenção assucareira. — *Inglaterra* — A camara dos communs approva por 208 votos contra 207 o projecto de lei favoravel ao estabelecimento do dia normal de trabalho de 8 horas para os mineiros. — *Soldão* — Rebenta uma insurreição acaudilhada pelo sultão de Darfour e pelo sheik Senonssi.

6 *Italia* — Termina a grève dos empregados dos caminhos de ferro de Napoles. — Nas provincias de Florença e Ferrara sentem-se fortes tremores de terra. — *Inglaterra* — O aeroclub de Londres resolve offerer a Santos Dumont os recursos de que necessita para continuar em Inglaterra com as suas experiencias de navegação aerea. — *França* — Os mineiros de Carmadt resolvem a grève geral.

7 *França* — O senado approva em primeira leitura o projecto de lei sobre premios á marinha mercante. — O congresso dos mineiros de Alais approva a nomeação do adiamento da grève geral. — *Estados Unidos* — Regressa a Winnipeg a missão enviada á busca da expedição André.

8 *Marrocos* — A tribu dos Beni-Messara submete-se á auctoridade xerifiana e promete pagar os impostos atrazados.

9 *Africa do Sul* — Declaram-se em grève 700 homens das officinas do caminho de ferro de Durban, reclamando um supplemento de salario, tendo o governo resolvido resistir á grève. — Os boers aprisionam o general lord Methuen e o major Paris.

10 *Estados Unidos* — O sr. Long dá a sua demissão de secretario da marinha sendo substituido pelo sr. Moodi, representante do Massachusetts no congresso Federal. — *Italia* — A camara dos deputados elege para seu presidente o sr. Bianchieri.

11 *França* — O conselho municipal de Paris elege seu presidente para 1902 o sr. Escudier, republicano progressista. — O senado approva o projecto de lei que estabelece para as mistelas estrangeiras: 1.º um direito sobre o al-

cool; 2.º um direito sobre o mosto e as uvas frescas. — *Asia* — Um terrivel tremor de terra destroe 3:000 predios produzindo bastantes ferimentos e mortes em Triankari no vilayet de Castamanni. — *India portugueza* — São julgados e condemnados em nova Eoa, Dadá Ranes e seus cumplices implicados nos acontecimentos de Satary.

12 *Dinamarca* — A camara approva o tratado em virtude do qual a Dinamarca vende ao Estados Unidos as suas possessões nas Antilhas. — *Inglaterra* — O dr. Barton apresenta á sociedade aeronautica um novo balão airigível. — *Hespanha* — O sr. Sagasta informa a rainha da crise ministerial apresentando-lhe a demissão do gabinete. — *Africa do Sul* — Declaram-se em grève todos os empregados do caminho de ferro do Natal, que pedem augmento de ordenado e diminuição de horas de trabalho.

13 *Italia* — Estrea-se no theatro Scala de Milão a opera *Germanica* de Franchetti, obtendo completo exito. — *Polonia* — É fusilado em Varsovia o coronel Grimmi principal accusado do crime de alta traição e impostas penas de 10 a 20 annos de trabalhos forçados a 18 officias implicados no mesmo crime. — *Estados Unidos* — Declaram-se em grève 20:000 descarregadores em Boston. — A camara accete o projecto de lei Hennburg sobre o canal inter-oceanico, preferindo-se Nicaragua. — *Africa do Sul* — O general boer Delarey põe em liberdade o general inglez Methuen, aprisionado, entregando o á guarnição ingleza de Kiksdorp.

14 *Estados Unidos* — O senado ratifica a convenção da Haya concernente ás leis e usos da guerra terrestre.

15 *Russia* — A commissão de fazenda decide construir novas linhas ferreas que atravessarão varios districtos da Siberia.

16 *França* — O tribunal de appellação de Rouen confirma a condemnação a 6 mezes de prisão do conselheiro municipal de Paris, Barillier, por injurias ao presidente da republica. — *Italia* — Acaba a militarisação do pessoal dos caminhos de ferro de Roma. — *Estados Unidos* — Na occasião de se proceder á benção de uma ponte sobre o rio Maranon, em Lima, esta quebrou-se precipitando-se todas as pessoas que estavam em cima assistindo á cerimonia e das quaes pereceram afogadas umas cem.

17 *Africa* — É destruido por um violento incendio o theatro municipal de Oran. — *Hespanha* — A *Gaceta Official* publica uma real ordem fixando em oito horas o dia normal de trabalho para os operarios das fabricas e minas do estado. Havendo trabalho a mais, será paga cada hora pela oitava parte do salario estipulado. — *Republica Argentina* — Um enorme incendio destroe parte do arsenal de marinha de Valparaizo, avaliando-se os estragos em cem milhões de pesos. — *Estados Unidos* — O senado vota o projecto de lei sobre os premios de navegação.



THEATROS

Primeiras representações de originaes portuguezes e traducções durante o mez de Dezembro

JANEIRO 29 — A *PETIZA* peça em 6 quadros original do sr. Maximiliano de Azevedo (Theatro do Principe Real).

FEVEREIRO 4 — JUIZ D'UMA CANNA, comedia 3 actos de Alexandre Bisson traduzido pelo sr. Accacio Antunes (Theatro do Gymnasio).

15 — CRUCIFICADOS peça do sr. Julio Dantas (Theatro D. Amelia).

MARÇO.—5 — *Os malhados*, peça em 3 actos original do sr. Arthur Lobo d'Avila (Theatro de D. Amelia).

7 — *Historia de um crime*, comedia em 3 actos, traducção, da actriz Emilia Eduarda (Theatro do Gymnasio).

7 — *O sentinella*, comedia em 1 acto, imitação da actriz Emilia Eduarda (Theatro do Gymnasio).

7 — *A' procura do badalo...*, revista em 3 actos, original do sr. Baptista Diniz (Theatro do Principe Real).

7 — *Fôra dos eixos*, revista em 3 actos, do sr. Daniel Alves (Theatro do Rato).

13 — *A aposta do Floriano*, operetta em 4 actos de Freund e Manustaedt traducção livre do sr. J. Freitas Branco (Theatro da Trindade).

15 — *Blanchette*, peça em 3 actos de Brieux, traduzida pelo sr. João Luzo (Theatro de D. Amelia).

19 — *Uma teima*, comedia em 1 acto imitação do sr. Freitas Branco (Theatro do Gymnasio).

24 — *A ceia dos cardeaes*, peça em 1 acto em verso do sr. Julio Dantas (Theatro de D. Amelia).

24 — *Os dois barcos*, peça em 1 acto em verso do sr. D. João da Camara (Theatro de D. Amelia).

24 — *O Tio Pedro*, peça em 1 acto do sr. Marcellino de Mesquiia (Theatro de D. Amelia).

24 — *O Grande Elias e Silencio Calado*, monologos do sr. Eduardo Garrido (Theatro de D. Amelia).



NECROLOGIA

JANEIRO 26 — M. BALLAY governador geral da Africa occidental franceza, no Senegal.

27 — D. NICOLAU de GOVRI antigo secretario da legação de Hespanha em Portugal, em Madrid.

28 — JOSEPHA GRENO, 54 annos, em Lisboa. Heroína no drama de assassinato de seu marido o conhecido pintor.

30 — CONSELHEIRO JOÃO IGNACIO HOLBECHE, 78 annos, em Lisboa. Juiz aposentado do Supremo Tribunal de Justiça, tendo exercido varias commissões officiaes.

30 — GENERAL du BARAIL, antigo ministro da guerra, em Paris.

FEVEREIRO 7 — PRINCEZA RATTAZZI, 64 annos, em Paris, auctora do *Portugal á vol d'oiseau* e de outras producções litterarias, neta de Lucien Bonaparte.

8 — CLÉMENCE de ROYER, 72 annos, em Paris traductora de Darwin e litterata eminente auctora da *Doctrine de l'Evolution, Histoire du Pessimisme, l'Ordre du monde* etc.

8 — DUQUE de CROY, em Cannes, pae da archiduqueza Izabel.

11 — BISPO de ANGOLA, D. Antonio Dias Ferreira, em Arganil.

12 — LORD DUFFERIN e AVA, em Londres, antigo embaixador em Roma e depois em Paris.

12 — HENRIQUE CARLOS de MIRANDA, 80 annos no Porto fundador do jornal *O commercio do Porto*.

15 — HACRUB, em Copenhague, ministro dinamarquezes das obras publicas.

19 — MARCELINO DESMOULIN em Nice, pintor.

23 — CHARLES LETOURNEAU em Paris, notavel sociologista.

25 — Almirante JOSÉ BAPTISTA de ANDRADE, 82 annos, em Lisboa entrou em diversos combates em 1857 em Angola, tomou parte na defesa de Bembe em 1800, foi governador de Angola e Ambriz e commandante de varios brigues e corvetas e Conselheiro d'Estado, etc.

27 — General JOÃO PEDRO TAVARES TRIGUEIROS 70 annos, em Lisboa, engenheiro distincto conselheiro d'estado, membro da junta consultiva d'obras publicas etc.

MARÇO 6 — FREDERICO AROUCA, em Lisboa, 50 annos, conselheiro d'Estado, antigo ministro das Obras Publicas e dos Estrangeiros, etc.

7 — ANTONIO VICO, em Santiago de Cuba, notavel actor hespanhol.

7 — NAAMEN, em Haya, presidente da primeira camara dos Estados Geraes.

12 — JAVIER DE BURGOS, em Madrid, notavel zarzuelista, auctor da zarzuela *El Baile de Luis Alonso* e outras.

15 — CUSTODIO JOSÉ DE MELLO contra-almirante, no Rio de Janeiro, desempenhou um papel preponderante no Brazil em 1893, quando da revolta contra o governo do marechal Floriano Peixoto.

19 — MANOEL SAN CLEMENTE, presidente da Columbia.

20 — General ANTONIO ABRANCHES DE QUEIROZ, em Lisboa, commandante das guardas municipaes.

21 — TITO DE CARVALHO, em Lisboa, burocrata e jornalista illustre.

23 — KOLMAN FISZA, em Buda-Pesth, estadista hungaro.

25 — CECIL RHODES, na cidade do Cabo.

PHOTOGRAPHIA PRATICA

Dada a vulgarisação sempre crescente da arte photographica entre amadores, que d'ella fazem agradável entretenimento, daremos com a regularidade possivel n'esta secção, noticia de processos, formulas, machinas ou inventos, que possam ser praticamente utilisaveis.

Photographia de interiores por meio da luz artificial

Uma falta commum da maior parte dos photographos ao fazer paesagens ou interiores é a de querer abranger na prova assumpto em excesso. Saber o que se deve eliminar em qualquer assumpto, finalmente saber fazer sacrificios, é cousa de grande importancia n'estes generos de photographias.

Referirmo-nos não só á disposição artistica mas tambem ao assumpto encarado sob o ponto de vista mechanicó.

Quanto á disposição, entende-se não a acção de reunir e de amontoar no canto de uma casa todos os seus objectos que pareçam bonitos e photographal-os em seguida, mas ainda, não transtornar completamente a sua disposição.

Pelo contrario, disponham-se e mudem-se certos moveis segundo as exigencias da perspectiva e das suas exaggerações, sobretudo se se empregar uma objectiva de grande angulo. N'este caso não se devem collocar os objectos muito proximos da objectiva aproveitando os lados d'uma mesa, de um *fauteuil* etc. de forma que fiquem representados na prova o que produz sempre bom effeito. Não se deve alterar cousa alguma de um quarto sem primeiro verificar o effeito produzido no vidro despolido pois que a objectiva é um olho que reproduz os defeitos e as bellezas com equal fidelidade.

Não se trata agora de discutir as vantagens theoricas e praticas do emprego de uma objectiva de grande angulo. Diremos no entanto que sendo possivel, deve preferir-se o uso de uma objectiva que abranja um angulo medio pois que ella apresentará o assumpto mais fiel, isto é, conforme ao effeito produzido pela nossa vista e portanto mais satisfatorio em todo o sentido.

Deve-se fazer uso do nivel de bolha de ar e ajustar a bascula afim de se dár á camara escura uma posição correcta.

E' muitas vezes difficil pôr em fóco um objecto escuro e determinar exactamente os limites no vidro despolido.

Um objecto branco, um lenço, por exemplo indicará as dimensões do campo de vista a photographar; durante a noute, uma vela accesa produzirá o mesmo resultado.

Um outro expediente ainda mais commodo consiste em collar letras recortadas em papel negro sobre um vidro despolido que se colloca no sitio onde se deseja o fóco geral, collocando se uma luz por detraz do vidro despolido obtendo-se assim um excellente ponto de fóco, ainda mais passeiando o vidro despolido e a luz, poder-se-ha verificar quaes as partes

que a objectiva abrange pois que servirá como que de pharol que necessariamente se deve vêr.

Deve-se evitar com todo o cuidado os reflexos e as contra-luzes provenientes dos espelhos, das gravuras e das pinturas emolduradas com vidro.

Já indicámos acima, que, uma grande parte do exito depende da exclusão na prova de certos lados de mau effeito d'uma casa, e o operador deverá, só com um simples golpe de vista escolher a parte util a photographar.

Um angulo de um quarto por exemplo, poderá produzir um bom effeito na prova, emquanto que a totalidade o destruiria.

Uma chaminé, com uma cadeira proxima, uma bandeja com todos os accessorios para o serviço de chá ou café collocada sobre uma mesa, um reposteiro levantado ou não, uma porta entreaberta etc, etc. podem concorrer muito para a composição agradável do assumpto.

Escolha-se bem em primeiro logar o assumpto a photographar e torne-se a composição agradável. Ponha-se em fóco com o maior cuidado não directamente ao centro do vidro despolido como para o retrato, mas a meio caminho entre o centro e os lados.

Logo que se tenha verificado que tudo está em ordem prepare-se para fazer o relampago.

Succede algumas vezes que se deseja photographar dois ou mais quartos communicando uns com os outros, o effeito produzido será excellente se as operações forem bem combinadas.

Os quartos guarnecidos de paredes ou tapeçarias escuras exigem naturalmente mais luz que aquelles onde os ha com côres claras.

Se houver um ou mais espelhos no quarto onde se opera elles reflectirão necessariamente a luz relampago ou outros objectos que os rodeam. Remedeia-se este inconveniente esfregando os espelhos com um panno e sabão ordinario.

A luz-relampago applica-se admiravelmente á reproducção de quadros, tapetes, estofos, machinas, instrumentos, etc.

Os negativos dão geralmente provas brilhantes e cheias de detalhes.

Os interiores das cavernas, tumulos etc podem igualmente ser photographados. A maneira de distribuir os fócos luminosos para este ultimo emprego deve-se accommodar a cada caso em particular.

Para pôr em fóco um qualquer objecto n'um sitio escuro é preferivel o emprego de uma lanterna que dê luz intensa e que se possa collocar onde se deseje, como por exemplo uma lanterna de bicyclete.

Logo que se deseje fazer uma photographia n'um sitio completamente escuro taes como cavernas, tumulos, tuneis ou outros analogos é necessario em primeiro logar determinar e parte do assumpto que se deseja vêr no vidro

despolido da camara e em seguida, com o auxilio de um ajudante far-se-ha passear a lanterna em todos os sentidos e assim se conseguirá tomar os pontos de referencia.

(Camara escura).



PACIENCIAS

O Cotillon

(Dois jogos completos — Enaipada)

Tiram-se em primeiro logar os *cinco*s e os *seis* do baralho que se dispoem em circulo collocando sempre a par um *cinco* com um *seis* da mesma côr, devendo os *seis* ficar á direita dos *cinco*s.

Estes pares são dispostos em côres alternadas, isto é, um par de cartas vermelhas, o outro de cartas pretas, a seguir um de cartas vermelhas e assim successivamente. As restantes cartas destinadas a formar um monte ao centro do circulo, conservam-se na mão voltadas para baixo.

Começa-se então a paciencia, tirando das cartas que estão na mão, uma a uma e verifi-

cando-se se a que apparece tem collocação sobre os *cinco*s ou os *seis*, não tendo, collocam-se ao centro do circulo esperando ahí a sua vez de serem collocadas.

Logo que appareça um *sete* collocar-se-ha sobre o *seis*, linha ascendente, se apparecer um *quatro*, collocar-se ha este sobre o *cinco*, linha descendente e assim successivamente.

Exemplo: sobre um *seis* de copas, colloca-se o *sete* de copas, a seguir o *oito* até ao *valete* e acabando em *dama*; sobre os *cinco*s, collocam-se os *quatro*s, os *trez*, os *dois* os *azes* e sobre estes os *reis*. Para o cotillon ficar completo, devem os montes da direita terminar em *damas* e os da esquerda em *reis*.

Para se obter este resultado passa se o baralho duas vezes.

PROBLEMAS

Resoluções do numero anterior

N.º 21 — De 12.672.800 maneiras.

N.º 25 — De 704.982.460.000 maneiras.

N.º 23 — *Xadrez*:

BRANCOS

1. Ra para Ra B 8
2. Xeque e mate.

PRETOS

1. Qualquer

Num. 27.

Um editor pretende publicar um livro, illustrado com 12 chromolithographias e 18 gravuras. Possui, para escolher, 30 chromolithographias e 37 gravuras. Quantas combinações diferentes poderá o editor fazer para illustrar o volume?

Num. 28.

N'uma eleição apresentam-se 6 candidatos para 4 pessoas a eleger. Se cada eleitor pôde inscrever na sua lista um numero qualquer de nomes, sem todavia exceder 4, de quantas maneiras poderá elle votar?

Num. 29.

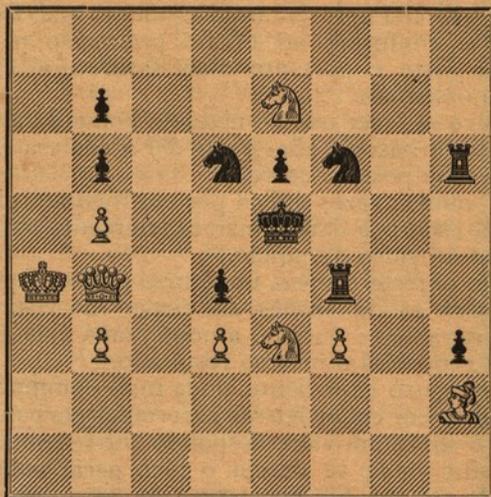
Um destacamento de 30 homens deve fornecer cada noite uma guarda de 4 homens.

Para quantas noites se poderá formar uma guarda differente, e quantas vezes entrará cada soldado de serviço?

XADREZ

Num. 30

PRETOS (10 peças)



BRANCOS (9 peças)

Os brancos jogam e dão mate em dois lanços

